

Novo Report Senninha.
Cada folha de papel serve para seu filho e mais 400 mil crianças.

Ao comprar Report, o sulfite do Senninha, você faz muito mais do que dar ao seu filho o melhor papel para trabalhos escolares. Você dá a 400.000 crianças e adolescentes a oportunidade de poderem estudar e aprender. Porque toda a renda obtida com os direitos de uso do personagem Senninha é destinada aos projetos sociais apoiados pelo Instituto Ayrton Senna. Assim, cada folha de Report, o sulfite do Senninha, é usada duas vezes: nos trabalhos escolares e no trabalho social, ambos com excelentes resultados.

REPORT
O SULFITE DO SENNINHA

Atividades para seu filho:
www.reportsenninha.com.br
SAC 0800.555100

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Capa impressa em Papelcartão Supremo Alta Alvura 250 g/m² da Cia. Suzano, produzido com recursos renováveis. Cada árvore utilizada foi plantada para este fim.

O INSTITUTO ECOFUTURO APRESENTA OS TRABALHOS PREMIADOS DO CONCURSO DE REDAÇÃO

TIRANDO DE LETRA III

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"



Realização:
ECOFUTURO
Instituído por:
SUZANO

O INSTITUTO ECOFUTURO APRESENTA OS
PREMIADOS DO CONCURSO DE REDAÇÃO



TIRANDO DE LETRA III

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Patrocínio:

SUZANO

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA





RECICLATO,

O PAPEL QUE FAZ A NATUREZA VIVA.

Reciclato é o primeiro papel offset brasileiro 100% reciclado, produzido em escala industrial a partir de aparas pré e pós-consumo. Parte das aparas pós-consumo utilizadas em sua produção é adquirida diretamente de uma cooperativa de catadores de papel, onde a coleta seletiva é um meio de geração de renda e reinserção social. Além disso, parte da renda obtida com a venda do Reciclato é destinada aos projetos socioambientais do Instituto Ecofuturo, organização não-governamental criada pela Suzano para promover o desenvolvimento sustentável a partir do respeito à natureza e às pessoas. Reciclato é a maior prova de que é possível conjugar crescimento econômico com responsabilidade social.

Gramaturas: 75, 90, 120, 150, 180 e 240g/m².
Formato: 66x96cm. Bobinas e outros formatos sob consulta.
Parte dos recursos obtidos com a venda desse produto é destinada aos projetos sociais e ambientais do Instituto Ecofuturo, organização não-governamental criada pela Suzano para promover o desenvolvimento sustentável no Brasil.

RECICLATO SUZANO
0800 555 100
Visite nosso site: www.suzano.com.br



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Miolo impresso em Reciclato 90 g/m² da Cia. Suzano, o primeiro papel offset brasileiro 100% reciclado, produzido em escala industrial.

Publicação realizada de acordo com o regulamento do concurso de redação
"Tirando de Letra III - A Turma do Folclore e Eu em Defesa do Meio Ambiente"

Tiragem: 9.000 exemplares

Foi com muita satisfação que a Cia. Suzano de Papel e Celulose patrocinou, pela terceira vez consecutiva, o Concurso de Redação Ler é Preciso.

O concurso, uma das ações do projeto "Ler é Preciso", tem o compromisso de estimular o hábito de leitura em todo o País e tornou-se uma ferramenta de diálogo com educadores e com o público infanto-juvenil. As descobertas possíveis nos livros com as redações premiadas propiciam e estimulam a troca do conhecimento.

A Suzano, através deste projeto, investe na palavra escrita e no ato de ler como forma de promover a difusão de valores humanistas, o crescimento pessoal e o aprendizado de noções de cidadania.

Certa de que a educação é um dos pilares essenciais na construção de uma sociedade desenvolvida e solidária, a Cia. Suzano cumpre com seriedade sua responsabilidade como empresa cidadã.

Murilo Passos
Diretor Superintendente

SUZANO

Uma nova geração de escritores está surgindo.


Foto: Itamu Mitsueda/Carlos Magno

Daiane Aparecida Laurindo

12 anos. Exatamente como a maioria da garotada da sua idade no Brasil, lia por obrigação. Hoje isso é passado. Desde a implantação da Biblioteca Comunitária Ler é Preciso, de Salesópolis, Daiane iniciou um novo relacionamento com os livros, que a inspiram a tal ponto que descobriu-se uma pequena poetisa de futuro, escrevendo quase que diariamente.

Sonhar é preciso

Com este argumento, a professora Rosa Fátima Peçanha, da Escola Municipal Sergipe, do Morro do Juramento, região de alta periculosidade do Rio de Janeiro, estimulou seus alunos a participar do Concurso de Redação "A Turma do Folclore e Eu em Defesa do Meio Ambiente". Por isso, quando o menino Alan Rodrigues Cristiano ganhou, disse ela, a comunidade inteira ganhou junto. "Vocês não imaginam a transformação que essa ação gerou: as crianças ganharam a perspectiva de que podem sonhar e mudar a sua realidade."


Arquivo pessoal


Foto: Itamu Mitsueda/Carlos Magno

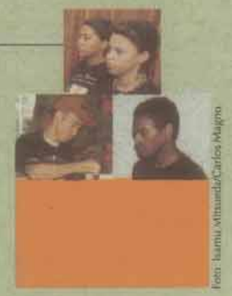
Foto: Luis Cerdóimo

Revelações

Estela Louzano Pontes, 12 anos. Enviou, junto com sua redação, um bilhete dizendo "já me sinto uma quase escritora", pois já havia participado e ganho no primeiro e no segundo concurso. Estela e Evelyn Schafer Licciardi, respectivamente, são duas grandes revelações do projeto: foram classificadas e premiadas nos três Concursos de Redação Ler é Preciso realizados até o momento.

Instituição Beneficente Santa Fé

Há oito anos atuando com a mais absoluta competência e seriedade junto a crianças e adolescentes que já viveram nas ruas de São Paulo. Quatro adolescentes foram treinados e contratados para fazer a recepção do evento de premiação deste último concurso. Um dos meninos, que ainda está em fase de alfabetização, motivado e inspirado pela energia e alto-astral que vivenciou no evento, solicitou aulas particulares para acelerar seu aprendizado, agora complementado com sessões periódicas de leitura.


Foto: Itamu Mitsueda/Carlos Magno

Conheça agora trechos dessa história que estamos ajudando a escrever melhor, onde idéias, pessoas e atitudes concretas estão transformando sonhos em realidade:

Talento e Sensibilidade: ingredientes que os vencedores do concurso já aprenderam a misturar.







DANIEL AZULAY
Daniel faz arte e presenteia um amiguinho com um de seus desenhos.

Mais uma vez, o Concurso de Redação Ler é Preciso foi um grande sucesso. Foram mais de 3.600 redações bem humoradas e criativas sobre o tema: **"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"**, elaboradas por crianças de 7 a 12 anos. A entrega dos prêmios para os autores das 60 melhores idéias aconteceu no dia 11/12/2001, no MAM, Parque do Ibirapuera/São Paulo e contou, também, com dois convidados especiais: o escritor Daniel Munduruku e o desenhista e apresentador Daniel Azulay. Estes 60 novos escritores mostraram que possuem talento, sensibilidade e inteligência de sobra para tirar as dificuldades de letra e incluir em nossa história capítulos inéditos de respeito à natureza, valorização da cultura e do ser humano.



Fotos: Isamu Mitsueda/Carlos Magno

7 a 9 anos



ORDEM DE COLOCAÇÃO – CATEGORIA 7 A 9 ANOS

ELISA MARTINS JUVINIANO 14
CAROLINE BERARDI CHAIBUB 15
GUSTAVO HENRIQUE PEREZ 17
ERICA DOS REIS SILVEIRA 19
MIRLA SILVA LIMA 21

ORDEM ALFABÉTICA

ALAN RODRIGUES CRISTIANO 23
AMANDA DAVID KOCK NEVES 24
AMANDA LIMA FERREIRA 25
ANA CAROLINA NUNES DA SILVA OLIVEIRA 27
ARTHUR RIBEIRO TORRES 29
BÉTHANY OLIVEIRA NASCIMENTO 30
CAIO LUIZ GOMES 32
FERNANDO MADRUGA DOTTO 34
GUILHERME C. DOS SANTOS 36
HENRY NASSER GOMES 38
IGOR DE C. VECCHI 40
ILANA GAMA LUCINDO 41
JULIANA FAORO PFISTERER 42
KARINA MACHADO DOS SANTOS 43
LEILA SILVA BRAMBILLA 45
LUISA MARIA AUGUSTO DE AZEVEDO 46
LUIZ FERNANDO PEREIRA ZOTTICH 49
MARCELA CURY COELHO 50
MARIANA LICCIARDI OLIVO 51
MARINA ROSA CARNEIRO 53
PETRA ANNY FREY 55
REJANE PEREIRA SANTOS 56
RENATA BIN NOGUEIRA 57
VINÍCIUS ARAUJO MASIERO 58
WRIEL GOMES DE CARVALHO 60

10 a 12 anos



ORDEM DE COLOCAÇÃO – CATEGORIA 10 A 12 ANOS

ESTELA LOUZANO PONTES 66
LUCAS DE MACEDO E SOUZA 70
ILLANA RAMUTH 72
THAÍS CORRÊA RIBEIRO 76
RAONI SAMMUT NEGRÃO 78

ORDEM ALFABÉTICA

BÁRBARA R. SORRENTI 80
BEATRIZ ACÁCIA LOURENÇO 85
CAMILA COUTINHO MIRANDA 89
DIEGO CARAPIÁ DA COSTA 91
ESTELA ROCHA DE ÚNGARO 93
EVELYN SCHAFER LICCIARDI 94
GUSTAVO AURELIANO FIRMO 96
JÉSSICA DOS SANTOS ALVES 99
JULIANA CARVALHO DE LIMA 100
JULIANA MATHEUS 103
LUANA NEVES TRIGO 105
LUIZE ESTELA DE OLIVEIRA 109
MARIANA CASSUNDÉ 111
MARIANA SAKAE DE CASTILHO 113
MARIANE CRISTAL DE ALMEIDA BARRENCE 115
MISAEL DOS REIS MOL 118
PRISCILA RODRIGUES DE SOUZA 120
RAFAEL LIMA DE OLIVEIRA 122
RENÊ MURILO MOREIRA 125
TAHNEE VALZACHI SUGANO 129
TALITA MARIA TEIXEIRA SILVA 130
TATIANA FONSECA DE LA VOLPE 131
THAMILIN ASO 135
VINICIUS LIBANORI DE AZEVEDO 137
YASMIN MALDONADO DIZ LATINI 140

Um belo dia na floresta, quando Saci-Pererê ronda pelas matas, de repente escuta um barulho e pergunta a si mesmo:

– O que será este barulho?

Então decidiu chamar o Caipora para dar uma olhadinha e ver o que era.

– Caipora, ouvi um barulho estranho. Será que poderia ver o que era, junto a mim?

– Claro que sim.

Então Saci saiu saltitante junto ao Caipora e foi ver o que sucedia.

Ao verem o que era, Caipora e Saci ficaram surpresos. Muita gente estava destruindo e desmatando a floresta, queimando as árvores, sujando os rios e conseqüentemente destruindo o habitat dos animais. Saci e Caipora decidiram avisar a todos e convocar uma reunião para decidir o que fariam com aquela gente. O encontro foi perto do lago, todos estão lá.

Saci disse:

– Por que não pedimos a Iara que acabe com eles, com toda a sua beleza?

– Não, Saci, isto não está certo.

– Mas Iara, precisamos de um plano, pois eles não podem fazer isso com nossa floresta, vivemos aqui.

– Mas também Saci pode dar um susto neles.

– Como?

– À noite, quando estiver dormindo.

– Não entendi.

– Você é sorrateiro, Saci, pode roubar à noite alguma coisa deles e, quem sabe, não ficam assustados e vão embora? – Caipora, você dá cobertura para o Saci?

– Está bem.

– Quero ajudar.

– Acalme-se, Boto, conseguiremos juntos salvar nossa casa, que é a floresta.

– Você, Boto, vai vigiar para que ninguém veja o Saci.

– Está bem.

A noite chegou, toda aquela gente que destruiu a natureza adormeceu, era hora de pôr o plano em prática. A peripécia foi realizada. Saci roubou a mochila com água e comida, e também levou armadilhas que serviriam para aprisionar pássaros silvestres.

No outro dia, o grupo que prendeu os pássaros acordou. O homem do qual Saci tinha roubado o material de trabalho ainda dormia, distante dos outros, embaixo de um coqueiro. Logo no dia seguinte, Saci foi mostrar para a Iara a mochila e as armadilhas. Iara disse que talvez, com isso, o grupo dos que prendiam pássaros fosse embora. E foi dito e feito. Logo depois, o grupo estava indo embora, mas ainda restavam dois problemas: o grupo que queimava a floresta e o

grupo que poluía as águas. Então o Boto Rosa teve um plano.

– Iara mãe, tenho um plano para afastar os grupos da floresta. Podemos dar também um susto nos grupos da água e fogo. Podemos pedir que o Saci assuste-os novamente.

– Não, Saci. Este plano não vai dar certo. Eles não vão se assustar.

Então Caipora teve um plano. Iara poderia cantar para atraí-los.

– Já disse que não, Caipora, não quero matar ninguém, pois dessa forma me igualaria a eles.

– Não, Iara, só estaria tentando defender a nossa casa, que é a natureza.

– Não, Caipora, já disse.

– Mas...

– Não insista, Caipora, por favor, não vou fazer isso.

E eles ficavam a pensar numa forma de expulsá-los de lá, e também estavam muito tristes, pois, com esses grupos, muitos colegas seus estavam morrendo por causa da poluição dos rios e a queimada das árvores. E ali estavam a pensar sem uma solução encontrar. Saci estava triste, pois não conseguia também ter uma idéia. Mas ele conseguiu ter uma boa idéia. E então disse:

– Vamos fazer assim: você, Iara e Boto, se juntam e dão um susto neles.

– Já disse que...

– Não, Iara, não é nada disso.

– Não, não.

– Prestem atenção: quando vierem jogar aquele lixo. Eles vêm jogar aquele lixo à noite, não?

– Sim. E daí?

– Aí, é onde vocês aparecem.

– Não entendi.

– Vocês aparecem e pedem para eles irem embora. Assim eles ficam assustados, e quem sabe não vão embora.

– Saci, desta vez você teve uma boa idéia.

– À noite, eu e o Boto realizaremos esse plano.

Novamente, dito e feito. Os poluidores do rio se assustaram muito e também foram embora. Mas agora eles tinham o problema maior, aquelas pessoas estavam queimando a floresta mais do que nunca. Esse seria o maior obstáculo de todos: vencer o fogo. Lembraram de uma grande amiga que poderia ajudá-los.

Era ela, com o nome de M'Boitatá – uma cobra de fogo enorme, muito amiga de Iara, mãe d'água.

Então todos decidiram pedir a M'Boitatá que os ajudasse, pois necessitavam dessa ajuda. Foram lá, chamaram a grande cobra de fogo para surpreender o grupo que queimava árvores para eles irem embora. M'Boitatá nem pensou duas vezes, não hesitou em ajudar. Como era amiga de

todos, perguntou com interesse:

– Como e quando vai ser realizado o plano?

– É o seguinte, o plano é esse: quando vierem queimar nossas árvores, você aparece e solta uma grande rajada de fogo.

M'Boitatá concordou imediatamente.

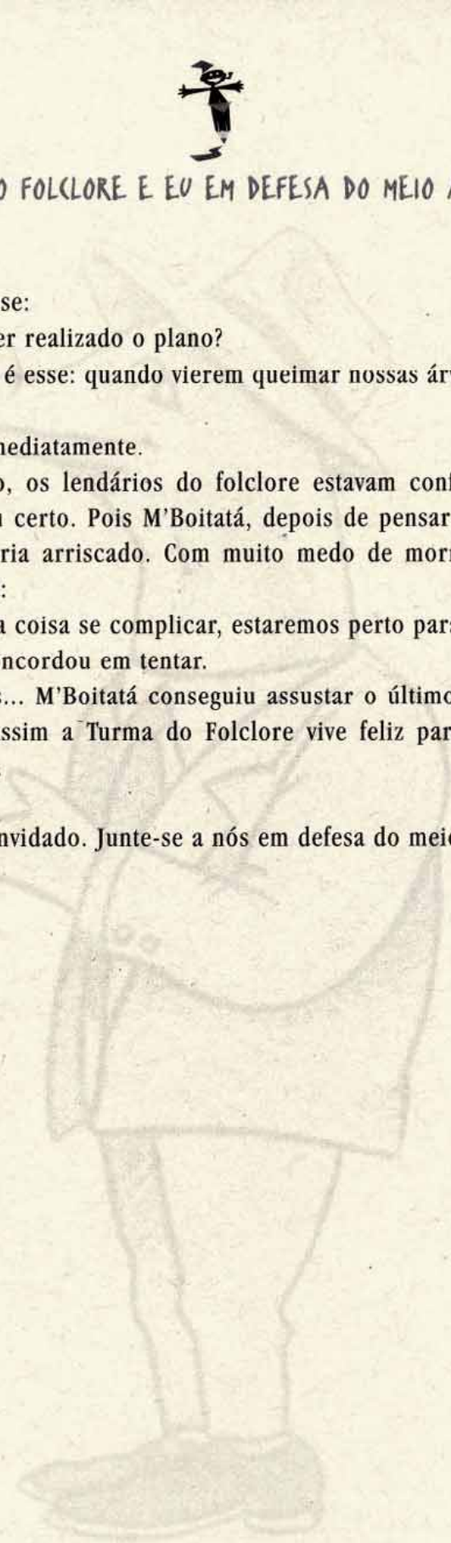
O plano estava armado, os lendários do folclore estavam confiantes em M'Boitatá, mas infelizmente o plano não deu certo. Pois M'Boitatá, depois de pensar muito e ter observado de longe o grupo, disse que seria arriscado. Com muito medo de morrerem fora de seu habitat natural, disseram a M'Boitatá:

– Prometemos que, se a coisa se complicar, estaremos perto para ajudá-la.

Então ela novamente concordou em tentar.

Uma alegria para todos... M'Boitatá conseguiu assustar o último grupo e a floresta estava livre de qualquer ameaça. Assim a Turma do Folclore vive feliz para sempre. E até hoje são lembrados em nosso folclore.

Venha, você é nosso convidado. Junte-se a nós em defesa do meio ambiente.



Juliana Carvalho de Lima - Horizonte - CE
11 anos
Escola Raimundo Nogueira

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

MEU PEDACINHO DE VERDE!!!

Olá! Meu nome é Juliana e tenho 11 anos. Vivo na poluição das cidades paulistanas, mas queria sair um pouco disso, ir para o meio do mato.

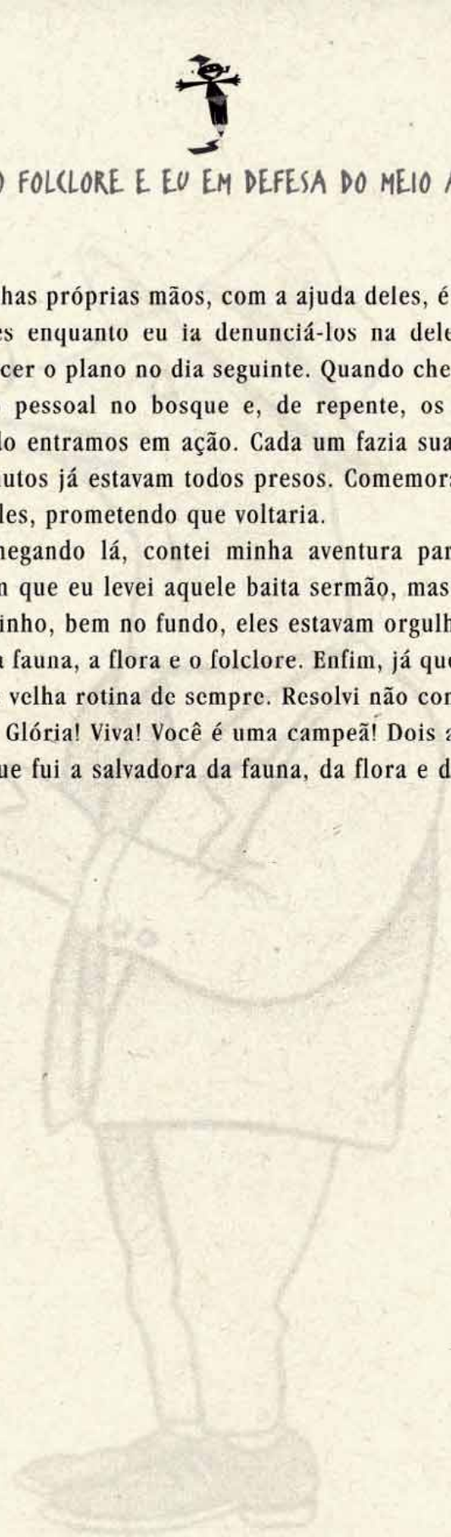
Certo dia, meu pai chegou com uns papéis estranhos na mão, balançando-os agitadamente de um lado para o outro. Quando falou do que se tratava, demos pulos de alegria. Ele havia comprado um terreno no interior paulista! E o melhor: era um grande terreno que ficava ao lado de um belo bosque! Meses depois, quando a casa estava pronta, viajamos para lá superanimados. Quando chegamos, parecia que estávamos no paraíso: era uma linda e aconchegante casa, ao lado de um denso e belo bosque. Ficamos maravilhados e resolvemos ficar por lá. Pedi à minha mãe para deixar-me explorar o bosque. A resposta foi positiva. Então comecei a andar, ver a natureza de perto e saber que estava perto de mim. Fiquei muito satisfeita e muito orgulhosa. Estava andando calmamente observando a natureza, quando, de repente, ouvi alguns ruídos, mas não me assustei, achando que eram os animais. Os ruídos foram aumentando até que, muito assustada, tropecei em um galho, caí e desmaiei. Ao acordar, dei de cara com um negrinho de aparência sapeca, com um gorro vermelho e um cachimbo na boca. Levei um baita susto, mas ele só ria. Tive um certo tempo para reconhecê-lo, mas quando vi que tinha uma perna apenas, soltei um grito junto com uma exclamação:

– SACI-PERERÊ!!!

Começamos a conversar, quando chegou a Mula-Sem-Cabeça. Fiquei assustada, mas ele me tranqüilizou e começamos a conversar. Fomos até o lago, onde iam me apresentar a Iara e o Boto-Cor-de-Rosa. Quando vi o Boto não podia imaginar como ele virava um homem tão belo. Fiquei assustada, pois pensei que ele me encantaria, mas nada aconteceu. Me apresentaram a Iara também. Essa sim, seduz os homens realmente, pois era muito bela. Conversamos bastante, mas ainda faltavam personagens folclóricos. Nos despedimos e eu, o Saci e a Mula continuamos a andar. Cruzamos com o Curupira, o protetor das florestas, que nos falou orgulhosamente de sua floresta. Novamente continuamos a andar e encontramos o M'Boitatá, o Lobisomem e o Negrinho do Pastoreio. Apesar da aparente felicidade da conversa, havia algo errado. Como viram que eu era amiga deles, decidiram desabafar comigo, com esperanças de que eu poderia ajudar, já que sou humana. Com caras muito desanimadas, relataram o problema. Era mais grave do que pensei. Eis a notícia: IAM DESMATAR O BOSQUE!!! Fiquei arrasada, pois era perto de minha casa e lindo demais. O que seria da fauna, da flora e do folclore brasileiro? Estavam muito tristes, então decidi ajudá-los. Voltei para casa correndo para jantar e falar com o meu pai o mais rápido possível. Quando fui para fora, estavam todos ansiosos à minha espera. Fiz um sinal negativo com a cabeça e ficamos todos desanimados. De repente, tive uma idéia:

resolvi fazer justiça com minhas próprias mãos, com a ajuda deles, é claro. O plano é que eles assustassem os desmatadores enquanto eu ia denunciá-los na delegacia. Combinamos tudo certo e começaríamos a exercer o plano no dia seguinte. Quando chegou o dia seguinte, estava muito excitada. Encontrei o pessoal no bosque e, de repente, os desmatadores chegaram. Estávamos escondidos quando entramos em ação. Cada um fazia sua parte, enquanto eu dava queixa na delegacia. Em minutos já estavam todos presos. Comemoramos meu último dia lá e nossa vitória. Me despedi deles, prometendo que voltaria.

Voltei para casa, e chegando lá, contei minha aventura para meus pais e eles mal puderam acreditar. Tudo bem que eu levei aquele baita sermão, mas tudo bem, ficou tudo em paz. Eu sabia que lá no fundinho, bem no fundo, eles estavam orgulhosos de mim. Eu também estava, pois consegui salvar a fauna, a flora e o folclore. Enfim, já que viajamos nas férias, elas acabaram e voltamos à boa e velha rotina de sempre. Resolvi não contar pra ninguém e contar só pra mim, no pensamento. Glória! Viva! Você é uma campeã! Dois anos se passaram e eu me lembro, com muita honra, que fui a salvadora da fauna, da flora e de outra coisa importante: O FOLCLORE BRASILEIRO!!!



Juliana Matheus - São Caetano do Sul - SP
11 anos
I. E. Cecília Meireles

"A TURMA DO FOLCLORE E EU UNIDOS PELO AMOR À NATUREZA"

Essa história inicia-se há alguns dias, quando meu irmão e eu estávamos na sala assistindo a um desenho que passava na TV. No meio do desenho, quando ninguém esperava, a musiquinha do plantão da Rede Globo, juntamente com a voz trêmula do repórter, soou em nossos ouvidos com aquela lamentável notícia: naquele momento estava acontecendo um grande incêndio na Floresta Amazônica e, infelizmente, os bombeiros não estavam conseguindo controlar o fogo. Segundo as autoridades, o fogo teve início graças a um cigarro que fora jogado na floresta.

Fui dormir, inconformada com tamanha irresponsabilidade dos seres humanos. Já tinha estudado na escola sobre o efeito estufa, a camada de ozônio, chuvas ácidas, desmatamento da Mata Atlântica, na Araucária, na Floresta Amazônica; sobre os animais em extinção... Mas nunca pensei que a situação chegasse a esse ponto!

Às vezes, acho que até eu governaria melhor este país! Sei que não é fácil, mas... Deitei-me na cama ainda pensando nisso, mas como estava muito cansada, adormeci rapidamente. Lembro com nitidez que estava sonhando, quando ouvi um barulho na cozinha. Levantei-me e fui até lá para averiguar se havia acontecido alguma coisa. Chegando lá, percebi que algo estava realmente estranho. Certifiquei-me disso quando encontrei na porta da geladeira um bilhete que dizia: "Precisamos de você! Ajude-nos!"

Imediatamente, levei um susto. Quem será que escreveu isso? – pensei.

Mas somente alguns minutos depois percebi que havia muitas pegadas na cozinha, estendendo-se até a porta da lavanderia, que dava para o jardim.

Curiosa como sou, não pude perder a oportunidade de bancar o Sherlock Holmes e investigar o mistério. Segui as pegadas, abri a porta que dava para o jardim e, em poucos segundos, já me perdia no meio de tantas flores.

Olhei para um lado, para o outro, e nada. De repente, tive a ligeira impressão de estar sendo vigiada, mas, ao alcance dos meus olhos, não notava nada de diferente a não ser aquele chumacinho esquisito de cor vermelha e aquela fumaça cinza, que se escondia naquelas folhagens secas do último inverno.

Fui me aproximando. Meu frágil coração batia cada vez mais rápido. A cada passo, sentia uma sensação diferente. Parei por um momento. Poucos centímetros distanciavam-me daquela estranha "criatura", quando ela se mexeu. Quase virei do avesso de tanto susto, mas tomei coragem e puxei aquela "coisa" vermelha. Se antes eu quase virei do avesso, dessa vez eu acho que virei mesmo!

Imagine você nessa situação: você está num sono profundo e ouve um barulho. Vai sozinha até a cozinha de sua casa e percebe um bilhete de socorro na porta da geladeira e vê pegadas no chão.

Segue-as e, no jardim, encontra uma coisa vermelha escondida na folhagem. Toma coragem e puxa. E o que você encontra? Nada mais nada menos do que o famoso Saci-Pererê! Não sei como, mas não gritei. Somente comecei a rir. É isso mesmo, a rir! Dizia:

– Mas é claro que isso é um sonho. Desde quando o Saci-Pererê existe?

– Não fale isso que é pecado. Se você está me vendo, como pode dizer que é um sonho? - perguntou-me o Saci.

– Claro que é. E posso até provar. É só eu dar uma beliscadinha aqui no meu braço e... AAAAAAI!

– O quê? Eu não acordei? Será que estou delirando?

– Eu já disse que não. – insistiu o Saci.

– Então você é de verdade mesmo?! Mas como?

– Menos pergunta e mais ação. Venha comigo e no caminho eu lhe explicarei tudo! - sugeriu.

– Então espere um momento, irei dizer à minha mãe que vou dar uma saidinha e...

– Não faça isso, ordenou-me o Saci com voz de superioridade.

– Por quê?

– Sua mãe não acreditará que eu sou mesmo o Saci e desconfiará de você, pois eu não acho nem um pouco comum uma garota de apenas 12 anos sair a altas horas da noite por aí, você não acha?

Concordei com ele, mas antes de sair, coloquei todos os meus ursinhos de pelúcia em minha cama, para minha mãe não desconfiar de nada pelo menos até as sete da manhã, quando ela me chama para ir à escola. Não resisti e deixei-lhe um bilhete dizendo que voltaria logo.

Como já disse, obedeci o Saci porque sabia que para ele aparecer para nós, seres humanos, tinha que estar acontecendo algo de muito grave. Enfim, depois de ter a sensação de ter caminhado uns três mil quilômetros, chegamos a uma gruta, onde nos aguardavam muitos personagens do folclore, como o Caipora e seu javali, o Curupira, o Cumacanga, o Boto, o Boi-Bumbá, a Mula-Sem-Cabeça, o M'Boitatá, o Negrinho do Pastoreio, uns vampiros, algumas fadas e cerca de 20 bruxas e magos.

De início, fiquei meio cismado. Sei lá, vampiros, bruxas, Mula-Sem-Cabeça... Só de falar dá arrepio! Mas depois fui me acostumando. O Saci me explicou que estava havendo um grande desmatamento na Floresta Amazônica, que já haviam destruído um oitavo da floresta (cerca de 875.000 km²). E que, se nós não fizéssemos alguma coisa, logo, logo já não haveria mais verde no Brasil e no mundo. Além de milhares da fauna e da flora entrarem em extinção.

Disse também que, se não houvesse verde no mundo, as pessoas iriam deixar de sonhar e desapareceriam para sempre. Depois de alguns minutos, o Caipora resolveu quebrar o silêncio:

– Mas o que podemos fazer? Alguém tem alguma sugestão?

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Novamente fez-se silêncio.

– E se nós atraíssemos esses "primitivos" até uma armadilha e... – sugeriu a Mula-Sem-Cabeça.

– É, dá para perceber que você não tem cabeça mesmo! – retrucou o Curupira, com tom de deboche.

– Eu concordo com o Curupira. Se atraíssemos eles até uma armadilha e se exterminássemos esses desalmados, iria haver muitos outros como eles ainda. – disse com firmeza o Boto.

Depois de muita discussão, resolvemos o seguinte: iríamos até a Floresta Amazônica através do ritual "The Flower's" (o que explicarei mais tarde e você verá!).

Assim foi feito, fizemos o ritual: cada um de nós pegou uma flor e, com ela na mão, dançamos Cateretê, Frevo e Xaxado em companhia do Boi-Bumbá. Quando a dança já estava terminando, de repente, já estávamos em plena selva.

Todos ficaram muito contentes com o feito, mas isso durou pouco; até nós descobrirmos que fomos parar na fazenda onde vivia o Negrinho do Pastoreio antes de morrer. Lá, tive a oportunidade de conhecer um pouco sobre aquela época em que as pessoas negras ainda eram escravas.

Depois, como num passe de mágica, estávamos no colégio de jesuítas, onde pudemos conhecer o Padre José de Anchieta em 1560, quando ele mencionou o nome do Curupira e do M'Boitatá em um documento. Enquanto isso, lá em casa, minha mãe já havia descoberto meu sumiço, mas por causa do bilhete que lhe deixei, ainda não tinha chamado a polícia.

Visitamos muitos lugares, muitas fantasias, mundos diferentes, até chegarmos, enfim, na Floresta Amazônica. Por volta das nove horas da manhã, depois de muito andar, avistamos tratores trabalhando e homens cortando árvores. Eles pareciam estar muito felizes com aquilo, achavam que ninguém iria impedi-los de enriquecerem com a destruição do meio ambiente. Pois estavam enganados!

Antes de agirmos, fomos até uma humilde vila de pescadores e índios que também não queriam ficar de braços cruzados. Por sorte, eles decidiram nos ajudar. Houve então uma mudança de planos: iríamos agir à noite, roubando tratores e dando um baita susto nos homens. Mas depois achamos que não devíamos fazer aquilo, pois estaríamos agindo como eles.

Então, lá pelas três horas da tarde, os pescadores, os índios, a Turminha do Folclore e eu, fizemos uma grande corrente na frente dos tratores, impedindo-os de trabalharem.

– Saiam da frente! Eu tenho mais o que fazer! – gritou um dos homens.

– Nós não iremos sair daqui até que vocês parem com isso!

– Saiam! Vão pular Carnaval! – debochou o homem, que achava que a Turma do Folclore eram crianças fantasiadas. Santa ignorância!

Nesse momento, mais do que nunca, unimos nossos pensamentos e cantamos com muito amor o Hino Nacional Brasileiro:

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante.
E o Sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da pátria nesse instante.
Se o penhor dessa igualdade,
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte..."

Graças a uma força divina, de alguma forma esses homens enxergaram o caminho correto e pararam de destruir o meio ambiente. Apesar que irá demorar muitos anos para a natureza se recompor acho que fizemos um bom trabalho.

De repente, já estava em casa dando um abraço bem apertado em minha mãe e em meu irmão. Tudo parecia normal, até que...

– Filha, acorda! Já está na hora de você ir para a escola! Você estava dormindo tão profundamente, estava sonhando? – perguntou minha mãe.

– Acho que sim, mamãe. Mas parecia tão real!

Estava quase certa de que tudo aquilo não havia passado de um sonho quando encontrei, debaixo da minha cama, um cachimbo e um gorro vermelho. Não contei nada para ninguém, pois sabia que não iriam acreditar em mim.

Mesmo que tudo isso seja mesmo um sonho, tenho plena convicção de que foi um alerta, um alerta ao ser humano. De repente, se a humanidade não tomar um rumo melhor, isso pode mesmo acontecer. Somente peço a Deus que os homens parem um pouco de pensar em dinheiro e comecem a pensar mais no meio ambiente, nos animais e até neles próprios.

Enquanto houver amor, felicidade e a Mãe Natureza, sempre haverá, de alguma forma, a Turminha que protegerá a natureza e lutará por um mundo melhor. Não só a Turma do Folclore, mas todas as pessoas que acreditam em Deus e no poder da natureza.

Luana Neves Trigo - Arujá - SP
12 anos
Colégio Alpha

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Meu avô era dono de uma grande fazenda, com muitas árvores e animais variados. Havia uma grande represa com muitos patinhos e uma grande casa no centro da fazenda, a sede.

Eu fiquei as férias inteiras lá. Ele decidiu que iria queimar as árvores e esvaziar a grande represa. Eu perguntei qual era o motivo que ele teria para fazer isso. Ele respondeu que já havia pensado há algum tempo, para construir um conjunto habitacional de chalés. Eu não gostei muito da idéia e também não podia interferir em nada.

Na manhã seguinte, entre oito e nove horas da manhã, meu avô me chamou e disse:

– Vamos queimar as árvores!

Eu perguntei:

– Não quer mudar de idéia? Iremos destruir parte da natureza e vida de animais inocentes, que não merecem morrer por um capricho.

Mesmo assim, ele não mudou de idéia e nós fomos, infelizmente, queimar as árvores e, é claro, esvaziar a represa.

Quando chegamos ao local onde a catástrofe aconteceria, ouvi pessoas conversando sobre o assunto, que não poderiam deixar queimar as árvores. Como sou curioso, fui olhar. Eram criaturas estranhas, diferentes de tudo o que conhecia. Mas, por incrível que pareça, reconheci uma delas: um negrinho com gorro vermelho na cuca, cachimbo e uma perna só, lógico que era o Saci-Pererê. Assisti a tudo muito assustada, já não sabia mais onde meu avô estava; fui me aproximando cada vez mais e entrei na conversa. Antes de tudo, perguntei:

– Quem são vocês? O que querem aqui? Quando vieram? De onde são?

E assim fiz muitas perguntas, até que uma cobra esquisita com fogo pelo corpo, e que falava, gritou:

– Fique quieta, menina! Não vamos fazer nenhum mal a vocês humanos, pelo contrário, são vocês que querem nos prejudicar, fazer mal.

Então fiquei calada, e eles me contaram toda a história. Disseram que ouviram meu avô dizendo que iria queimar as árvores e esvaziar a represa. Devagar fui compreendendo e me envolvendo no assunto que discutiam. Decidi apoiá-los, pois eu era contra a queimada e o esvaziamento da grande represa. Também decidi que a jornada começaria naquele instante.

Sentimos o cheiro da fumaça e começamos a correr. Eram seis pessoas defendendo e 20 para destruir tudo. O amigável Saci abriu a porteira. Vacas, bois, cabras, ovelhas, cães e cavalos correram para fora da fazenda. O Saci os assustou um pouco para que eles fugissem dali e sobrevivessem. Iara, não sei como, hipnotizou muitos homens que ficaram imóveis, inertes, encantados com tanta beleza que possuía. Os homens que ela encantou estavam esvaziando uma parte da represa. Por isso é que ela fez isso, para defender seu território.

O Curupira correu com seu porco-do-mato atrás dos homens que estavam destruindo ninhos

de galinhas e passarinhos. Ele ficou furioso e começou a se vingar, transformando as galinhas em pessoas amadas dos homens que se assustavam, corriam e desistiam de fazer o serviço combinado – destruir os animais.

Nesse tempo, a tarde vinha chegando e a fumaça com o fogo também. A fumaça havia destruído parte das árvores, flores e pequeninos animais. M'Boitatá queimou um homem que ficou em chamas, por sorte ele pulou na represa que, por alguns instantes, não haveria de estar ali. Com muito sacrifício eu corria de um lado para outro, com baldes e bacias de água, que apagavam uma parte do fogo. Não só eu trabalhava, mas também o Saci, a Iara, o Curupira e o M'Boitatá. Por fim, foi a vez do Negrinho do Pastoreio, que veio se vingar do meu avô. O Negrinho do Pastoreio o amarrou em uma árvore e falou:

– O senhor quer destruir nossa casa, os animais que vivem aqui. Sua neta e todos nós estamos contra sua atitude. Você pode escolher entre ficar amarrado aqui e se acabar junto com esta árvore ou ajudar a apagar o fogo que está nos prejudicando e pode prejudicar você também.

Eu comecei a chorar já pensando no pior da situação. Então meu avô respondeu:

– Você me convenceu. Eu ajudo vocês, com uma condição: que me soltem daqui.

Eu, o Saci, o Curupira, a Iara, o M'Boitatá e o Negrinho do Pastoreio, juntos com meu avô, conseguimos apagar o fogo, que fez um pouco de destruição. O único ser que teve dificuldade para apagar o fogo foi o M'Boitatá, pois fogo e água não dão certo.

Fomos dormir depois de muito cansaço, nem nos despedimos da Turma, porque no nada eles sumiram. Então, fomos até a casa e dormimos.

Na manhã seguinte, achei que tudo foi um sonho, pois meu avô não lembrava e nem sabia de nada, mas embaixo do meu travesseiro havia um bilhete:

OBRIGADO, VOCÊ NOS AJUDOU MUITO.
DE: AMIGOS
PARA: DEFENSORA DA NATUREZA

Luize Estela de Oliveira - Pindamonhangaba - SP
12 anos
Colégio Educere

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

SUJEIRA NA MORADIA DO BOTO

Era uma vez um Boto Cor-de-Rosa que morava no rio Solimões. Tinha saudades de seu primo, o Golfofoqueiro, que morava no mar, aproximadamente na Costa Brasileira.

O Boto queria enviar uma carta a seu primo contando que tinha acontecido um derramamento de petróleo por aquelas redondezas, mas não podia, porque o derramamento tinha causado um acidente no fluxo de água. Com esse problema, os dois primos só tinham a lua para se comunicar. Um, entre pés de açaí, outro, entre conchas e estrelas-do-mar emporcalhadas. Dias passam e, assim por diante, quando, numa noite enluarada, o Boto vira homem e vai passear, atrás de uma festa para namorar. No caminho, ele encontra o seu grande amigo, Chupa-Cabra. Chupa-Cabra é um grande viajador, que vive ligado no mundo. Na conversa com Boto, conta que ficou sabendo por cima do derramamento de petróleo na Costa Brasileira. O Boto, desconfiado, perguntou: – Ué! Não é lá qüe meu primo mora?

O Chupa-Cabra pergunta: – Qual deles?

O Golfofoqueiro: – Aquele lá!?

– Por que você está se referindo assim ao meu primo?

– Porque ele me "ferrou" um dia desses!

– O que ele fez?

– Ele não me contou que eu estava paquerando uma flufluzinha do dono da festa.

– Mas, o que é flufluzinha?

– Osh!!! meu Deus!, Flufluzinha significa "Uma garota bonita".

– Hã!!!

– Quem era a garota?

– Uma estrela-do-mar que tem sete irmãos.

– Ai, meu Deus! Você apanhou?

– Sim.

– Pouco ou muito?

– Muito.

– Vamos deixar de lado esse assunto.

– Por favor, conta sobre o derramamento de petróleo?

– Dizem os cavalos-marinhos que a causa foi a desativação de uma base de petróleo.

– Ai, meu Deus! O que vai ser da vida marinha?

– Eu não sei não, mas o "mala" do seu primo se danou!

– Seu egoísta! Você sabia que é feio zombar da tragédia dos outros? Gostaria que houvesse uma queimada na Mata Atlântica do sudeste?

– Hein?!!!

– Oh, homem de lengalenga.

– Ah!

– Tchau!

O Boto percebeu que seu amigo só estava a fim de falar mal do seu primo. Foi embora para a margem do rio espiar a lua. Deslumbrado com ela, fez um pedido:

– Oh, Rainha Lua, que irradia esplendor, que faz o homem sonhar, faça-me ir até o fundo do oceano e me dê um sinal sobre o que está acontecendo com o mar.

A lua ouviu as frases e sentiu o coração chorar silenciosamente. Resolveu mandar uma estrela até a Terra e subir com o Boto. Queria ver aquela criatura de muitíssima beleza, que era meio homem e meio animal. As estrelas e a ventania choravam de tanto encanto. A estrela desceu, foi até o cais, transformou o Boto em humano e subiu até o último degrau do céu.

Amanhece e faz um dia lindo, o Boto acorda, sente o frescor completamente diferente do da floresta. Percebe que está ainda na forma humana e descobre que está numa praia. Vai a nado até o fundo do mar. Lá, viu algas, corais, diversas espécies marinhas e gotas de piche esparramadas no mar como um pingo d'água no solo. Enojado com aquela cena monstruosa, foi até a gruta de sua tia Golfalda. Encontrou-a chorando, pois as algas do jantar estavam sujas de piche. Ao ver essa cena, ele se lembrou de que tinha guardado algas fritas para ao Golfofoqueirinho, então disse:

– Minha tia, tome essas duas cuias e vá para o centro de compras das sereias.

Ela agradece: – obrigada, meu doce sobrinho.

Ele, ao ver o sorriso simples em sua tia, pensou: "Agora deixei minha parte aqui". Como diz o ditado: "A rapadura é doce mas não é mole". Na vida, tem que brigar para ser alguém conhecido. Ele foi resolver o bendito problema do derramamento. Rezou, foi até os céus, observou os passos, gestos de cada anjo. Tão sutis e delicados quanto uma pena de ganso caindo sobre um acolchoado. Viu aquilo, logo rezou e agradeceu, desceu à Terra, foi até o local do acontecido. "Posso entrar na cabeça de alguém importante que ajude a natureza. Eu acho que é isso que eu vou fazer."

Chegou numa ONG, viu que os homens sabiam do fato mas não tinham a solução em mente. Nisso, o Boto resolveu entrar na cabeça do líder do Ibama. O líder pesquisou, leu, releu, leu, releu sobre o fato. Resolveu procurar as soluções iguais às que os outros países implantaram para acabar com o mesmo problema. Enquanto o líder procurava, o Boto decidiu ajudar o homem e então pensou, pensou, até que teve outra idéia. "A entidade deveria pôr uma máquina submarina para tirar, reservar o petróleo e colocar as espécies marinhas em águas seguras. Foi como um tiro até a lua, quando o líder do Ibama pôs em ação o que resolveu e divulgou para a mídia. E o Boto foi tranqüilo para casa comemorar.

Mariana Cassundé - Vargem Grande Paulista - SP
12 anos
C.E.D.D.A.

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA

Nas férias de verão fui a um acampamento muito longe de São Paulo, lá no Amazonas. Esse acampamento tinha muito verde e vários animais raríssimos. Fiz várias amizades e no dia da trilha ecológica, por sorte, meus colegas e eu ficamos no mesmo grupo. O diretor e os guias nos entregaram dois mapas fáceis de seguir. Um mapa ficou com a primeira turma e o outro com a terceira. Como eu era a última, não recebi o mapa.

Parei para amarrar meu tênis e, como em um passe de mágica, meu grupo sumiu! Fiquei desesperada, mas tão desesperada que minha voz não saía, de tanto medo que tinha. No desespero, saí correndo em direção à mata e parei de repente, sentindo cheiro de fumaça. Fui ver e eram homens queimando uma árvore verde para construir uma série de coisas. Fui correndo impedi-los, mas um vulto passou do meu lado e os homens também perceberam a presença de alguma coisa lá. Era M'Boitatá, a cobra de fogo que protege as florestas de quem as incendeia. Depois o vulto passou à minha frente, e com ele uma voz dizendo coisas sem sentido, mas com algum significado que, por incrível que pareça, deduzi o que era: dizia para eu ir à casa do Saci-Pererê, que ia ter uma reunião e que eu precisava aparecer, sem falta. Imediatamente, fui atrás de uma casa na floresta e quase de noite a encontrei.

Quando entrei, deparei com vários personagens do folclore, entre eles o Curupira, um indiozinho com as pernas viradas para trás. Mas não era só ele que estava lá, não! O valente Caipora, que percorre a floresta com seu porco-do-mato, o Saci-Pererê, o famoso negrinho com gorro e calção vermelho, que vive fazendo travessuras, e o Negrinho do Pastoreio, que tem o poder de achar coisas perdidas. Fiquei encantada, mas com medo. Encantada por conhecer essas lendas vivas e encantadoras, mas com medo por achar que iam me fazer algo de mal. Mas logo percebi que não iam me fazer mal algum.

Eles me levaram a um rio muito estranho. De lá apareceu uma mulher, que logo se sentou em uma pedra. Era a linda sereia Iara, a mãe-d'água, conhecidíssima por suas canções à luz do luar. E logo começou a falar planos e mais planos para acabar de vez com os caçadores que estavam destruindo tudo por lá.

Ao nascer do sol, o plano foi posto em prática. Primeiro, o Saci-Pererê acordou os caçadores, que, assustados, saíram correndo. Ao saírem da cabana, se viram à frente de uma figura estranha montada em um porco-do-mato, e saíram correndo novamente. Aí o Curupira fez uns gestos que fizeram com que eles se perdessem na floresta. M'Boitatá e eu aparecemos para "ajudá-los" e eles aceitaram a ajuda. Nós os levamos até um rio. Na beira do rio havia um menino: o Negrinho do Pastoreio, que pediu que nadassem até uma pedra no meio do rio. Iara apareceu e eles ficaram encantados e foram para o fundo do rio, menos alguns caçadores. Nós nos reunimos e comemoramos a vitória.

Fechei e abri os olhos, e estava no acampamento, deitada na minha barraca. Escutei gritos e fui ver o que era. Eram os guias ecológicos, comemorando a prisão dos responsáveis pela destruição das matas. Fiquei supercontente e, quando contei às minhas amigas meu suposto sonho, não acreditaram. Até que coloquei a mão no bolso e achei uma flor, justamente a flor que a Iara usava na cabeça. Então me dei conta de que não foi um sonho, foi real, aliás muito real!



Mariana Sakae de Castilho - Mogi das Cruzes - SP
12 anos
E.E. Dr. Washington Luís

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

A GUARDIÃ E A TURMA DO FOLCLORE PROTEGENDO A FAUNA E A FLORA

Oi, eu sou a Linda, a Lin. Hoje eu vou contar um fato incrível que aconteceu há algum tempo atrás, na verdade, há uma semana atrás, quando a turma da 6ª Série C da professora Sofia (e eu) fez uma excursão. Estava tudo pronto para o ônibus sair, já estavam todos acomodados, enfim, já estava tudo pronto. VRUM, VRUM...

O ônibus partiu...

Ônibus... Eu odeio ônibus, carro, moto, avião... Eu gosto é de andar com o pé na terra, no chão... Daqui a pouco, um barulho de escapamento de automóvel... E o ônibus parou.

– Todos saiam do ônibus e esperem o Sr. Silveira descobrir o que aconteceu, esperem o motorista.

– Silveira consertar???? Tá!!!!! – disse a professora Sofia, bastante aflita.

A estrada estava deserta sem nem "meia" mosca para nos ajudar, mas o pior ainda há de vir... Então Marcos, nosso colega, diz:

– Tem uma coisa fazendo barulho ali, tá vendo, professora, ali no mato?!

– Imagine, Marcos, não tem nada ali, é ilusão, você sabe... Imaginação... – disso realmente a professora não estava certa, mesmo.

Depois do que Marcos disse, nenhum aluno tirou os olhos do arbusto, muito menos eu, que estava bastante curiosa. Então, o arbusto se mexeu... – AHHH! – todos gritaram assustados.

Minha curiosidade foi maior... Fui até lá, mesmo com os gritos da professora, e vi um vulto vermelho. Com o susto tropecei e caí... Só vi uma criança que não conhecia, me puxando mata adentro e, mesmo com meus gritos, ninguém vinha me salvar... Estava em pânico. Então foi que eu e o menino desconhecido chegamos a um lago enorme e, contra minha vontade, pulamos lago adentro. O surpreendente é que não sentia a falta do ar e nem o corpo molhado... Nós entramos em uma caverna com vestígios de luz lá no fundo. Ao chegar em uma grande sala iluminada (era de lá que vinha a luz), vi algo que me deixou eu dúvida: sonhava, ou o que vi era verídico? Todos os personagens do folclore, ali, na minha frente! O menino que me guiara até ali era o próprio Saci-Pererê! A Iara, o M'Boitatá, a Mula-Sem-Cabeça, o Curupira, o Caipora, o Boto, o Lobisomem e tantos outros!!!

– Ei, o que está acontecendo, o que vocês querem comigo??? – fui logo perguntando.

– Calma, menina, tudo será explicado. Você é a escolhida pelo grande deus Tupã para ser a salvadora. Acontece que a natureza está sendo cada vez mais devastada por vocês, homens... Hoje acontecerá um fato importantíssimo aqui na mata... Uma grande queimada tudo destruirá... Dois homens já destruíram muita fauna e flora, no futuro, serão os maiores destruidores da natureza.

Se não os detivermos agora, o mundo correrá um grande risco no futuro... Ajude-nos, Guardiã, ajude a salvar a mata e principalmente a vida de todos nós!

– Guardiã??? Guardiã de quê??? Do quê??? Puxa, que surpresa... eu, a Linda, tímida garota da escola, "Guardiã da Natureza"... Mas Iara, como poderei ajudá-los?

– É fácil, Guardiã. Ninguém, somente você e nós, recordaremos do que aconteceu hoje, nem o seu sumiço na mata será lembrado. Tudo, tudo será esquecido. Olhe, preste atenção no plano...

Depois da explicação sobre o plano, nos dirigimos à mata onde já podíamos avistar os dois destruidores, um gordinho, chamado João, e um magro, bem magrinho, chamado Pedro, o Pedrão.

– João, João! – diz o magro. – Vamos começar, não quero mais ver nenhuma árvore, aqui só quero ver o meu mais novo arranha-céu, o mais novo.. Que daqui a alguns meses já estará aqui, no lugar das árvores, há, há, há!!!

– Pedrão! – diz o gordo – e se alguém descobrir, daí...

– Tá com medo, é, João? – pergunta Pedro.

– Não, claro que não... – disse João.

– Então vamos começar! – diz Pedrão.

– É agora que começa o nosso plano. Pregar o maior susto nesses dois...

– Pedrão, cadê o galão de álcool que a gente trouxe pra fazer a queimada?

– Eu é que sei? Você tinha que organizar tudo! – disse Pedro.

A agilidade do Saci fez os destruidores ficarem maluquinhos. Fez o galão de álcool andar rapidamente pelas árvores com sua magia...

– Achei, achei, Pedrão, o galão está bem ali!

– Viu, Gordo, é só olhar direito!

– Mas Pedrão, parece que o galão está andando...

– Mas é claro que não, balde não anda.

– Mas olhe, olhe ali!

– Não pode ser... Que estranho!

– Mas... mas...

– Corre João, corre atrás dele... corre... E os dois correndo atrás do galão que, na verdade, já tinha sido todo evaporado pela magia do Saci...

– Peguei, peguei, Pedrão... Ué, mas o galão está vazio...

– Que coiss...

BLÉMM, CRAKK, CABRUM!!!

– Pedrão, que barulho é esse?

– Sei não, João, só sei que estou morrendo de medo.

– Começou a chover, João!

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

– Vamos embora, Pedro, vamos!

– Daqui eu não saio enquanto não terminar com tudo isso!!! - diz Pedro.

Pedro e João realmente não eram fáceis de se assustar, então...

– Pedro, João... – diz a doce voz de Iara para chamar-lhes a atenção.

– Joãooo, mas que voz!!! – diz Pedro encantado.

– Pedro... é mulher. Vem, siga-me, hoje a gente acha essa!!!

Enquanto chovia forte, os dois enfeitiçados pela voz de Iara seguiram-na pela voz até o grande lago, e assim que avistaram Iara entre as pedras...

– João, é uma mulher-peixe, e das bonitas!!!

– Vamos pegá-la, vamos!!!

– Hein? Um minuto só. – diz M'Boitatá em alto tom.

Voando pelo céu em uma magia que a "jacaré" Cuca tinha feito especialmente para essa ocasião, joguei-lhes de lá de cima uma enorme rede de linha feita pelo Boto.

– Socorro, socorro, nos deixe em paz! Os dois gritaram!

– Primeiro – disse o Curupira – peçam perdão à Fauna e à Flora por tudo que já fizeram, ou melhor, já destruíram...

– Perdão, Fauna e Flora, perdão... – diziam os dois cada vez mais assustados.

– Agora é só repetir mais cem vezes, tá? – diz o Lobisomem.

– Hááá! Vocês estão esquecendo um pequeno detalhe! Prometam: "Nunca mais voltaremos a destruir" – disse eu para complementar.

– Nós prometemos!!! – disseram os dois.

De lá saímos satisfeitos por termos completado mais uma missão e dando muitas risadas dos dois, que sabíamos que nunca mais incomodariam...

– Lin, está pronta para voltar ao mundo humano?

– Claro!

Em um abraço todos nós nos despedimos.

– Muito obrigada por esse dia, por me ensinarem o valor da natureza e principalmente daquele conhecido ditado: "A união faz a força".

Num PLIC me vi novamente em frente do ônibus.

– Pessoal, subam, consegui consertar o ônibus. – disse o Sr. Silveira.

Dali fomos adiante, e hoje só vocês sabem desse fato, e mantenham segredo, hein!!! Até outra, pessoal!!! E olha, ajudem a manter vivo o ditado: "A união faz a força".

Tchauuuuu!!!

Mariane Cristal de Almeida Barrence - Mogi das Cruzes - SP
12 anos
E.E. Dr. Washington Luís

O Saci já estava atrasado, também, com uma perna só! O resto da Turma já havia chegado, entre eles, o M'Boitatá, a Iara, o Negrinho do Pastoreio, o Curupira e o Boto, todos já estavam impacientes pela demora do Saci.

O barulho da porteira batendo mostrava que o Sr. Saci havia chegado.

O Curupira foi logo levantando e começando a reunião:

– Senhoras e senhores, já que estão todos aqui, vamos iniciar nossa reunião urgente sobre o meio ambiente. De repente...

Esperem! Um menino estava chegando e foi logo entrando e falando:

– Quero fazer parte da reunião, meu nome é Misael e estou representando as crianças do meu país.

A Iara já se alvoroçava para fazer a conquista do dia, mas o Saci disse:

– Calma, Iara, você não está aqui para isso! Vamos voltar toda nossa atenção para a reunião!

Todos concordaram e o Curupira continuou:

– Precisamos fazer alguma coisa pelo nosso meio ambiente. Está sendo destruído, temos que conscientizar o país da importância do meio ambiente na nossa vida.

– O meu rio está todo sujinho, nem dá mais para ficar cheirosa! – retrucou a Iara.

– As florestas estão sendo destruídas pouco a pouco, nem dá para me esconder direito atrás das árvores. – choramingou o Saci.

Os animais estão cada vez mais em extinção, os caçadores não estão com brincadeira, e um Curupira não está dando conta. – alertou o Curupira.

– Minha madrinha Nossa Senhora, a coisa está preta! – o Negrinho do Pastoreio gritou.

Mas Misael teve uma idéia!

– Se todos se unirem vamos conseguir; cada um de nós pertence a uma região brasileira, vamos todos juntos fazer em cada região um Arrastão Ecológico, chamaremos muitos voluntários para essa conscientização, "Sem meio ambiente não há vida"– o Boto galã disse.

– Boa idéia, mas me diga uma coisa, Misael, vai ter muitas garotas?

O menino sorriu e respondeu:

– Sim, vai ter, Boto, mas nossa atenção será toda voltada ao meio ambiente, ouviu?

O Boto respondeu:

– Está bem, é por uma ótima causa. Então o Curupira falou:

– Todos concordam?

Houve um grande abraço, todo mundo falando ao mesmo tempo, foi quando o Negrinho do Pastoreio levantou e falou por todos:

– A idéia está aprovada, vamos começar a concentração para salvar o meio ambiente, e Nossa Senhora, minha madrinha que está no céu, com toda a certeza vai nos ajudar. Eu, Negrinho

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

do Pastoreio, conto com minha madrinha; o Saci com suas artes; o M'Boitatá com o fogo; o Curupira com o seu senso de justiça; a Iara e o Boto com sua beleza. Cada um tem seu ingrediente particular que nos ajudará em certas ocasiões que vamos encontrar pela frente, e o Misael nos ajudará com as crianças. Tudo isso, com mais uma pitadinha de coragem, perseverança e amor, vai arrebentar!

O Curupira deu a reunião por encerrada e todos juntos começaram a batalha, seguindo com mãos unidas.

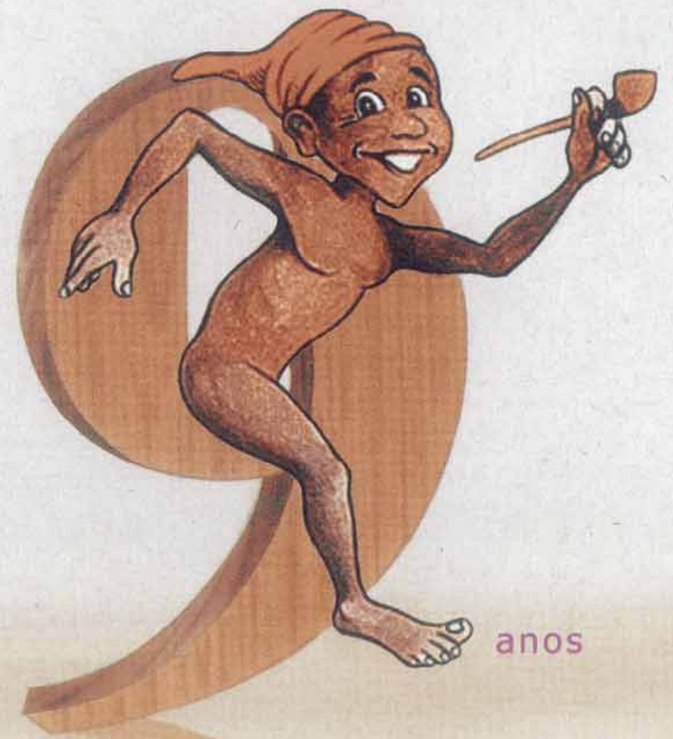


Misael dos Reis Mol - Santa Gertrudes - SP
11 anos
E.M.E.F. Profª. Cecy Ap. da Rocha de Aguiar

Categoria







anos

Nas férias fui acampar com a minha família na floresta. Tinha barracas de todos os tamanhos e cores.

De manhã bem cedo, quando acordei, fui tomar meu café da manhã e logo depois peguei meu binóculo para ver a paisagem que me rodeava. Levei um susto! Estava tudo sujo, me indignei com tanta falta de respeito pela natureza. Fui andar para conhecer melhor o lugar, deparei com uma cachoeira e também com pegadas superesquisitas. Como sou muito curiosa, resolvi segui-las. Depois de alguns minutos, levei um tremendo susto. Vi um menino de cabelos de fogo, pés ao contrário, cabeludo, cuidando de uma coelha que estava muito machucada. Parecia irreal, mas não era, eu estava vendo. Me aproximei o mais que pude, ele notou minha presença e tentou fugir. Tomei coragem e disse:

– Não fuja! Qual é o seu nome?

Ele olhou assustado e falou:

– Curupira! E, indignado, continuou: – Olha o que vocês estão fazendo! A sujeira que deixam na floresta! Estão machucando os nossos amiguinhos!

Eu, muito assustada, resolvi ajudá-lo com a coelhinha que tinha se cortado com a lata de refrigerante. Depois de um tempo, eu não estava mais assustada, só queria encontrar um meio de ajudar para que não acontecesse mais nenhum acidente com meus novos amiguinhos.

Curupira entendeu minha aflição e me levou para conhecer alguém muito especial. Andamos muito e, de repente, paramos em frente de uma árvore. A árvore abriu os olhos e falou:

– Curupira, quem você trouxe aqui?

Curupira respondeu:

– É uma amiga que quer nos ajudar.

– Oi, eu me chamo Priscila e estou cada vez mais surpresa, não podia imaginar que árvores falassem.

Sem levar em consideração meu espanto, a árvore falou num tom mais suave que antes:

– Há anos o seu povo vem destruindo a natureza com a poluição dos rios, as queimadas, as caças predatórias... e, com isso, nós estamos desaparecendo...

Mal acabei de ouvir a sábia árvore... Ainda me sentindo espantada e admirada, fui surpreendida pelo aparecimento de mais criaturinhas estranhas da floresta. Dessa vez, o susto me fez correr e entrar na minha barraca feito um furacão. Na hora, minha mãe estava perto e, sem entender nada, perguntou:

– O que houve, Priscila?

Eu nem respondi, fui direto me deitar num cantinho. Fiquei pensando tanto que acabei dormindo e tive um pesadelo, onde nosso planeta estava completamente desolado, as matas destruídas, os animais, os rios... Quando acordei era de tarde, ainda não tinha almoçado, fui

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

direto para o lugar onde encontrei pela primeira vez o Curupira. Tive sorte, ele estava lá. Muito chateado, perguntou:

– O que houve? Por que saiu correndo? Eu só queria que você conhecesse o resto da Turma! Eles agora estão pensando que você não quer ajudá-los.

Eu, com muita calma, falei:

– Eu sonhei como seria o mundo sem árvores, rios, animais, ar puro... Foi um pesadelo, estou disposta a fazer de tudo para ajudá-los. Cadê a Turma?

O Curupira falou ansiosamente:

– Espera, que eu vou chamá-los.

Quando ele chegou com a Turma, fui direto me desculpar, e todos foram legais comigo. Fiquei boba, tinha personagens do folclore que eu nem imaginava... Depois que todos já se conheciam, começamos a planejar um modo de conscientizar as pessoas.

Começamos com o Plano A - As pessoas mais próximas, as que estavam acampadas. Explicamos que, se continuassem a poluir, daqui a alguns anos não teriam mais aquele lindo lugar com ar fresco, água limpa...

Plano B - A divulgação seria com os moradores do local.

Plano C - Com as crianças nas escolas; isso ajudaria também a conservação das escolas.

Plano D - A divulgação através da televisão, das rádios e até da Internet.

Não demorou muito, todos já estavam colaborando. Recebemos cartas, telefonemas, e-mails, foi um sucesso! Quando voltei à floresta todos estavam em festa, pude notar que tudo estava mais bonito.

Os animais corriam sem medo, várias mudas de árvores foram plantadas, os rios estavam limpos, tudo estava limpo! No meu mundo tudo deu certo. A natureza estava em festa. Atenção! Faça a sua parte, incentive as pessoas que você conhece a preservar o meio ambiente dando o seu exemplo.

Porque eu e a Turma do Folclore estamos de olho em você!!!

Priscila Rodrigues de Souza - Rio de Janeiro - RJ
10 anos
E.M. Londres

UMA AVENTURA NA FLORESTA

Lá estava eu em meio a uma floresta escura e assustadora, me sentindo como o pobre João da história "João e Maria". Só que João tinha a Maria e eu não sabia que o pior ainda estava por vir, enquanto eu, além de não ter ninguém, ouvia sons que não conseguia reconhecer. Sons vindos de todas as direções e que ficavam mais altos, como ficava maior o meu pavor. Eu e essa minha mania de querer conhecer o desconhecido, me arriscar e correr riscos. Deveria saber que a qualquer hora me daria mal. Meu pai avisou: – "Não saia de perto de mim", mas alguma coisa me chamou a atenção no outro lado da floresta. Não sei bem o que era, mas estava em movimento. Nem pensei duas vezes; pra dizer a verdade, sequer cheguei a pensar em alguma coisa, segui aquilo floresta adentro e, quando dei por mim, estava no meio da mata fechada, sozinho e longe do meu pai. Tentei voltar pelo mesmo caminho, mas fui parar num lugar pelo qual ainda não tinha passado e só então me dei conta de que estava perdido e sem saber como voltar. Além de tudo, também perdi aquele vulto de vista.

Preocupado e amedrontado, sentei ao pé de uma das muitas árvores e tentei pensar numa maneira de encontrar meu pai. Foi quando um som baixinho e pausado atrapalhou meus pensamentos. Nesse momento, achei que tinha chegado ao limite do medo, mas surgiram outros sons que pareciam estar cada vez mais próximos. Aí meu medo se transformou em pavor. Meu pai sempre dizia que os animais só atacam quando se sentem ameaçados, então, com a coragem que me restava e com todo cuidado, fui tentar descobrir a origem daqueles sons. Por um segundo pensei ter visto algo se mexendo atrás de uma árvore. Fui até lá e não encontrei nada. Continuei caminhando e... Buuu!!! Olhei para trás tremendo de medo e dei de cara com ele, sorridente e feliz por ter me assustado - o Saci-Pererê.

Saí correndo desesperadamente, olhando para trás para saber se o Saci estava me seguindo. Bati em alguma coisa e caí de costas. Olhei para cima e vi um menino estranho... cabeludo, orelhudo e também sorridente. Dei uma olhada "geral" nele e percebi que seus dois pés estavam virados para trás e só então o reconheci – era o Curupira!

Levantei rapidamente e me preparei para fugir de novo, mas fui agarrado pelo Saci, que já havia me alcançado.

– Você é um deles, não é? – perguntou o Saci.

Eu fiquei sem entender nada.

– Como veio parar aqui? – disse o Curupira.

Ainda com muito medo, eu expliquei que estava com meu pai que trabalha para uma ONG em defesa do meio ambiente. Disse que nós estávamos fazendo uma pesquisa naquela região para saber a quantas anda a exploração do homem por ali, saí de perto dele e acabei me perdendo. O

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Curupira pediu desculpas pelo susto e disse que ele e sua Turma estavam procurando por um grupo de homens que exploram a floresta e matam os animais por diversão e ambição, e pensaram que eu estava com eles. Resolvido o mal-entendido, o Saci disse:

– Podemos fazer uma troca: nós ajudamos a achar seu pai e você ajuda a encontrar os homens maus, topa?

Topei na hora e fiquei muito aliviado por saber que estava seguro e acompanhado. O Curupira soltou um assobio e, num instante, saídos detrás das árvores, surgiram o Negrinho do Pastoreio (que pediu para chamá-lo de Pedro), o M'Boitatá, o Boto (disfarçado de humano) e o Uirapuru. Curupira disse que ele e sua Turma defendem a natureza sempre que preciso, cada um com sua estratégia. Segundo ele, a Iara havia ficado num rio perto dali pois, se tentassem poluí-lo, ela estava lá para impedir.

Seguimos à procura de meu pai. No caminho, contaram suas aventuras na floresta, enquanto o Uirapuru cantava e encantava a todos nós. De repente, começamos a ouvir gemidos não muito longe dali. Corremos até lá, olhando para cima vimos meu pai preso no alto de uma árvore, de cabeça para baixo e com um esparadrapo na boca. Ele não conseguia falar, e muito menos sair de lá.

– Calma, pai. Nós vamos tirar você daí! – gritei.

A árvore era muito alta e lisa. Seria difícil subir até lá. O problema parecia sem solução, quando eu tive uma idéia. Eu e o Curupira subimos numa árvore, enquanto o Saci e o Pedro subiram em outras. Claro que essas árvores eram mais baixas e mais fáceis para subir. Chacoalhamos os galhos até cair muitas folhas. O Uirapuru e o Boto ficaram responsáveis por juntar as folhas até formar um grande monte. Feito isso, o M'Boitatá começou a subir numa árvore e foi passando de galho em galho até chegar na árvore onde estava meu pai. Se aproximou da ponta da corda e cuspiu fogo. A corda foi queimando... queimando... e toin! Meu pai caiu em cima do monte de folhas. Rapidamente tirei o esparadrapo de sua boca e desamarrei seus pés e mãos. Após um longo abraço, apresentei meus novos amigos e perguntei o que havia acontecido. Ele explicou que viu um grupo de homens acampados, com vários animais presos e cortando árvores para fazer fogueira. Tentou chegar mais perto e caiu numa armadilha.

– Então quer dizer que eles estão por perto? – disse o Boto.

– Sim, logo atrás daquelas árvores. Mas devemos tomar cuidado. Eles são seis e estão armados – alertou meu pai.

– Devemos bolar um plano – sugeriu o Saci.

Passados 10 minutos, plano elaborado e mãos à obra!

O Boto entrou no acampamento correndo e sem fôlego, disse:

– Eu sou caçador e vi três capivaras. Não pude pegá-las porque estou sozinho e não tenho

jaulas. Será que vocês podem me ajudar?

Eles se entreolharam e um respondeu:

– Se você dividir com a gente, tudo bem.

Três homens acompanharam-no. O Boto e os homens fizeram uma longa caminhada até ficarem bem longe do acampamento.

– Venham por aqui! – disse o Boto bem baixinho.

Quando os três homens estavam bem juntos, o M'Boitatá se enrolou nos três prendendo-os, enquanto meu pai e o Curupira amarraram seus pés e suas mãos com cipós.

Missão 1 cumprida!!

Meu pai e o Boto pegaram as armas dos homens e ficaram vigiando-os. Eu e os outros seguimos rumo ao acampamento levando as jaulas. Chegando lá, o Curupira e o M'Boitatá assustaram os outros três homens, que foram obrigados a fugir para um lado da floresta onde Pedro e eu estávamos escondidos. M'Boitatá se transformou numa árvore em chamas, encurralando-os. Enquanto isso, Curupira, Pedro e eu jogamos as jaulas em cima dos homens. Os três ficaram presos. Cinco minutos depois chegaram os guardas florestais que o pássaro Uirapuru havia chamado.

Caso resolvido! Prendemos os homens maus! Me despedi de todos e voltei para a minha casa na cidade grande. Percebi que o mais importante naquela viagem foram as amizades que conquistei e o meu aprendizado quanto à preservação da natureza.

Meus amigos da mata me ensinaram uma lição que, se todos os homens a praticassem, nosso mundo seria muito, muito melhor.

Rafael Lima de Oliveira - São Paulo - SP
10 anos
E.M.E.F. Sen. José Ermírio de Moraes

Em uma fazenda vivia uma família composta por quatro pessoas: seu Joaquim, Dona Luzia, Mariazinha e o caçula Renê.

Seu Joaquim era homem muito rico, dono de várias propriedades bem no coração da Amazônia. Gostava de vida boa e fazia tudo pelo seu bem-estar, sem medir conseqüências. De caráter rude, gostava de mandar e ser obedecido. Ai daqueles que desobedecessem suas ordens. Dona Luzia, mulher simples, de bom coração, vivia em função dos filhos. Mariazinha, filha mais velha, estudava Biologia em São Paulo e já tinha planos para outra faculdade - a de veterinária. Renê, ainda era novo e via em seu Joaquim um herói. Vivia pensando: quando eu crescer vou ser igual ao meu pai. Adorava ver o pai caçando e matando animais na fazenda. Um belo dia, seu Joaquim chamou Renê e perguntou:

– Filho, vamos fazer um dia de caçada, você quer ir junto?

– Ôba! Quantas pessoas irão?

– Eu e outros fazendeiros.

– Tô nessa!!

No dia seguinte, Renê estava todo empolgado para ir à grande caçada, preparou todas as suas coisas e ficou aguardando o momento da partida. Enquanto isso, seu Joaquim já estava reunido em seu jipe com alguns fazendeiros. Partiram. Foram horas de viagem, todos conversando sobre suas façanhas. Cada um contando vantagens a respeito da matança que iriam praticar. Enquanto isso, Renê somente observando a paisagem e sempre pensando: quando eu crescer vou ser igual ao meu pai.

Chegaram ao local onde iriam acampar. Um lugar no meio do mato, cheio de árvores, flores, alguns coelhos, que logo fugiram com a chegada dos caçadores. Desceram do jipe e pegaram as enxadas e foices e já foram cortando algumas pequenas árvores que poderiam dar grandes frutos. Montaram as barracas. A alguns metros havia um riacho com sua água cristalina e vários peixes coloridos. Começou a anoitecer, ao fundo do riacho, o sol indo embora e a lua começou a aparecer. Renê ficou fascinado, e pensou: como isso é lindo! Foram dormir. De repente, uma música ao longe. Renê acordou, prendeu a respiração para ouvir melhor a música vinda do riacho, quem será? Resolveu investigar, pegou uma lanterna e saiu devagar para não acordar ninguém. Na beira do rio viu uma sereia, pensou: será que estou sonhando? Esfregou os olhos e viu que era real, chegou mais perto e resolveu perguntar:

– Quem é você?

– Sou Iara, a Sereia. E você?

– Eu me chamo Renê, vim fazer uma grande caçada com o meu pai.

– Mas é errado o que seu pai faz, por isso que meu canto atraiu você, para tentar mostrar

que a natureza chora e sente, as conseqüências serão para os seus filhos e os filhos dos seus filhos.

– Ah! Você está de conversa fiada, você não imagina o quanto é bom cortar as árvores, caçar os animais e depois empalhá-los e tê-los em uma sala exclusiva como troféus.

– Se você conhecer os meus amigos, eles irão mostrar o quanto é errado.

– Pois bem, então chame seus amigos, quero ver se eles são capazes de me convencer.

E, de repente, Iara começou a cantar uma melodia triste. Dos seus olhos lágrimas surgiram, e a cada gota aparecia um amigo, primeiro a Mula-Sem-Cabeça, o Saci-Pererê, o Caipora, o Lobisomem, Negrinho do Pastoreio, M'Boitatá e o Curupira. Renê ficou espantado e ao mesmo tempo começou a dar gargalhadas e falou:

– Esses são seus amigos? Eles que não me convencem, duvido!

– Pois bem, disse Iara. Agora vou apresentar você a cada um e verá como mudará de idéia.

– Sr. Renê, apresento-lhe a Mula-Sem-Cabeça.

– Olá, dizem que sou um ser sobrenatural na mitologia brasileira e que fui amante de um padre e como castigo transformei-me numa Mula-Sem-Cabeça que aparece nas noites de quinta para sexta-feira, que solto fogo pelas narinas, tenho um relincho estridente e também tenho um galope violento, mas é somente para espantar os caçadores dos bichinhos indefesos.

– Oi, eu sou o Saci-Pererê, sou negrinho, uso gorrinho vermelho e cachimbo. Com uma só perna pulo daqui para ali e me escondo nas matas. Faço travessuras por diversão. Sou muito amigo das árvores, mas estou ficando cada vez menos brincalhão, pois os homens derrubam as árvores, queimam as matas, destróem os brotinhos novos das plantas, eu estou desacorçoado... mas quando chove e o sol volta a brilhar, sinto que a natureza volta a reinar, pois a mata fica verdinha e cheirosa.

– Eu sou o Caipora. Sou protetor das caças e das florestas, sou um pequeno índio escuro, ando nu ou de tanga, fumo cachimbo e adoro uma cachaça. Reino sobre os animais e castigo os caçadores quando matam animais fêmeas com crias ou filhotes e, quando isso acontece, corro atrás deles montado em um enorme porco-do-mato.

– Uhuuuuuu, eu sou o Lobisomem. Dizem que sou um homem que se transforma em lobo nas noites de lua cheia, às sextas-feiras, mas só faço isso para espantar os caçadores, por isso meu uivo causa arrepios.

– Eu sou o Negrinho do Pastoreio. Fui escravo, fui sacrificado por um perverso senhor porque não consegui encontrar um cavalo que se perdeu por vários dias e noites de sua manada. Depois de chicoteado, fui abandonado vivo e sangrando num formigueiro. Fui encontrado no dia seguinte bonzinho, em pé, ao lado de Nossa Senhora, que me levou pro céu. Sou invocado como um santo, para encontrar animais que se perderam dos seus entes queridos.

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

– Olá, sou o M'Boitatá. Sou uma assombração, uma forma de cobra-de-fogo que enfrenta os caçadores, impedindo seu caminho, principalmente na região onde as fêmeas acabaram de dar cria.

– E eu sou o Rei, o Curupira. Ente fantástico na mitologia Tupi que habita as matas brasileiras. Sou um índio anão, de pés voltados para trás, cabelos vermelhos. Ao pressentir tempestade bato nas árvores para acordá-las, para reagir à fúria dos ventos e das chuvas. Quando algum caçador invade uma área proibida, engano-o com rastros mentirosos até ele se perder no mato igual à morte, levo-o para bem longe dos caminhos.

– Pois bem, Renê, gostou dos meus amigos? Nós nos unimos para tentar proteger a natureza e os animais e esperamos que você pense e se junte a nós, converse com o seu pai, mostre a ele a beleza que Deus plantou e criou."

E num piscar de olhos todos sumiram. Renê, meio espantado, voltou para sua barraca e adormeceu. No dia seguinte, todos já estavam preparados para começar a caçada quando seu Joaquim ouviu um choro convulsivo vindo de sua barraca, era o Renê. Seu Joaquim saiu correndo ao encontro da barraca:

– Filho, que aconteceu?

– Não sei, papai, tive um sonho estranho, sonhei com "entes" fantásticos em defesa da natureza.

– Você está ficando louco, menino, que entes são esses?

– São os defensores da natureza, o Saci, a Sereia Iara, o Curupira...

– Chega. – gritou seu Joaquim. – você sempre aprova os meus atos e agora vem com essa conversa mole?

– Não é conversa mole, eles existem sim, você que não consegue enxergá-los, pois seu coração está coberto de maldade. A cada árvore que você derruba, a cada animal que você mata, a cada queimada sua, você vai ficando cego e deixando a sua pureza desaparecer.

– Deixa disso, moleque, berrou seu Joaquim.

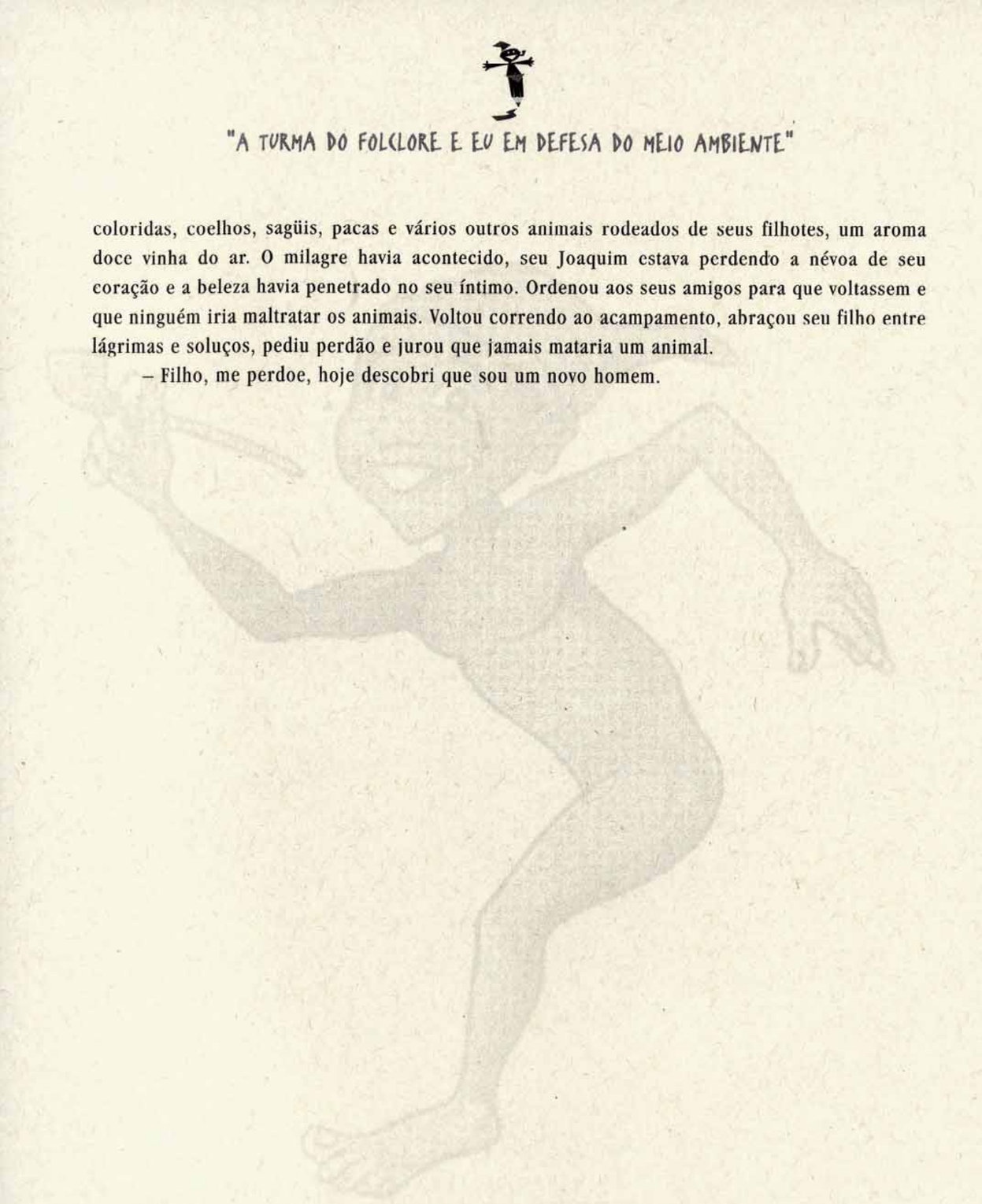
– Não deixo, papai, e vou me juntar aos meus amigos para que possamos defender a natureza.

– Bem, acho que você comeu algo que lhe fez mal, se você não quer ir não vá, que eu estou indo.

E seu Joaquim chamou seus amigos fazendeiros e foram mata adentro. Caminhando por entre as árvores e pensando no que o filho disse, algo inacreditável começou a acontecer. Naquele momento, a floresta estava linda, com milhares de borboletas coloridas, árvores floridas e flores

coloridas, coelhos, sagüis, pacas e vários outros animais rodeados de seus filhotes, um aroma doce vinha do ar. O milagre havia acontecido, seu Joaquim estava perdendo a névoa de seu coração e a beleza havia penetrado no seu íntimo. Ordenou aos seus amigos para que voltassem e que ninguém iria maltratar os animais. Voltou correndo ao acampamento, abraçou seu filho entre lágrimas e soluços, pediu perdão e jurou que jamais mataria um animal.

– Filho, me perdoe, hoje descobri que sou um novo homem.



Renê Murilo Moreira - Mogi das Cruzes - SP
11 anos
E.E. Dr. Washington Luís

Um lindo dia, Saci estava em sua casa em Portugal quando bateu uma enorme vontade de "aprontar", então ele pensou:

– E se eu fosse até o Brasil e "aprontasse" por lá?

Então Saci veio. Chegando aqui:

– Puxa! Faz um tempão que eu não faço minhas malandragens! Acho que não tenho mais prática como antigamente, mas é bom tentar. Aí vem vindo um indiozinho com uma cesta.

– Olá, amiguinho, o que leva nessa nobre cesta?

– Aqui levo a última colheita, a sobrevivência do ano.

– Mas como assim? É só 2/2/2001! Se essa for a última colheita, vai morrer de fome o ano inteiro, garoto!!!

– Pois é... E o pior é que vai ser a última colheita do ano mesmo! E para toda a minha família, isso por causa da burrice do pessoal aí do lado (os homens brancos), é uma injustiça desse povo. Sabem que faz mal jogar lixo no rio, produz enchentes, doenças, mas eles só pensam mesmo é na comodidade. E sem água do rio não temos vida, animais, seres vivos, etc.

– Nossa, indiozinho! No começo tinha a intenção de te roubar a cesta, mas agora a intenção é outra. Vou ajudá-lo. Sabe de uma coisa? Vou falar com esse povo!

E lá se foi o Saci. Alguns dias depois, aparece uma menina no mato (eu) e diz:

– Nossa, acho que esses dias ando vendo coisas. Ando vendo constantemente o Saci-Pererê, ele anda aprontando muito. A dona Josefa, por exemplo, jogou o papel de propaganda no chão e eu vi o Saci jogando o papel em seu rosto. A dona Filomena jogou a casca de banana no chão. O Saci pôs a casca de banana em sua frente e ela escorregou.

Foi aí que me lembrei que a cidade andava muito poluída. Relacionei a poluição e a história do indiozinho e resolvi falar com o povo da cidade:

– Gente, tudo isso que está causando pânico na cidade é um aviso do Saci para não poluir mais do que está; já temos poluição no ar, poluição sonora, buraco na camada de ozônio, e agora estamos tomando e comendo lixo, que desordem!

– Mas como? Não podemos fazer nada com esse lixo. – pergunta uma pessoa.

– É simples, é só reciclar, por exemplo, um alimento sem uso (estragado), faça como adubo (enterre para não vir moscas), uma casca de banana, façam um bolo de cascas, o papel, a lata...

– Acho que assim, eu e o susto do Saci, conseguimos fazer o povo daquela cidade entender, se organizar e ajudar para que nós e aquele indiozinho víssemos e vivêssemos por muito mais tempo.

Tahnee Valzachi Sugano - São Caetano do Sul - SP
11 anos
Escola Novo Mundo



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Querido diário...

Eu fiz três expedições. A primeira com o Saci, a segunda com o M'Boitatá e a terceira com o Curupira. Na primeira expedição com o Saci, fomos a uma fazenda que ficava no meio da floresta. Quando o fazendeiro saiu, o Saci fez ele se perder e, enquanto isso, eu estava esperando o Saci no estábulo para soltar os animais. À noite, depois que o fazendeiro voltou, eu e o Saci esperamos ele dormir para bolar mais alguma coisa. Daí a gente foi ver o Negrinho do Pastoreio e pedimos uma corda especial para amarrar um malvado fazendeiro. E ele nos disse:

– Essa corda é muito especial, só se solta depois de quatro dias.

Fomos até a fazenda (eu e o Saci) prender o fazendeiro. Na segunda expedição fui me encontrar com o M'Boitatá em outro lugar da mesma floresta. Ficamos sabendo que havia algumas pessoas queimando a floresta, só não sabíamos onde. Estava eu andando pela floresta, quando ouvi vozes e pensei comigo mesma: devem ser as pessoas que querem queimar a floresta. Eu tentei assustá-las e atraí-las para perto do M'Boitatá, que apareceu de repente em forma de um tronco de árvore em brasa. Aquelas pessoas foram embora, e eu acho difícil elas pensarem em voltar novamente de tão assustadas que elas ficaram. Na terceira expedição com o Curupira fomos em outra parte dessa mesma floresta, pois ficamos sabendo que alguns caçadores iriam para lá para ver quem consegue matar mais animais. Estávamos, o Curupira e eu, esperando os caçadores aparecerem, quando ouvimos um barulho. Eram os caçadores correndo atrás de uma pantera. Quando nós aparecemos, ela já havia sido baleada. Nós estávamos recolhendo o animal abatido, quando os caçadores afirmaram ter visto o Curupira se transformando em seus entes queridos e fugiram rapidamente. Depois, nós todos nos encontramos para tentarmos descobrir por que as pessoas fazem isso com o meio ambiente. Nós achamos que eles não freqüentavam as escolas, ou foram e não prestaram atenção em nada, pois as escolas ensinam que devemos cuidar bem da natureza, porque cuidando bem dela, estaremos cuidando bem de nós mesmos.

Esse recado tem a ver com tudo o que foi escrito:

"Deveis ensinar a vossos filhos que a Terra é nossa mãe. Quando o homem cospe sobre a Terra, está cuspindo sobre si mesmo. A Terra não pertence ao homem branco; o homem branco é que pertence à Terra. Liberdade não é poder agir arbitrariamente, mas ser capaz de fazê-lo sensatamente".

Talita Maria Teixeira Silva - Valença - RJ
12 anos
Inst. Educação Dep. Luiz Pinto



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Caro leitor, gostaria de lhe convidar para conhecer um mundo que para muitos é uma grande fantasia! Com apenas 12 anos de idade, comecei a reparar em tudo o que via na televisão e ao meu redor, lia nos jornais e revistas e aprendia em minha escola. Logo percebi que os dias estavam cinzentos, que havia muito lixo espalhado pelas ruas e dentro dos rios e que as florestas estão desaparecendo por causa de incêndio e desmatamentos, ocasionando a extinção de muitos animais. Pois é, isso não podia continuar assim. Mas o que fazer? Foi quando na escola começamos a aprender as Lendas Folclóricas e seus personagens. Neste momento, percebi que eles poderiam me ajudar a defender o meio ambiente, pois dele depende a sua existência. Porém, eu tinha um grande problema: como encontrá-los? Até que um dia tive uma idéia. Me lembrei de minhas aulas e decidi amarrar uma fita vermelha no pé da mesa e fiquei esperando. Não demorou muito para o Saci aparecer, que já chegou me dando um susto:

– Buuuuhhhh! Há! Há! Há! Te assustei, né ?

– Não, Saci, eu não tenho medo de vocês, e estava à sua espera.

– Tá legal, mas você me deve uma explicação! Não peguei nada seu, e você ainda amarra a minha única perna?

– Sinto muito, mas precisava falar com você e com seus amigos o mais rápido possível.

– O que você pode querer conosco?

– Na reunião que faremos você saberá! Agora, por favor, fale com seus amigos para marcarmos esta reunião.

– Eu não gosto de reuniões e quero apenas me divertir em paz! Agora me desamarre e deixe-me ir embora.

– De jeito nenhum! Traga todos para a reunião, que depois eu te desamarro.

– Está bem, vou falar com eles e depois eu volto.

Muito tempo depois, o Saci voltou dizendo que na manhã seguinte estariam todos me esperando na gruta que existia no bosque perto da minha casa, desta forma, resolvi desamarrá-lo.

Logo que amanheceu o dia, lá estava eu no bosque entrando na gruta escura, seguindo a pequena claridade da minha vela. Mas que decepção, não havia ninguém lá!

– O Saci me enganou! Não veio ninguém para a reunião! Mas isso não vai ficar assim!

Então resolvi chamar por eles:

– Saci! Curupira! Boto! M'Boitatá! Iara! Negrinho do Pastoreio! Onde estão vocês?

Depois de muito chamar, ouvi algo:

– Eu estava levando um homem para o mar quando me desconcentrei com seus gritos. – disse Iara muito brava.

Eu também estava levando uma mulher para o mar quando fui interrompido por você! – disse o Boto desapontado.

– E eu, que estava dormindo sossegado no fundo do rio? – disse o M'Boitatá muito sonado.

– Pois é, eu estava caminhando tranqüilamente pela floresta, quando ouvi seus gritos. É proibido passear por acaso? – Esse era o Curupira, muito irritado.

– Puxa, eu estava abrindo uma porteira e, por causa dos seus gritos, quase fui atropelado pelos bois e vacas que estavam fugindo! – Só podia ser! Este era o Saci, contando sua travessura com um belo sorriso.

– Ah! Então é você quem está me chamando e perturbando? Não posso nem cavalgar com meus cavalos em paz! – disse o Negrinho do Pastoreio, contornado pela fumaça do cachimbo do Saci.

– Está bem! Todos já reclamaram, afinal, atrapalhei a boa vida de vocês, porém os senhores não se esqueceram de nada?

– É claro! A reunião! – disse o Saci, desapontado.

– Isso mesmo. Fiquei decepcionada quando cheguei e não encontrei ninguém!

– Desculpe, mas não estamos acostumados com esses compromissos. – disse Iara muito envergonhada.

– Tudo bem! Mas agora escutem com bastante atenção o que vou dizer: – "Eu estava sossegada na minha casa, preocupada com os meus deveres e com minhas brincadeiras, quando comecei a perceber muitas coisas:

1°) O ar que estou respirando está cada vez mais poluído pelas fábricas e pelos automóveis malcuidados pelos homens.

2°) A maior parte das águas que temos está poluída com lixos que os homens produzem e jogam nelas, o que está trazendo muitos racionamentos e os apagões.

3°) Existem poucas árvores nas cidades e nas próprias florestas, devido ao corte proibido e aos incêndios.

4°) Os animais estão desaparecendo pouco a pouco, sem que alguém impeça essa brutalidade.

– Pois é, meus amigos, tudo isto está acontecendo e nem vocês nem nós, humanos, estamos preocupados com o desaparecimento do meio ambiente, não é?

– Não, isto não é verdade! Nós estamos muito preocupados, são vocês os únicos culpados por tudo isto!

– Você mesma acabou de dizer! – disse o Curupira em defesa de todos.

– É verdade, porém vocês também não estão fazendo nada para impedir tudo isso! Estão?

Depois de um longo silêncio e muitas trocas de olhares, o M'Boitatá disse:

– É, não estamos! Mas também, o que podemos fazer se vocês não param de maltratar o meio ambiente?

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

– É isso, precisamos nos unir para consertar o que está errado! E aí, vocês ajudam?

– Depende do que vamos ganhar com isso!

– Ora, Saci, vocês terão de volta o lugar onde vivem, limpo e cheiroso, para viver ainda melhor.

– Está bem, vamos ajudar você, mas o que podemos fazer? – pergunta o Boto com muita tristeza no olhar.

– Tenho uma idéia. Escutem: a Iara deve encantar os homens, mostrando a eles como é importante as águas dos rios, lagos e mares estarem limpas e cheias de peixes saudáveis, pois desta maneira, nunca ficará sem comida e sem água. Assim, estará cuidando das águas e da pesca proibida. O Boto deve fazer o mesmo que a Iara, só que com as mulheres, para que elas possam convencer e ensinar aos outros a importância das águas e dos peixes em nossas vidas. O M'Boitatá continuará fazendo o que sempre fez, defenderá as florestas dos incêndios provocados pelos homens e ensinará a eles a grande importância das florestas em suas vidas. O Curupira e o Negrinho do Pastoreio devem continuar cuidando dos animais, protegendo-os dos caçadores. Vocês devem conscientizá-los do ato irregular que estão praticando, para que nunca mais o pratiquem. Você, Saci, deve cuidar da poluição do ar e do corte das árvores, cuidando para que os homens se arrependam por cometer estas maldades com o meio ambiente.

– Agora, prestem bastante atenção: para cumprir suas tarefas, não é necessário machucar e muito menos matar as pessoas, como alguns de vocês estão acostumados.

– Tá legal, mas não está faltando nada? - disse o Curupira com ironia.

– Claro que sim, me esqueci da minha tarefa! Eu vou começar a conversar com meus colegas e professores na escola para fazermos uma passeata que mostre às pessoas a importância do meio ambiente através de discursos e cartazes. E também vou convencer meus pais a me ajudarem conversando com seus amigos e promovendo visitas às empresas, para conscientizar a todos da importância da preservação do meio ambiente.

– Vamos aproveitar e pedir ajuda também aos nossos amigos! - disse o Boto todo eufórico.

– Ótimo, agora podemos começar, lembrando que cada um de nós deve ajudar o outro, e não se preocupar apenas em cumprir a sua tarefa, e sim defender todo o meio ambiente. – disse o Negrinho do Pastoreio com muito entusiasmo.

– É isso aí, vamos começar já! Foi neste momento que...

– Filha, vamos, acorde, você precisa ir à escola!

– Puxa, eu não acredito! Eu estava apenas sonhando!?

Pois é, caro leitor, o que aqui não passou de um sonho, eu gostaria que fosse a mais pura realidade. Será que agora, depois de ler todo esse texto, você não está incomodado com a situação em que vivemos hoje? Então, por que não unimos nossas forças e fazemos tudo aquilo que os

nossos velhos conhecidos do folclore fariam para defender o meio ambiente? Tenho certeza de que juntos conseguiremos consertar todos os estragos que causamos. Conto com o auxílio e apoio de vocês.

Assinado: Eu.

– Ei, não pensem que não vamos ajudar! Estaremos todos a postos!

Assinado: A Turma do Folclore.

Tatiana Fonseca De La Volpe - São Paulo - SP
12 anos
E.M.E.F. Humberto Dantas

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Há pouco tempo, me mudei para uma fazenda simples, mas agradável, no interior do Amazonas. Era perto de uma floresta, onde há muitos bichos muito interessantes, mas todos diziam que era muito perigoso. A cidade era pacata, segura e pequena, mas todos os seus habitantes viviam felizes, com paz e humildade. Bem diferente da antiga cidade onde eu morava, que era grande, agitada, tinha muitos problemas estruturais e estava muito longe do sossego e da tranqüilidade que eu encontrei na cidade em que moro. Há muitos anos esta cidade não apresenta nenhum tipo de problema, nem estrutural nem ambiental. Por isso, vivi tranqüila, até que um dia, decidi entrar na floresta. Isso foi há alguns dias, quando fiquei muito curiosa e resolvi arriscar. A floresta não metia medo em ninguém, não fosse pelo silêncio. Parecia deserta, mas escondia muitos segredos. Tinha muitos tipos de vegetação e a luz do sol penetrava entre as árvores. De repente, comecei a ouvir uns barulhos, parecia que alguém estava me seguindo. Olhei muitas vezes para trás, mas não vi ninguém. Comecei a ficar com medo e resolvi voltar para casa, saí correndo, mas... caí em um buraco, em uma armadilha. Desmaiei, mas acordei pouco tempo depois. Eu estava meio zonza, mas não tinha nenhuma fratura. Olhei para cima e vi dois seres estranhos me olhando. Um era como um cavalo branco, só que a sua cabeça era meio transparente, só dava para ver de leve. O outro, que estava montado em cima deste, tinha cabelos ruivos, orelhas pontudas, era nanico e seus pés eram virados para trás. Por um instante, pensei que estava sonhando. Mas não, tudo aquilo era verdade. Este menino estranho jogou uma corda para eu subir. Não foi difícil, pois o buraco não era tão fundo. Depois que eu subi, estava tão assustada que não disse nada, e o silêncio novamente tomou conta da mata. Ele e o cavalo foram numa direção, e eu, curiosa, os segui. Chegamos a uma aldeia, que pela aparência devia ser uma tribo de índios, mas não era. Havia ocas e de dentro delas saíram mais seres estranhos. Quando eu os vi, foi inacreditável! Aquilo só podia ser... a Turma do Folclore. Mas, um deles eu ainda não conhecia. Era um homem velho com uma barba comprida, não era muito alto e usava uma roupa estranha. Todos os seres estavam olhando para mim como se eu fosse um extraterrestre até que, finalmente, um menino ruivo, que só podia ser o Curupira, começou a falar:

– Esta menina caiu em uma armadilha de caçadores.

O velho assustado disse:

– Oh!!! não! Os caçadores de novo! Será que eles nunca vão nos deixar em paz?

Eu, já me intrometendo, falei:

– Mas eu pensei que aqui não havia problemas como este.

Aí o velho se deu conta da minha presença e se apresentou:

– Ah! Oi, eu sou o Hailac, um dos guardiões da floresta.

– Você faz parte do Folclore Brasileiro?

– Sim, você deve ter sido descoberta pelos outros seres, não é? Mas vocês humanos nunca devem ter ouvido falar de mim. Eu nunca apareci para ninguém, pois tenho o poder da

invisibilidade, mas muitas pessoas já viram outros seres.

– Eu pensei que isso fosse só uma lenda.

– Não, há muito tempo estamos aqui para defender e preservar o meio ambiente. Já espantamos muitos caçadores de animais em extinção e homens que queriam desmatar a floresta. Já espantamos até um menino, que com o seu estilingue estava matando passarinhos inocentes. Só que agora, o problema voltou. E ainda dizem que um ser do mal anda rondando estas áreas, se chama: Siliumus. Ele pode entrar na mente das pessoas e controlá-las, mas só quando essa pessoa já tem algo de ruim por dentro.

– Você acha que este Siliumus entrou na mente dos caçadores?

– Tenho certeza! Precisamos bolar um plano para acabar com este mal de uma vez por todas! E a única coisa que pode destruir Siliumus é o cristal branco.

– E você tem este cristal?

No mundo só existe um exemplar deste e está com a sereia Iara. Então, eu e a Turma do Folclore fomos pedir o cristal e a ajuda de Iara. Ela nos deu o cristal e parecia ser uma boa pessoa, mas algo nela não me agradava: a voz. Sua voz era irritante.

Mais tarde, Hailac me explicou que para as mulheres a voz da sereia parecia ser irritante, mas os homens ouviam-na como uma voz doce e encantadora. Bolamos um plano infalível. Iara atrairia o caçador possuído e eu jogaria o cristal contra ele. Os outros ajudariam, caso fosse necessário. Tudo estava certo. Agora era só esperar o caçador. Ficamos dois dias esperando e nada. Até que no terceiro dia ele resolveu aparecer. Estava tudo correndo como planejado. Iara estava atraindo-o. Só que, quando eu fui jogar o cristal, uma coisa inesperada aconteceu. Ele saiu da mente do caçador e entrou na minha mente. O cristal tinha caído, mas o susto foi tão grande que todos esqueceram dele. Na minha mente eu pensava firmemente em tudo o que o Hailac disse sobre o Siliumus, que só podia controlar aqueles que já tinham algo de ruim por dentro. Enquanto Siliumus continuava a tentar me controlar, eu me sentia mal, como se estivesse com borboletas no estômago, mas eu ainda estava forte, lutando contra esse mal que estava dentro de mim. Finalmente, a batalha foi ganha, quando o Saci-Pererê, no meio de tantos desesperos, teve a idéia de jogar o cristal contra mim. Assim, Siliumus foi embora para sempre e nunca mais perturbou a floresta. Tudo acabou bem. A Turma do Folclore continuou a preservar o meio ambiente, mas será que essa paz irá continuar por muito tempo? Eu acabei tendo uma grande aventura e acho que valeu a pena ter entrado na floresta. Também aprendi muitas coisas e isso me fez refletir: a culpa não foi só do Siliumus, foi do homem também. Como eu disse, a batalha está ganha, mas a guerra não. Quando será que o homem vai parar de prejudicar a natureza? Quando será que o homem vai perceber que está destruindo tudo o que Deus criou? Quando será? Nós todos devemos fazer como a Turma do Folclore, aprender a preservar a natureza e o meio ambiente. E para que possamos viver um mudo mais feliz, precisamos vencer esta guerra.

Thamilin Aso - Arujá - SP
11 anos
Colégio Alpha

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Não faz muito tempo, eu ouvia lendas que me eram contadas sobre o Saci-Pererê, a Uiara, o M'Boitatá, o Curupira e o Negrinho do Pastoreio. Viajamos para o Amazonas e, no meio do caminho, perguntei ao meu pai.

– Vou poder ver a "Turma"?

Me decepcionei ao ouvir a resposta:

– Não, Vinicius, a "Turma" é só uma lenda.

– Mas o que é uma lenda?

– Uma lenda é uma história de alguém ou alguma coisa que não existe, entendeu?

Disse que sim, mas tinha esperança de encontrá-los quando chegássemos na Floresta Amazônica, onde iríamos acampar. Quando chegamos ao acampamento, fomos montar a barraca debaixo de uma seringueira. Meus pais foram dar uma volta. Enquanto isso, sentei embaixo da seringueira e adormeci. Acordei e meus pais ainda não havia retornado, então resolvi procurá-los. De repente, vi uma árvore e, embaixo, algumas pegadas. Fui dar uma olhada, quando uma voz rouca me chamou:

– Vinicius, Vinicius...

Então, uma mão tocou em meu ombro, momento em que gritei assustado, mas ao me virar notei que a mão que me tocou era a da minha mãe, que me perguntou:

– Por que você gritou?

– Acho que vi algo na árvore. – respondi.

– Calma, não é nada – disse ela. Vamos para a barraca comer algo.

Após nos alimentarmos, deitamos e fomos dormir. A princípio demorei para dormir, devido ao barulho que vinha lá de fora, que pensei ser o vento batendo nas árvores e barracas. No dia seguinte, ao sairmos da barraca, levamos um tremendo susto. As coisas estavam todas espalhadas pelo chão, em cima das árvores e também perto do rio.

Depois de arrumarmos tudo, passei a observar ao redor das barracas e notei que havia várias pegadas, porém de apenas um pé. Então pensei: será que não seriam as pegadas do Saci-Pererê? Lembrando da conversa que havia tido com meu pai no início da viagem, concluí: - Não, Saci-Pererê é só uma lenda. Então fui até a margem do rio e sentei-me, e ao passar água no rosto notei uma grande cauda de peixe se mexendo dentro do rio. Assustado, corri em direção da barraca de meus pais para contar o ocorrido, mas no meio do caminho, lembrei-me do que havia ouvido sobre Uiara e resolvi voltar para me certificar se era o que eu pensava ou tratava-se apenas de um peixe grande. Porém, ao retornar, nada mais encontrei.

No dia seguinte, ao acordar, resolvi dar umas voltas e, ao passar por onde havia visto marcas de pegadas, notei que tanto as pegadas quanto a árvore já não estavam mais lá, sendo que em seus lugares havia marcas de pneus e apenas um toco de árvore cortada. Novamente senti alguém

tocando em meu ombro, pensei tratar-se de meus pais e, sem me virar, perguntei:

– O que será que houve por aqui?

– Nós também gostaríamos de saber. – ouvi como resposta.

Estranhando a voz de quem me respondeu, virei para trás e fiquei surpreso ao ver quem era. Lá estavam todos da "Turma": o Saci-Pererê, o M'Boitatá, a Iara em forma de Boto, o Curupira e o Negrinho do Pastoreio, que podia ser notado pelas marcas da cavalgada que havia deixado no chão. Não acreditando no que via, perguntei, com voz trêmula:

– Ss-são..são mes..mesmo vo..vo..vocês?

– Claro, Vinícius, somos nós mesmos, a sua "Turma", e estamos querendo encontrar quem fez isso. Quer vir conosco?

– Quero, sim. – respondi.

Então passamos a seguir os rastros de pneus deixados no chão e, depois de muito andar, nos deparamos com um grande galpão, todo branco, tendo uma grande porta no meio e duas pequenas portas laterais. Disse então aos meus amigos:

– Os rastros nos levam para dentro desse galpão, temos que entrar lá para sabermos do que se trata e quem está por trás disto. Acho que temos que entrar por aquela porta (apontando para a porta à direita da porta central).

Estando todo mundo de acordo, seguimos em frente e, ao nos aproximarmos da porta, notamos que havia uma câmera de vídeo, monitorando as entradas. Recuamos e bolamos um plano: M'Boitatá se transformaria num grande tronco em brasa, se aproximaria da câmera para poder derreter a lente e não ser possível nos localizar na porta do galpão.

Assim foi feito e, como esperado, deu resultado positivo. Após eliminarmos o primeiro obstáculo, entramos no galpão e seguimos em frente. Seguimos por vários corredores até que encontramos uma porta que dava para uma área cheia de máquinas e motosserras que cortavam os troncos das árvores retiradas clandestinamente da floresta, e que eram depois empilhadas sobre as carrocerias dos caminhões que ali estavam. Ficamos revoltados ao ver a quantidade de árvores que estavam estocadas ali, imaginando quantos pássaros ficaram sem seus ninhos, quantos frutos deixaram de crescer e servir de alimentos aos animais e quantas árvores iriam desaparecer, correndo o risco de extinção pela falta de novas sementes.

Decidimos então acabar com aquela agressão contra a natureza. Partimos para cima dos madeireiros ilegais, passando a assustá-los. M'Boitatá transformou-se num grande tronco e, quando foi pego para o corte, transformou-se em brasa. Saci-Pererê entrou no galpão pulando sobre as máquinas, fazendo a maior zoeira e assustando os homens que ali estavam. Negrinho do Pastoreio, montado em seu cavalo baio, soltava as toras que estavam amarradas nas carrocerias dos caminhões. Curupira transformava-se a todo momento, deixando os homens morrendo de

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

medo. Aproveitando a confusão, fui até a casa de máquinas, arranquei os fusíveis e destruí as fiações, inutilizando assim todas as máquinas que estavam funcionando. Diante de tudo isso, os homens que trabalhavam ali, destruindo a natureza, saíram correndo desesperados, largando tudo para trás, dizendo que nunca mais voltariam. Comemoramos mais uma vitória contra os destruidores da natureza e, felizes, voltamos para dentro da floresta. Após me despedir dos meus amigos, retornei ao acampamento. Quando cheguei lá, notei que estava sozinho e, aproveitando a sombra da seringueira, resolvi descansar um pouco e cochilei. Ao acordar, meus pais ainda não haviam retornado. Olhei para os lados e reparei que realmente estava sozinho. Até hoje ainda me pergunto:

– Será que tudo não passou de um sonho?



Vinicius Libanori de Azevedo - São Paulo - SP
10 anos
Instituto Madre Mazzarello

Estava no portão de casa sem fazer nada e, de repente, quem eu vejo? Vocês não vão acreditar!!!

O Saci-Pererê na minha frente, com uma perna só, gorro vermelho e tudo mais.

E o que ele estava fazendo? Puxando um carrinho desse daí, de madeira, com lixo em cima. E a Cuca doidona, com aquela barrigona, do lado dele. Ela mais atrapalhava o pobre do Saci, que tinha que se equilibrar numa perna só, do que ajudava. Tadinho! Precisavam ver... Tive de intervir. Apareci no meio da rua parando o trânsito:

– Saci, agora você deu pra carregar lixo? Só faltava essa!

Sabe o que é, ninguém mais se lembra de mim. Caí no esquecimento igual aos personagens da "História Sem Fim". Preciso comer. Preciso viver. Quem sabe assim, na rua, os outros me vendo, se lembram de mim? Além disso, ajudo o meio ambiente, pegando latas, alumínio, papel, vidro, papelão e faturo algum dindim.

– Oh, pobre Saci, e eu fazendo pouco de ti.

Todo mundo começou a buzinar.

– Ô, cambada de porcos! Jogam lixo pela janela do carro, não têm paciência de esperar um pouco, nem educação ambiental. Pode deixar. Ainda vou ganhar bastante dinheiro com o lixo que vocês desprezam e, ainda por cima, ajudarei meu querido lar, a Terra.

– Vamos, Saci, tô com fome e cansada! – disse a Cuca, que só pensava em comer e descansar. Eles foram embora, e eu fiquei só, pensando no que o Saci disse. Ele tinha razão. Se nós enchermos o planeta de lixo, o que sobrará para os nossos filhos?

Estamos consumindo mais recursos naturais do planeta do que ele pode repor.

Elisa Martins Juviniano - São Paulo - SP
9 anos - 1° Lugar
E.E. Erico Abreu Sodré

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

No final do ano passado, meu colégio resolveu formar um grupo para uma excursão à Floresta Amazônica. Logo na manhã seguinte à nossa chegada, fomos fazer um belo passeio para conhecer a mata amazônica. Nosso guia era um índio que morava no Xingu que, enquanto nos conduzia mata adentro, ia nos contando histórias lindas sobre a fauna e a flora daquele local. De repente, vi um vulto passar por mim rapidamente, deixando cair sobre a grama um capuz vermelho. Eu então peguei o capuz e saí correndo para ver de quem era e devolver. Percebi que tinha me perdido do grupo, e fiquei com muito medo quando, delicadamente, um menino de cor negra pôs a mão no meu ombro. Assustada, olhei para trás, e ele então falou:

– Esse capuz é meu!

Dei o capuz para ele, e perguntei:

– Quem é você?

Ele respondeu que era o Saci-Pererê. Eu não quis acreditar, mas fiquei quieta. Começamos então a conversar e eu disse para ele meu nome e que estava perdida. Depois de algum tempo, já éramos bons amigos. Quando perguntei de novo quem ele era, ele respondeu a mesma coisa, que era o Saci-Pererê. Comecei a observá-lo e, surpresa, descobri que era verdade. Pedi a ele que, como morador da mata, me ajudasse a encontrar o meu grupo. Ele aceitou, mas disse que antes iria me mostrar a floresta e alguns amigos que lá viviam. Então, continuando a caminhar, o Saci achou uma tribo, nós fomos lá ver como é que era viver com os índios.

Entramos em uma oca e encontramos o M'Boitatá e o Curupira jogando rouba monte. Começamos a conversar, conversamos, conversamos muito tempo... Aí, o Saci me falou que nós tínhamos que partir porque estava escurecendo, o Curupira e o M'Boitatá falaram que queriam ir com a gente e nós aceitamos. Fomos então falar com o cacique, que permitiu a nossa partida com uma condição: que passássemos a noite lá para participar do ritual de despedida. Assim que o sol se pôs, começou o ritual que saudava a noite e agradecia Tupã pela luz do dia. Fomos dormir após o ritual e, no dia seguinte, assim que o galo cantou, saltamos das redes e fomos embora. Começamos a andar, andamos cerca de quatro horas, quando encontramos um rio enorme para nos refrescar. Na beira do rio vimos o Boto Cor-de-Rosa e a Iara namorando. O Curupira me contou que eles namoravam não porque se amavam, mas por pura falta de amizade, pois as pessoas da região tinham muito medo de se aproximar deles, ser encantadas e levadas para o fundo dos rios. E assim eles foram ficando cada vez mais sozinhos, até que um dia se encontraram. Assim que eles nos viram, perguntaram se nós queríamos ser amigos. O Curupira explicou então toda a minha história, e o M'Boitatá os convidou para nos acompanhar na busca, pois conheciam bem os rios e lagos. Falou também que eles poderiam nos acompanhar se não nos encantassem....

Continuamos o nosso caminho, quando vários cavalos passaram por nós. Ficamos encantados com a beleza de todos aqueles cavalos e começamos a correr com eles quando alguma coisa nos



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Certo dia, estava andando pela escola, e pensei: Aqui só tem bicho estranho! Na minha sala estão o Curupira e a Iara; na 7ª, estão o Negrinho do Pastoreio e o Boto; na 8ª, está o M'Boitatá. Desculpe, esqueci de me apresentar: sou o Saci, estou na 6ª série. Pra mim, a escola é como uma selva! Tem os predadores, as presas e até os bichos esquisitos! O Curupira é um deles! Coitadinho, nunca tem sorte na Educação Física. O Boto é o melhor aluno de Biologia Marinha; a Iara é a melhor na natação; o Negrinho do Pastoreio é o melhor em redações sobre a escravidão e o M'Boitatá é o melhor em Português. Todo dia nós vivemos uma aventura! A de hoje foi assim:

A professora de Ciências, Cuca, estava explicando a importância do meio ambiente para o planeta quando, de repente, a gente ouviu uns barulhos estranhos e alguém gritando:

– É agora que eu pego vocês!

A professora disse que ia ver o que estava havendo. Quando ela voltou estava verde-água, pois ela é verde-escuro, afinal, ela é um jacaré! Bom, voltando ao assunto, ela disse apavorada:

– Eu vi alguns caçadores apontando armas para uns leões, e vi outro cortando uma árvore!

Aí, eu virei e disse:

– Pelo que você falou, professora, eles estão em quatro. E em quantos nós ficaremos se juntarmos a escola inteira para detê-los?

A sala inteira gritou:

– Eeeeeeeeeeeeeeeehhhhhhhhhhhhhhhhhh!!!!

A professora disse:

– Muito bem, Saci! Ótima idéia!

A sala se espalhou pela escola e foi avisar as outras salas. O resultado foi ótimo, todos da escola concordaram em deter aqueles caçadores malvados! Nós fomos até lá e encontramos três caçadores apontando a arma para um leão e o outro cortando árvores com um cigarro na mão. Não sei o que me deu na hora, arranquei o cigarro da mão dele e disse:

– Quem você pensa que é, para ficar arrancando árvores onde bem entende? Você não sabe que as árvores são o oxigênio do futuro!??

Ele ficou espantado e saiu correndo. Quanto aos outros três, o resto da escola deu um jeito neles. O pessoal da escola ficou olhando para eles, e quando eles viraram para trás deram um grito enorme e saíram correndo, que nem umas mulherzinhas.

Bom, nós voltamos para a escola e comemoramos o resto do dia! Afinal, qual ser do folclore iria deixar destruir seu lar?

Yasmin Maldonado Diz Latini - Arujá - SP
12 anos
Colégio Alpha

O evento teve momentos de encanto e magia, como o encontro de Daniel com os pequenos escritores.

CONFIRA OS TRECHOS PRINCIPAIS DESTE EMOCIONANTE ENCONTRO.

Meu nome é Daniel... Eu venho desse povo Munduruku, que é um povo de tradição Tupi, da língua Tupi, que vive no Estado do Pará, região de floresta. Portanto, a gente vive na floresta, aprende as coisas da floresta ... E o nosso dia-a-dia não é habitado por ônibus, metrô, fumaça, poluição. O nosso dia-a-dia é habitado por esses serzinhos que vocês escreveram sobre eles. A gente que vive na floresta aprende a conviver com a floresta. E a gente não trata a floresta como se ela fosse uma coisa fora de nós. Ela é algo... é uma coisa só com a gente. Nós tratamos a floresta como um parente, um irmão. A gente trata o rio como um irmão nosso...



... Vocês sabiam que a gente não faz xixi no rio, por respeito a ele? E eu já ouvi que, em alguns lugares, as pessoas fazem xixi nas piscinas. A gente não costuma destruir a terra, cavar muito a terra, porque a gente diz que a terra é nossa mãe e ninguém quer furar o coração da própria mãe.

... A gente tem uma relação com a natureza, que é uma relação assim de amizade, de fraternidade, de igualdade... Nós não somos melhores que a floresta, que a natureza, nós somos iguaizinhos a ela. E é isso que nos torna... preocupados em manter a natureza e a floresta intactas, porque a gente sabe que se a natureza é destruída, nós também somos destruídos... Vai para o esquecimento. E quem só tem o esquecimento como amigo, não consegue criar nada. Tudo isso, ao invés de nos tornar melhores, às vezes nos torna piores, porque cai no esquecimento. E a gente esquece de onde a gente veio. E sabe de onde a gente veio? A gente veio do coração da terra, onde moram as nossas histórias...

... Foi dito aqui que o ECOFUTURO nasceu do desejo, da história de alguém, alguém que quis fazer, alguém que acreditou. Certamente, esse que acreditou, ele não está colocado dentro do "esquecimento", ele está colocado dentro da lembrança, da memória – que é onde moram as nossas histórias. O meu avô me dizia que a gente tem três ouvidos. A gente tem estes dois no alto da cabeça que são os "ouvidos do esquecimento", que "ouve por aqui e sai por aqui!" Sempre! Quando a gente não quer que saia, aí entra em ação o terceiro ouvido, que é o ouvido que mora aqui dentro (aponta para o coração)...

Foto: Isamu Mitsueda/Carlos Magno



... As histórias são como um rio, são como a areia do fundo do rio. Elas estão lá quietinhas, bonitinhas, branquinhas, a gente olha por cima e elas estão lá. Mas água nenhuma é bonita, areia nenhuma no fundo do rio é bonita, se a gente não for lá mexer com elas... Então, as histórias são como essas areias, que a gente vai lá e mexe um pouquinho com a mão e elas começam a subir. O rio é nosso coração, é história que mora dentro da gente, que a gente vai lá e mexe um pouquinho e ela vem à tona. ***E quando ela vem à tona, ela se torna memória...***

Nossas avós, lá na minha aldeia, contam que ***as histórias todas moram dentro da gente.*** *Todas! Todas as que já foram inventadas e as que vão ser inventadas moram dentro da gente. O que é que faz o escritor, o que fizeram vocês? Foi estar incentivados por um tema: "A Turma do Folclore e Eu em Defesa do Meio Ambiente". E vocês começaram a chacoalhar... e chacoalha, e chacoalha, e chacoalha... e foram aparecendo lindas histórias. E foram aparecendo coisas bonitas, que é como acontece em todos os lugares...*

Vocês estão trazendo a memória de vocês e a memória dos adultos aqui presentes, porque os adultos também são esquecidos. ***Adulto sempre cai na historinha do esquecimento...*** *ele fica tão preocupado com certas coisas, que não consegue mais lembrar de nada, não consegue mais voltar para a terra, onde moram as histórias, não consegue se transformar num rio. E é preciso que, às vezes, tenha gente assim... a Suzano, o Instituto Ecofuturo, que precisa lembrar...*

Hoje, certamente os pais de vocês estão muito orgulhosos de vocês, mas eles estão sobretudo aprendendo com vocês. E eu queria dizer, para encerrar, que essas coisas que vocês escreveram sobre esses personagens... Esses personagens para nós, eles não são apenas personagens, eles estão vivos, muito mais vivos que a Barbie, que foi inventada e criada para confundir um pouco as pessoas, né? Esses personagens são seres que estão lá na floresta, não só naquela floresta física, que existe lá, real... Mas na floresta aqui dentro... E é das estripulias que eles fazem, das brincadeiras que eles fazem com a gente, é que a gente vai aprendendo a viver. É isso que eu queria dizer para vocês... Que, a partir daí, vocês consigam fazer com que as pessoas, começando em casa mesmo, que as pessoas valorizem um pouco mais a sua própria história e comecem a contar a sua própria história para as pessoas...

Muito obrigado!

DANIEL MUNDURUKU
11/12/2001

Os 60 vencedores do concurso também foram presenteados com o livro "Meu Vô Apolinário", de Daniel Munduruku.



A força das palavras cativa os jurados.





Foto: Isamu Mitsueda/Carlos Magno

Adriana Pepe
Professora/Tradutora

"Nas redações, as crianças mostraram sua capacidade de surpreender até os mais céticos. É disso que o Brasil precisa. Aos pequenos escritores, estímulo para poderem surpreender ainda mais."



Arquivo pessoal

Ana Maria Menezes Silvério
Professora

"Não podemos ignorar que a produção de texto exige sensibilidade e que este sentimento não é um dom inato mas uma qualidade adquirida, principalmente, através de muita leitura.
A iniciativa do Ecofuturo em promover concursos tem contribuído para desenvolver aptidões. Acredito que incentivos dessa natureza são ecos para um futuro brilhante de muitos desses pequenos autores.
A participação dos pais e professores tem sido fundamental, porém, não basta apenas o incentivo à leitura, deve-se estimular o gosto pela criação de textos, partindo de temas que as façam transbordar criatividades.
Quem sabe, em meio a todos os participantes, tenhamos futuros escritores renomados na literatura brasileira."



Foto: Isamu Mitsueda/Carlos Magno

Cristiane Toso M. Bommarito
Pedagoga

..."acredito ser muito importante incentivar, auxiliar a criança a criar o hábito de ler e expressar suas emoções através da escrita. Ao escrever, a criança, ou até mesmo o adulto, aprende a se conhecer e elaborar melhor seus pensamentos e emoções. Ler histórias de boa qualidade para as crianças também é fundamental para despertar nelas o desejo e a curiosidade pela leitura e também é uma ótima forma de incentivá-las a criar suas próprias histórias. Espero que as crianças que participaram do concurso não parem de escrever suas histórias e que deixem seus pensamentos e sentimentos fluírem sem medo, sem restrições".

Foto: Isamu Mitsueda/Carlos Magno

Heloisa Prieto
Escritora

"Aos pais e interessados e a todos os que sentem dúvidas sobre como alimentar o hábito da leitura entre os jovens, eu aconselharia o respeito básico aos direitos dos leitores, criados pelo genial Daniel Pennac, educador e escritor francês:

1- O direito de não ler
2- O direito de pular páginas
3- O direito de não terminar um livro
4- O direito de reler
5- O direito de ler qualquer coisa
6- O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível)
7- O direito de ler em qualquer lugar
8- O direito de ler uma frase aqui e acolá
9- O direito de ler em voz alta
10- O direito de calar."

Para quem quiser saber mais a respeito de livros, crianças e histórias, leia:
"Como um Romance" - Daniel Pennac - Editora Rocco
"Da Ferna à Loira" - Marina Warner - Companhia das Letras
"Quer Ouvir uma História" - Heloisa Prieto - Editora Angra


Arquivo pessoal

Monica Simões
Pedagoga

"Procure sempre ao fazer suas redações a criatividade e a simplicidade e utilize ao máximo a sua imaginação (que é muito rica e valorosa), e seu retorno com certeza será satisfatório. Mas atenção! Use o seu potencial, faça – ou melhor – escreva tudo aquilo que você pode, peça orientação aos seus pais ou professores, mas não permita que ninguém escreva por você ou coloque na sua redação idéias que não são suas, não perca jamais a sua originalidade e fique sempre atento ao tema de sua redação, ao assunto que você está escrevendo. Amiguinhos escritores, não percam o contato com a leitura, e vocês perceberão que os seus sonhos ficarão cada vez mais ricos."


Foto: Isamu Mitsueda/Carlos Magno

Mireia Oliveira da Silveira
Psicóloga/Professora

"Acredito que todo professor tem uma grande responsabilidade ao trabalhar com crianças e adolescentes, pois está trabalhando com mentes em formação. Se não houver estímulo adequado, muito do potencial intelectual e emocional do jovem não é aproveitado. O aluno passa a ser mero repetidor de conhecimento, sem envolvimento com aquilo que "aprende". Através do ato de ler e escrever, a criança não só começa a descobrir o mundo, como começa a formar opiniões sobre ele. Passa a ter novas idéias e a ampliar seu universo, compreendendo o valor dos fatos vivenciados e sendo capaz de desenvolver seu poder de decisão. Somente oferecer livros às crianças não é suficiente para que elas tenham vontade de escrever. É necessário incentivá-las a ler e demonstrar interesse pelo que escrevem. Cabe ao adulto, principalmente aos pais e professores, tornar-se leitor desses novos escritores, independente de ter ou não formação especial para isso. Essa nova geração de pessoas pode começar a fazer diferença na sociedade, se puder desenvolver um senso crítico e fazer, realmente, uma verdadeira leitura de seu mundo."

Thiago Mori
Professor/Artista Plástico


Arquivo pessoal

..."fica o desejo de que a leitura seja cada vez mais incentivada; pela escola, pelo Ler é Preciso, pela família... e que possa ter um lugarzinho reservado no seu cotidiano; que ler passe a ser tão natural e gostoso quanto tomar sorvete. Espero que daqui a dez anos nós possamos sentar e ter uma boa conversa sobre os livros que lemos e (no caso de muitos de vocês, aposto) escrevemos. Um forte abraço aos presentes e futuros leitores e escritores".

A VARIG se orgulha em ter participado da 3ª edição do Projeto Ler é Preciso, acreditando que projetos como este, que apóiam o exercício da leitura, contribuem para uma nova cultura educacional, onde faz-se necessário integrar as múltiplas dimensões dos saberes e das capacidades humanas.

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e nas manifestações culturais.

A experiência vivenciada por estas crianças certamente será transformada em um dos pilares do conhecimento.

Ozires Silva
Presidente



VARIG Brasil

A Petroquímica União, comemorando trinta anos de atividades operacionais, é um exemplo atual da realização de um sonho dos seus empreendedores, que ousaram ser os pioneiros no setor petroquímico brasileiro.

A empresa, cônscia da importância do sonho na vida de todo cidadão, tem se engajado em parcerias para projetos culturais. A preocupação com a criança é uma das prioridades, considerando-se que a infância é como uma verdadeira fábrica natural de fantasias, onde se desenvolvem sonhos e a habilidade para sonhar.

Patrocinar o Projeto "Tirando de Letra", levando a centenas de crianças a oportunidade de descrever a sua fantástica maneira de enfocar a realidade, foi extremamente gratificante. Os resultados excederam as expectativas.

São agora editadas as melhores produções desse concurso de redação e é indescritível o prazer de ter contribuído para a formação de todos os que participaram.

Desses pequenos talentos, sonhadores, sairão alguns futuros empreendedores, que não se intimidarão diante dos desafios e das dificuldades para ver seus sonhos concretizados.

Wilson Koji Matsumoto
Diretor Superintendente



PQU
PETROQUÍMICA UNIÃO S. A.

"Vivemos em uma sociedade globalizada, onde facilmente somos levados a esquecer nosso dever humanitário individual e coletivo. A CBC sentiu-se honrada em poder colaborar e participar da prevalente atitude de empresas como a do Instituto Ecofuturo, que previvendo a herança da etnia do povo brasileiro, promulgou um projeto de leitura de tamanha relevância social, o Concurso de Redação Tirando de Letra III, envolvendo justamente aqueles que serão o futuro desta sociedade globalizada, as nossas crianças."

João Arlindo Viteri
Diretor Assistente



CBC INDÚSTRIAS PESADAS S.A.
SUBSIDIÁRIA DA MITSUBISHI HEAVY INDUSTRIES, LTD.

A Petroflex reconhece a cada dia a responsabilidade de ser uma empresa cidadã. Neste sentido, ter participado do Projeto Ler é Preciso promovido pelo Instituto Ecofuturo em parceria com a Cia. Suzano foi motivo de grande satisfação. Agradecemos o convite e aproveitamos para manifestar o desejo de participar de outras edições do Projeto.

Isaac Plachta
Diretor Superintendente



PETROFLEX



Lições de vida na ponta do lápis.

Prezados Senhores

Quero através desta, parabenizá-los pela GRANDEZA do trabalho desenvolvido pelo ECOFUTURO. Não sei o quanto gostaria de saber, porém o pouco que li, ouvi e presenciei sobre essa Instituição foi bastante para perceber a nobreza e a grandiosidade dos objetivos que tal Instituição busca alcançar.

Venho de uma família muito humilde. Meus pais foram lavradores no norte do estado do Paraná durante quase toda vida e só o deixaram de ser quando já não tinham mais forças nem esperanças de poder sobreviver da agricultura e perceberam que havia pouca chance de estudo para nós, seus sete filhos. Infelizmente, em nosso país o agricultor tem uma vida muito sofrida, pouco ou nenhum retorno e reconhecimento do seu valor. E foi esse o motivo que trouxe minha família para São Paulo há cerca de 30 anos. Eu era ainda criança... Tinha medo do trânsito, das casas construídas na vertical e do barulho infernal de máquinas, carros, alto-falantes, buzinas... enfim, nada se parecia com o som dos pássaros, do "andar" dos rios, das cachoeiras, do vento invadindo as folhas e copas das árvores... Esquecer o cheiro e o sabor inigualável de tudo que me cercava teria sido minha maior dificuldade de adaptação não fosse algo ainda mais terrível: a tristeza de não ter uma mata, um pomar, um cafezal, um riacho de águas límpidas para exercer meu mais divino direito: a capacidade nata de ser LIVRE, FELIZ E BRINCAR.

Entretanto, o ser humano é dotado da capacidade de ADAPTAÇÃO e adaptei-me (com a ajuda de um VELHINHO MUITO SÁBIO, cuja vida ensinou-me a respeitá-lo): o TEMPO...

Hoje sou professora e trabalho com a Educação Infantil na Prefeitura do Estado de São Paulo. Meu filho tem hoje 20 anos e minha filha tem 12. Adoro o meu trabalho, incentivo com afinco meus alunos a terem prazer com a leitura, a perceberem-se como futuro, a agir com inteligência, sensibilidade, a ter visão crítica e consciência sobre o mundo e a importância de se respeitar as diversidades étnicas, sociais e culturais, bem como a natureza e o meio ambiente, ofereço a eles o que há de melhor em mim, assim como faço aos meus próprios filhos. Trabalho bastante, com muito prazer, amor, compromisso e responsabilidade, pois tenho consciência da importância e da diferença que meu trabalho pode proporcionar às crianças. Quero que VALORIZEM O QUE DE FATO TEM VALOR NA VIDA...



...vejo que minha pequena Estela também aprendeu a lição do cultivo à vida. Com apenas 10 anos foi a primeira colocada no Concurso Cultural TIRANDO DE LETRA I, promovido pela CIA. SUZANO DE PAPEL E O INSTITUTO ECOFUTURO, em 1999. Participou do segundo concurso e também foi classificada em primeiro lugar. O prêmio é realmente maravilhoso, no entanto, nada se comparado ao sentimento de ver em uma criança (que Deus me presenteou) tamanha consciência. Ela só tem 12 anos... É brilhante, uma verdadeira estrela...

Só para exemplificar seu modo de ver as coisas, analisem este fato recente: Por ocasião das reuniões de família nas festas de fim de ano, ela foi indagada pelos tios, primos e amigos sobre o seu prêmio que até então era apenas um pôster recebido na premiação... Respondeu-lhes sem titubear: "O importante para mim não é o prêmio, mas a minha colocação, meu trabalho, entre tantos, tirou o PRIMEIRO LUGAR e não tem nada a ver com sorte ou sorteio, foi muito bem escolhido e por pessoas entendidas. Isso quer dizer que MERECI o prêmio".

Junto com todos os sonhos que aquele meu SÁBIO e bom amigo me ensinou a buscar incansavelmente tenho mais um: o de "um dia poder compartilhar com a FAMÍLIA ECOFUTURO que está crescendo, aprendendo e principalmente ENSINANDO aquilo que eu sempre acreditei: É PRECISO VALORIZAR O QUE DE FATO TEM VALOR NA VIDA. LER É PRECISO, AMAR É UMA ARTE, APRENDER É UM ETERNO DESAFIO E SER FELIZ É SIMPLESMENTE OBRIGATÓRIO.

Obrigada, senhores, pela oportunidade que têm proporcionado às crianças (independente de sua classe social, econômica ou étnica) de poderem dizer o que pensam, de mostrarem à sociedade que mesmo em seu anonimato, ainda assim, são melhores.



Trechos da carta enviada por Margarete Silva - Mãe de Estela Louzano Pontes, 1ª colocada na categoria 10 a 12 anos.

ECOFUTURO

UMA PROPOSTA PARA O PRESENTE.





Foto: Roberto Linker



Arquivo Ecofuturo



Acervo Ecofuturo



Foto: Ismu Mitsuoka

A Cia. Suzano criou o Instituto Ecofuturo, uma organização não-governamental, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável no Brasil, ajudando comunidades carentes a buscar o desenvolvimento econômico a partir da valorização da cultura e educação, da preservação do meio ambiente e inclusão social. O Ecofuturo é um elemento catalisador, busca aproximar e viabilizar parcerias que interfiram de forma positiva na comunidade, com a sua compreensão e participação. Atualmente, o Ecofuturo coordena os seguintes projetos: Parque das Neblinas, Rio Vivo, Ler é Preciso e Coopamare. Para conhecer mais sobre os projetos acesse o site www.ecofuturo.org.br.

A VIDA QUE A GENTE QUER DEPENDE DO QUE A GENTE FAZ.

Saiba por onde estamos navegando para descobrir novas formas de ler e transformar o mundo.

Ler é Preciso

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA Ler é Preciso

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

Pólo difusor de conceitos de cidadania e incentivo à leitura, indispensáveis à boa formação educacional. Neste projeto é fundamental o programa de capacitação de Promotores de Leitura – pessoas da comunidade que estimulam nas crianças o hábito e o prazer de ler.



Foto: Marcelo Manna

Olhe os Promotores de Leitura!

Eles estão sempre prontos para missões emocionantes: despertar o prazer de ler e estimular o hábito da leitura.

CONCURSO DE REDAÇÃO Ler é Preciso

CONCURSO DE REDAÇÃO

Estimular e valorizar a manifestação da criatividade através da escrita, revelando que o ato de escrever é uma forma de compartilhar idéias e histórias. Para crianças de 7 a 12 anos.

CLUBE Ler é Preciso

CLUBE DO LER

Canal de relacionamento, integração e diálogo, conectando participantes dos concursos de redação, professores, escritores, bibliotecas comunitárias, enfim, todos que estão envolvidos, direta ou indiretamente, com a disseminação do hábito da leitura no País. Atualmente, conta com um cadastro de 7.000 crianças e jovens e 1.500 escolas.



Apoio à edição de obras literárias.

Onde tem cultura e educação tem Projeto Ler é Preciso. Como nessa reedição da obra de Monteiro Lobato.

Ler é Preciso

SELO DO LER

Parcerias que incentivem o resgate cultural através de edição de obras literárias. Parte da receita dos livros com o Selo do Ler é destinada ao Projeto Ler é Preciso. Em 2001 começamos com "A Pequena Carta", de Marcílio Godoy e "Diário de um Reitor", de Jacques Marcovitch.

Sugestões de leitura
Bibliografia - Lendas e Índios



A LENDA DA VITÓRIA-RÉGIA. *Terezinha Éboli.* Il. Graça Lima. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. 16p. (Coleção Lendas Brasileiras).

AGBALÁ: UM LUGAR-CONTINENTE. *Marilda Castanha.* Il. Marilda Castanha. Belo Horizonte: Formato, 2001. 40p. (Coleção 500 Brasis).

AMOR ÍNDIO: A PAIXÃO PROIBIDA DE CONYRA E CUILLAC. *Rui de Oliveira.* Il. do autor. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. 28p.

AS SERPENTES QUE ROUBARAM A NOITE E OUTROS MITOS. *Daniel Munduruku.* Il. Crianças Munduruku da aldeia Katô. São Paulo: Peirópolis, 2001. 56p. (Coleção Memórias Ancestrais: Povo Munduruku).

ATLAS DO MEIO AMBIENTE DO BRASIL. *Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e Fundação Banco do Brasil.* Brasília: Editora Terra Viva, 1994.

COISAS DE ÍNDIO. *Daniel Munduruku.* Il. do autor *et. al.* Projeto gráfico de Nélson de Oliveira. São Paulo: Callis, 2000. 95p.

COLEÇÃO ALECRIM DOURADO. *Geruza Helena Borges.* Il. Geruza Helena Borges. Belo Horizonte: Mazza, 1994. 5v.



COLEÇÃO ARCO-ÍRIS. *Geruza Helena Borges.* Il. Geruza Helena Borges. Belo Horizonte: Mazza, 1993. 7v.

COLEÇÃO ASA BRANCA. *Geruza Helena Borges.* Il. Geruza Helena Borges. Belo Horizonte: Mazza, 1995. 5v.

COLEÇÃO ARTE E RAÍZES (BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS; LENDAS E PERSONAGENS; USOS E COSTUMES; RELIGIÕES E CRENÇAS; FESTAS E TRADIÇÕES). *Nereide Schilaro Santa Rosa.* São Paulo: Moderna, 2001. 5v.

COLEÇÃO LENDAS BRASILEIRAS (A MULA-SEM-CABEÇA, O LOBISOMEM E O BOTO). *Toni Brandão.* Il. Denise Rochael. São Paulo: Studio Nobel, 2000. 3v.

COLEÇÃO LENDAS BRASILEIRAS. *Toni Brandão.* Il. Denise Rochael. São Paulo: Studio Nobel, 2000. 3v.

CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO. *Trad. Neide T. Maia Gonzáles.* São Paulo: Ática, 1995. 90p.

COURO DE PIOLHO. *Luís da Câmara Cascudo.* Il. Cláudia Scatamacchia. São Paulo: Global, 2001. n.p. (Coleção Contos de Encantamento).

CRENDICES E SUPERSTIÇÕES. *Marcelo Xavier.* Il. Marcelo Xavier. Belo Horizonte: Formato, 2001. 36p.

CURURU VIROU PAJÉ. *Joel Rufino dos Santos.* Il. José Flávio Teixeira. São Paulo: Ática, 1984. 32p. (Coleção Curupira).

DE OLHO NAS PENAS. *Ana Maria Machado.* Il. Gerson Conforto. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982. 52p.

FRANCISCO GABIROBA TABAJARA TUPÃ. *Celso Sisto.* Il. do autor. Rio de Janeiro: Didática e Científica, 2000. 24p.

HISTÓRIA DE TRANCOSO. *Joel Rufino dos Santos.* Il. Zeflavio Teixeira. São Paulo: Ática, 1987. 32p. (Coleção Curupira).

JUNTOS NA ALDEIA. *Luís Donisete Benzi Grupioni.* Vários ilustradores. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 1997. 48p. (Coleção Pawana).



LENDAS BRASILEIRAS. *Câmara Cascudo.* Il. Poty. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. 178p.



LINEIA E SEU JARDIM. *Christina Bjork.* Il. Lena Anderson. Rio de Janeiro: Salamandra, 1994. 9p.

MARIA GOMES. *Luís da Câmara Cascudo.* Il. Cláudia Scatamacchia. São Paulo: Global, 2001. n.p. (Coleção Contos de Encantamento).

MARIA TERESA. *Roger Mello.* Il. Roger Mello. Rio de Janeiro: Agir. 1996. 24p.

MEU VÔ APOLINÁRIO: UM MERGULHO NO RIO DA (MINHA) MEMÓRIA. *Daniel Munduruku.* Il. Rogério Borges. São Paulo: Studio Novel, 2001. 40 p.

MITOS: O FOLCLORE DO MESTRE ANDRÉ. *Marcelo Xavier.* Il. Marcelo Xavier. Belo Horizonte: Formato,1997. 28p.

O CASAMENTO ENTRE O CÉU E A TERRA, CONTOS DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. *Leonardo Boff.* Rio de Janeiro: Salamandra, 2001. 162p.

O CURUMIM QUE VIROU GIGANTE. *Joel Rufino dos Santos.* Il. Lúcia Lacourt. São Paulo: Ática, 1980. 24p. (Série Pique).

O LIVRO DAS ÁRVORES. *Jussara Gomes Gruber (org.).* Vários ilustradores. Benjamim Constant (AM). Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingües, 1997. 96p.

O NATAL E A LENDA DO ANAMBÉ-AZUL. *Auxiliadora de Carvalho e Lago.* Il. Rui de Oliveira. Belo Horizonte: Paulinas, 2000. 26p. (Coleção Fazendo História; Série Pau-Brasil).

O POVO PATAXÓ E SUA HISTÓRIA. *Angthichay Pataxó (Vanusa Braz da Conceição) et al.* Il. Arariby Pataxó (Antonio A. Silva) e Manguadã Pataxó (Valmores Conceição Silva). Belo Horizonte/Brasília: SEE-MG/MEC, 1997. 48p.

O PRIMEIRO HOMEM E OUTROS MITOS DOS ÍNDIOS BRASILEIROS. *Betty Mindlin.* Il. Luana Geiger. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. 80p. (Col. Mitos do mundo)



O ÚLTIMO BROTO. *Rogério Borges.* Il. do autor. São Paulo: Moderna, 1993. 24p. (Coleção Hora da Fantasia).

PENA QUEBRADA: O INDIOZINHO. *João Geraldo Pinto Ferreira.* Il. de Angelo Abu. Belo Horizonte: Formato, 1999. 44p.

PINDORAMA: TERRA DAS PALMEIRAS. *Marilda Castanha.* Il. da autora. Formato, 2000. 36p. (Coleção 500 Brasis).

QUENO-CURUMIM E O GIGANTE DESTRUIDOR. *José Américo de Lima.* Il. Demóstenes Vargas. Belo Horizonte: Formato, 1999. (Coleção Queno-Curumim).

SANGUE DE ÍNDIO. *Rogério Andrade Barbosa.* Il. Ciça Fittipaldi. São Paulo: Melhoramentos, 2000. 64p. (Série Biblioteca Juvenil).

SÉRIE MORENÁ. *Ciça Fittipaldi.* Il. da autora. São Paulo: Melhoramentos, 1986 - 1988. 7v.

TXOPAI E ITÔHÃ - HISTÓRIA CONTADA POR APINHAERA PATAXÓ. *Kanátyo Pataxó.* Il. do autor. Belo Horizonte: Formato, 2000. 24p.

VIVA O BOI-BUMBÁ. *Rogério Andrade Barbosa.* Il. Graça Lima. Rio de Janeiro: Agir, 1996. 24p.

ZOOM. ISTVAN BANYAI. TRAD. *Gilda de Aquino.* São Paulo: Brinque-Book, 1995. 64p.

Fonte: FNLIJ **Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil**

Realização:

ECO FUTURO

Projeto:



Ler é Preciso

Patrocínio:

SUZANO

Agente Cultural:



LEI DE INCENTIVO À CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

segurou, mas nós não vimos nada! De repente, essa coisa ficou visível. Era o Negrinho do Pastoreio. Ele era o mais velho de todos nós e nos deu uma bronca por assustar os seus cavalos. Pedimos desculpas, ele nos desculpou e também nos ofereceu uma carona. Cada um de nós sentou na garupa de um cavalo. De repente, começamos a sentir um cheiro estranho e saímos correndo para ver o que era. Metade da floresta estava pegando fogo. Eu, o Curupira, o M'Boitatá, a Iara, o Boto e o Negrinho do Pastoreio, todos nós, juntos, começamos a apagar o fogo com a água do rio Amazonas e deu certo. Conseguimos apagar depois de muito trabalho.

O Negrinho do Pastoreio me disse que os madeireiros estavam destruindo a floresta. Então tive uma idéia. Sugeri que nós montássemos um grupo de defesa do meio ambiente que chamasse G.D.M.A.T.F. (Grupo de Defesa do Meio Ambiente da Turma do Folclore). Todos eles quiseram participar, pois trabalho não iria faltar. Um pouco depois vimos um barco da Petrobras que estava derramando óleo pelo rio. Nós também ajudamos. Mandamos todos os animais daquela área para um reservatório até o rio ficar limpo de novo.

No dia seguinte, fomos até a casa da Dona Coruja dar o molde de nosso uniforme do grupo para ela fazer, pois ela era uma grande costureira. O Sr. Macaco, respeitado pintor, ficou encarregado de pintar o nosso símbolo na camiseta. Andamos mais um pouco e ouvimos tiros por todos os lados. Pegamos um pedaço de madeira e um dente de tigre morto por uns caçadores e demos para o M'Boitatá segurar, então pusemos ele e o Curupira em ação. Os caçadores fugiram desesperados de medo e nós rimos a valer! Algumas horas depois, o Sr. Coelho veio conversar sobre a pesca clandestina que estavam fazendo no Rio Negro. Vários pescadores pescavam filhotes de tartaruga e peixes durante a época da pororoca. Agora, então, era a vez da Iara e do Boto entrarem em cena... Com sua linda voz, a Iara se pôs a cantar para os pescadores e o Boto, com sua beleza foi encantar os pescadores. Aos poucos, todos foram abandonando o barco e a pesca clandestina, todos os filhotes foram soltos. Muitos outros problemas aconteceram, mas o nosso G.D.M.A.T.F. sempre estava a postos. Trabalhávamos muito e percebemos que os melhores resultados vinham das aulas de conscientização dadas para a comunidade. Começamos então a viajar de floresta em floresta, cada vez com mais integrantes em defesa do meio ambiente. Ah! Quanto ao meu grupo da escola, depois de uma bronca bem dada da minha professora, consegui convencer todos a participar do nosso grupo. Saudações "GDMATFistas"!

Caroline Berardi Chaibub - São Paulo - SP
9 anos - 2° Lugar
Colégio Maria Imaculada

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Meu nome é Gustavo. Tenho nove anos, e sempre gostei de passar as férias no sítio do meu tio, mas no ano passado foi diferente. Quando cheguei todos estavam tristes, meu tio, minha tia e meu primo Fabricio. Meu tio me contou que um homem muito rico tinha comprado a fazenda ao lado e queria construir uma fábrica de tinta, e teria que derrubar uma parte da floresta que existia ali e jogar o esgoto no rio em que nós brincávamos. Saí andando no meio das árvores, pensando por que alguém poderia estragar tudo aquilo que eu gostava.

Lembrei que meu pai sempre me fala, quando tiver problema, para pedir pra Deus e Nossa Senhora, que eles ajudam. De repente, apareceu um negrinho e me disse:

– Quer que eu te ajude?

Levei um susto e perguntei quem era e de onde veio. Ele me respondeu:

– Meu nome é Negrinho do Pastoreio. Minha madrinha Nossa Senhora me mandou. Contei para ele o que ia acontecer com a floresta e o rio, ele pensou e disse:

– Tenho uns amigos que podem te ajudar, vem comigo. Fomos até o meio da floresta. As árvores grandes e altas deixavam um pouco escuro todo o lugar. Ele começou a gritar e assobiar. Eu estava sentado num tronco de árvore e, de repente, o tronco se transformou numa cobra de fogo e eu quase morri de susto. O negrinho disse:

– Calma! Ela é amiga e se chama M'Boitatá.

Ainda estava tremendo de susto, quando vi do meu lado um menino negro de uma perna só, gorro vermelho e cachimbo, e uma outra criança, peluda, de cabelos e olhos de fogo e pés voltados para trás... Tentei sair correndo, mas minhas pernas não se mexiam, de tanto medo. O negrinho aproximou-se e disse:

– Não tenha medo, são nossos amigos Saci-Pererê e Curupira.

Chamou todos e contou o que estava para acontecer. O Saci falou:

– Acho que nós precisamos da Uiara-Iara.

– Tem mais gente estranha... – eu disse.

– Tem sim, mas ela mora no rio. Vamos lá que eu te mostro, disse o Curupira.

Fomos lá conhecer a Iara. Perguntei se meu primo podia vir também e disseram que sim, pois só as crianças podiam conversar com eles. Fui buscar meu primo, mas não disse nada do que tinha acontecido. Quando ele chegou todos estavam escondidos e de repente apareceram. Meu primo estalou os olhos e gritou:

– Aiii, Jesus, socorro! Eles vai matar "nóis". – e desmaiou.

Acordamos, acalmamos e explicamos que eles estavam ali para ajudar. Ele disse:

– "Óia que tem de sê logo, porque os home já tão chegano com as máquinas."

Quando chegamos do outro lado da floresta já tinha bastante gente. Uns construíam barracas para os trabalhadores, outros verificavam as máquinas e motosserras e os donos, de paletó e

gravata, para verem a primeira árvore cortada. O Negrinho falou:

– Vamos entrar em ação.

Assobiou forte e aí apareceu um monte de cavalos correndo no meio das pessoas. Foi uma confusão só, ninguém sabia para onde ir. A cobra M'Boitatá se arrastou até a frente deles sem ninguém ver e se transformou numa árvore seca. Quando a confusão dos cavalos acabou, pegaram a motosserra e foram cortar a árvore seca. De repente, foi fogo pra todo lado, a árvore voltou a ser cobra e cuspia fogo. Tentaram pegar árvores e caminhões para fugir, mas o Saci já tinha dado um jeito e furou todos os pneus. Foi aí que apareceu o Curupira montado num porco-do-mato, com um pedaço de pau na mão, e batia em tudo que aparecia na sua frente. Todos saíram correndo na direção do rio e ao chegarem lá ouviram uma voz de mulher. Era a Iara, que encantou e paralisou todos. Aí meu primo disse:

– "I agora, qui nóis vai fazê?"

Fiquei pensando. Aprontamos tudo aquilo para resolver o problema, mas agora estávamos com outro. O que fazer com aquele monte de gente ali parada? Voltei à casa do meu tio e contei tudo, só que ele não acreditou até que bateram na porta. Minha tia foi atender e era o Curupira. Aí aconteceu de novo.

– Aiii, Jesus, tem uma assombração aqui!

Desmaiou. Meu tio pegou a espingarda, eu segurei ele e disse que era amigo. Foi aí que acreditou em mim e respondeu que para resolver aquilo tudo só tinha um jeito.

Mandou eu voltar lá com os outros e foi até a cidade. Ficamos lá a noite inteira e de manhã ele chegou com uma proposta para que a fábrica fosse construída em outro lugar, ali perto, onde não tinha árvores, e teria que colocar todos os equipamentos e filtros para não poluir o ar, o solo e o rio.

A Iara retirou o encanto, meu tio apresentou a proposta, o dono da fazenda assinou e se comprometeu a fazer tudo o que estava escrito. Agradeci e me despedi de meus novos amigos. Logo depois voltei para casa. Agora estou louco para voltar ao sítio nas minhas próximas férias.

Recebi uma carta de meu tio dizendo que a fábrica já está funcionando sem poluir e estragar nada. Tem muita gente trabalhando na fábrica e o dono organizou um projeto de nome "Progresso com Proteção do Meio Ambiente". E até meu primo já está aprendendo a falar certo. Agora voltamos a ser uma família feliz.

Gustavo Henrique Perez - Araraquara - SP
9 anos - 3° Lugar
E.E.P.G. Luiza Rolfsem Petrilli

Era uma vez uma bruxa muito má que queria destruir o meio ambiente. Todas as crianças desejavam derrotá-la, mas só existia uma pessoa que podia fazer isso: era o rei Gustavo, que possuía um anel mágico com poderes para derrotar a bruxa. Porém, o rei Gustavo estava doente e isso deixou todos desesperados sem saber o que fazer. A princesa Raquel era a solução encontrada por todos, pois só ela teria o direito de pegar e usar o anel de seu pai contra a bruxa. Então, as crianças fizeram cartazes e foram para a frente do castelo gritando:

– Princesa! Princesa!

E ela, saindo da janela, perguntou:

– O que vocês querem, crianças?

– Queremos que você nos ajude. Precisamos que use o anel do rei e derrote a bruxa, pois ela está destruindo o meio ambiente.

Ela respondeu:

– Não sei se serei capaz de fazer isso, mas vou falar com meu pai...

– Não, princesa, não precisa incomodá-lo. Basta apenas pegar o anel e nos acompanhar. Só conhecemos a Turma do Folclore, mas ela está muito longe daqui e não há tempo para avisá-la. Já tentamos chamá-la com a força do nosso pensamento, pois sabemos que nós, crianças e a Turma do Folclore, com o amor que sentimos pelo meio ambiente, iríamos colocar essa bruxa para correr.

Enquanto a princesa ouvia as crianças, eis que a bruxa se aproximou e, toda cheia de si, ria das crianças: Há! Há! Há! O que vocês vieram falar com a princesa, suas crianças sem futuro? Isso é o que vocês são, crianças sem futuro, porque eu decidi destruir o meio ambiente já que os adultos não se importam com ele e sem o meio ambiente vocês todos irão morrer!

As crianças responderam:

– Nós pedimos ajuda para a princesa e derrotaremos você, sua bruxa má, sem amor por nada. Não vamos permitir que você continue com isso!

– Sinto muito, mas vocês não vão conseguir fazer nada sozinhas. Por que pensam que este anelzinho vai me impedir de fazer o meu trabalho? Essa conversa de amor pelo meio ambiente é papo furado.

– Então, ouviu-se uma voz no ar...

– Isso é o que você pensa, sua bruxa malvada!

Todos se espantaram e perguntaram:

– Quem está falando?

E a voz respondeu:

– Eu sou Erica, tenho nove anos e quero ajudar vocês nesta luta pelo meio ambiente porque sou criança e me preocupo com o nosso futuro.

– Onde você está que não te vemos?

– Vocês não podem me ver, pois sou eu que estou escrevendo esta história, mas resolvi dar uma força para vocês e chamei uns amigos... Vejam! Estão chegando! Eles não podiam ficar fora dessa!

– Oi, pessoal, olha a gente aqui. – falou o Saci-Pererê. Não deu para vir mais cedo, mas não podíamos faltar. Eu trouxe o resto da turma: o Curupira, o M'Boitatá, a Iara e o Boto e até o Negrinho do Pastoreio.

As crianças saudaram a turma:

– Oi, Turma do Folclore! Que legal termos vocês aqui!

A bruxa esbravejou:

– Seus incompetentes! Vocês não vão me derrotar!

E todos responderam unidos:

– Chega de bruxaria! Prepare-se para morrer...

A princesa, as crianças e a Turma do Folclore deram-se as mãos para fazer uma corrente de amor e dar o fim que a bruxa merecia, mas a voz da autora fez-se ouvir novamente.

– Espere aí, gente, tive uma idéia melhor. Que tal, em vez de matarmos a bruxa, fazermos uma mágica para transformar o seu coração, enchendo ele de amor?

– Você acha isso possível? Temos dúvidas, Erica.

– Tudo é possível quando queremos e usamos a Força do Amor. Vamos pelo menos tentar?

– E vamos conseguir. – responderam todos. E fizeram um círculo em volta da bruxa de mãos dadas gritando: "Nós somos a força!".

Tempos depois...

Três meses depois, o rei Gustavo ficou bem de saúde e fizeram uma festa no castelo... Nada como uma história com final feliz. Todos vieram desejar boa sorte ao rei e comemoraram sua saúde com um piquenique no jardim do castelo.

– Espere, um pouco, gente! Alguém vai perguntar o que aconteceu com a bruxa?

– Nós já sabemos, Erica. – responderam as crianças. Já visitamos a floresta e vimos a bruxa. Ela agora é a guardiã dos animais e dos rios. Não deixa os caçadores matarem os animais nem os visitantes mal-educados poluírem os rios e acenderem fogo na floresta. Virou bruxinha boa!

– Obrigada, Erica!

– Não foi nada difícil, não é?

– Tchau, até a nossa próxima aventura! – despediu-se a autora.

Erica dos Reis Silveira - São Gonçalo - RJ
9 anos - 4° Lugar
E.M. Alberto Pasqualini

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Eu me chamo Mirla, tenho nove anos e adoro brincar com a natureza. Acho que é por isso que sempre tenho sonhos lindos. Certa noite, tive um maravilhoso com os meus amigos do folclore. Sonhei que eu, o Saci-Pererê, o Negrinho do Pastoreio, a Mula-sem-Cabeça, o Curupira, o Boitatá e a Iara, resolvemos fazer uma campanha para preservar a natureza e o meio ambiente. O Saci-Pererê disse:

– Precisamos da água, do ar, do sol, das plantas, da terra para vivermos bem. Até eu, que faço travessuras, me conscientizo disso. Muitas árvores estão ameaçadas de extinção, como a araucária, o palmito, o pau-brasil e muitas outras. Os animais também estão em extinção, e eu e meus amigos vamos fazer tudo para os homens se conscientizarem de que não podem matar os animais. Então nos reunimos e fizemos cartazes para pregar nas paredes. Os cartazes diziam: "No meio ambiente, onde nós vivemos, não pode acontecer a poluição dos rios. Mas infelizmente acontece". Colocamos isso nos cartazes e também fizemos folhetos para entregar às pessoas. Explicamos para elas por quê devem preservar a natureza. Queremos a natureza e o meio ambiente assim, limpos. Nós saímos pelas ruas falando algumas poesias para o povo.

O Curupira disse: – Deus é a maior fonte de toda riqueza. Tudo que ele criou é produto de beleza. Em seis dias fez o mundo. E o homem em seis segundos acaba com a natureza.

M'Boitatá completou: – E assim o mundo segue nessa grande contradição. A natureza ameaçada com a grande poluição, o mar chora, a terra sente. E o nosso meio ambiente é quem sofre na questão.

Eu estava sozinho num bosque. Ao meditar, percebi a importância que ele tem: a vida. E quem preserva é feliz porque conserva algo que lhe faz bem.

E meus amigos do folclore nas ruas falando poesias e eu, animada fiquei e poesias também falei: – Eu tenho amor por ela. E disso tenho certeza, pois sou feliz em amar a esta mãe natureza, que sofre nas mãos dos homens e nunca perdeu seu nome, tampouco sua beleza.

– Pois vou lhe dar um conselho. Não seja agressivo e vamos juntos lutar. Lutar em defesa dela, porque não é brincadeira. O homem vem destruindo toda a floresta brasileira. Preserva que ela agradece. Porque é você quem padece, se não aderir a esta bandeira.

Ainda temos muito que lutar. Para a todos conscientizar. Para a nossa natureza preservar. E o nosso objetivo alcançar.

Voltamos para a floresta todos cansados e marcamos uma reunião para a manhã seguinte. No outro dia estávamos todos lá na hora marcada. A palavra foi minha e da Iara: Agora, amigos, vamos ensinar a reciclar.

O Negrinho do Pastoreio falou:

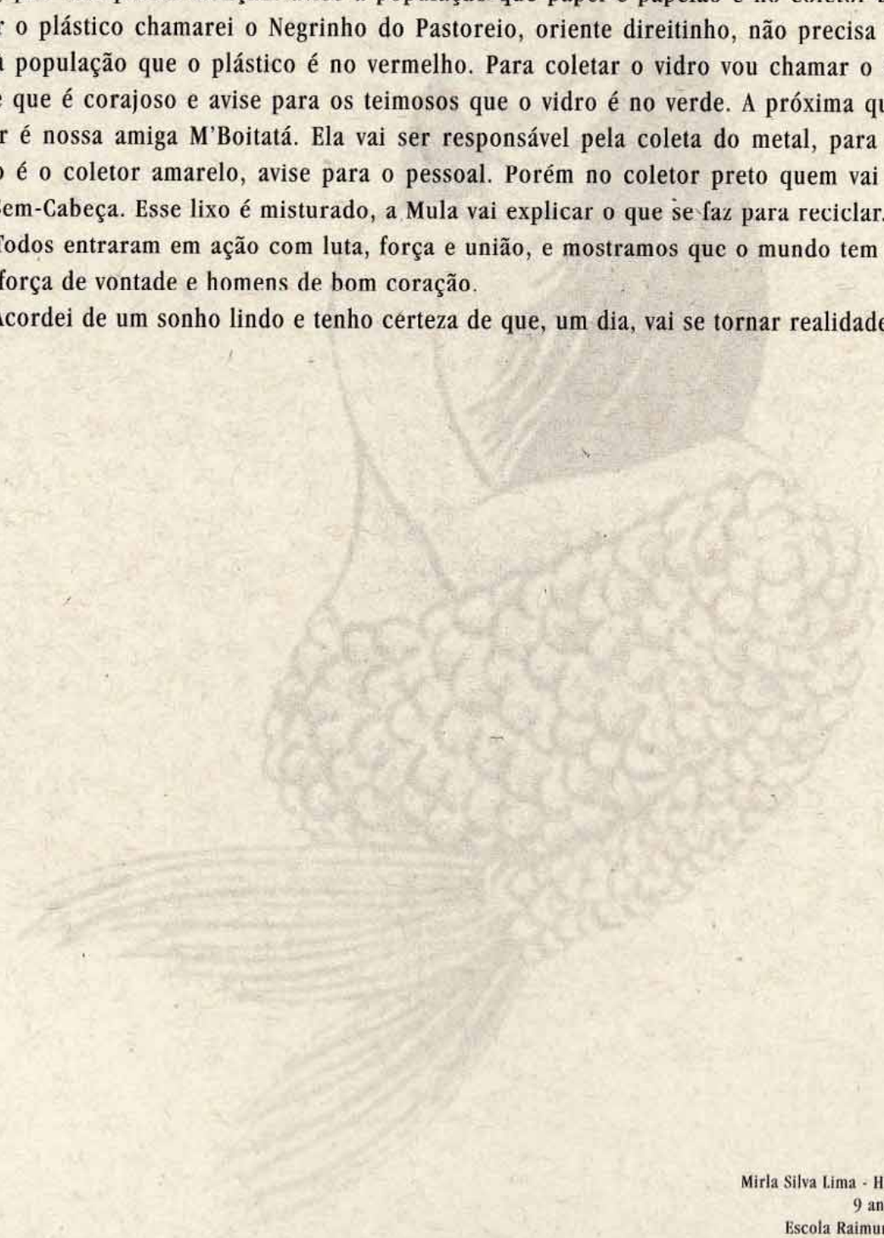
– Mas eu não sei reciclar.

Eu continuei:

– Calma, Negrinho, não precisa sentir trauma, eu vou lhe explicar. Para cada tipo de lixo colocamos um tambor, e em cada um deles especificamos uma cor. São cinco tipos de lixo e cinco cores diferentes, vou eleger cinco membros para ficarem à frente. A coleta de papel ficará com o Saci, por isso preste atenção: avise à população que papel e papelão é no coletor azul. Para coletar o plástico chamarei o Negrinho do Pastoreio, oriente direitinho, não precisa aperreio. Avise à população que o plástico é no vermelho. Para coletar o vidro vou chamar o Curupira, mostre que é corajoso e avise para os teimosos que o vidro é no verde. A próxima que eu vou chamar é nossa amiga M'Boitatá. Ela vai ser responsável pela coleta do metal, para esse lixo singelo é o coletor amarelo, avise para o pessoal. Porém no coletor preto quem vai ficar é a Mula-Sem-Cabeça. Esse lixo é misturado, a Mula vai explicar o que se faz para reciclar.

Todos entraram em ação com luta, força e união, e mostramos que o mundo tem salvação. Amor, força de vontade e homens de bom coração.

Acordei de um sonho lindo e tenho certeza de que, um dia, vai se tornar realidade.



Mirla Silva Lima - Horizonte - CE
9 anos - 5° Lugar
Escola Raimundo Nogueira

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

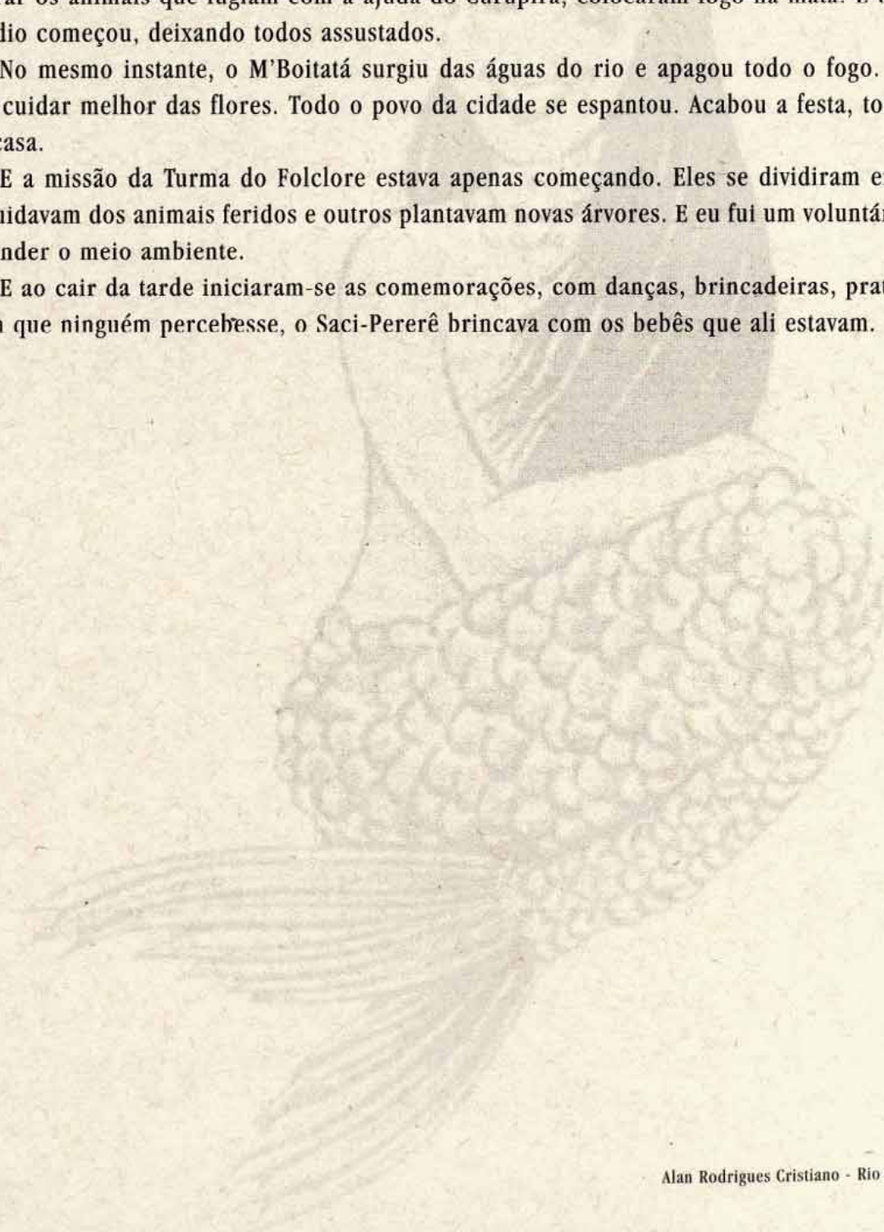
Era época de folclore, todo o povo de uma cidadezinha perto da floresta organizava uma festa.

Enquanto isso, na floresta, animais eram atacados por caçadores que, por não conseguirem capturar os animais que fugiam com a ajuda do Curupira, colocaram fogo na mata. E um grande incêndio começou, deixando todos assustados.

No mesmo instante, o M'Boitatá surgiu das águas do rio e apagou todo o fogo. Prometeu então cuidar melhor das flores. Todo o povo da cidade se espantou. Acabou a festa, todos foram para casa.

E a missão da Turma do Folclore estava apenas começando. Eles se dividiram em grupos. Uns cuidavam dos animais feridos e outros plantavam novas árvores. E eu fui um voluntário, ajudei a defender o meio ambiente.

E ao cair da tarde iniciaram-se as comemorações, com danças, brincadeiras, pratos típicos e, sem que ninguém percebesse, o Saci-Pererê brincava com os bebês que ali estavam.



Alan Rodrigues Cristiano - Rio de Janeiro - RJ
9 anos
E.M. Sergipe



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Tecnologia avançada, computadores, Internet, violência, assalto à mão armada, derramamento de óleo, rebeliões em massa, desmatamento, poluição de rios e mares, crianças desaparecidas, correria pra lá e pra cá, ninguém mais tem tempo, ninguém mais olha ao seu redor, não mais admira a rua em que mora. Por onde andam as crianças que brincavam de ciranda-cirandinha, de pula corda, de amarelinha, de esconde-esconde?

Meu Deus, onde está esse mundo que o homem, com sua inteligência, teima em destruir? Mas por que ficar só pensando? Por que não agir? Não se lembra do beija-flor, que todos seus colegas riram quando ele estava tentando de gota em gota apagar um incêndio na floresta? Isso mesmo. Vou sair e vou à luta. Como? Já sei, no mundo encantado todos são solidários e fraternos, então, por onde começar? Pelo mar? Ou pela floresta?

– Saci, Saci, vamos juntos tentar melhorar um pouquinho esse mundo que os homens tentam destruir.

– O que posso fazer? – perguntou o Saci.

– Você, com um pezinho só, todas as vezes que um homem tenta retirar uma árvore, você aparece para ele, ele vai se assustar e vai embora. Curupira, você montado no seu porco-do-mato, proteja as caças dos caçadores.

Quando estavam ali, naquela conversa, quem aparece? O famoso beija-flor:

– Eu também quero ajudar.

– Você será nosso mensageiro para levar aos nossos amigos do mar e do rio. A Sereia, o Boto, o M'Boitatá, a Sucuri, a Mula-Sem-Cabeça.

E lá se foi o beija-flor, feliz em saber que agora sua função de defensor do meio ambiente era bem maior. Encontrando os amigos, a sereia achou a idéia genial, e disse que faria sua parte com muita alegria, pois usaria o seu canto para iludir os pescadores, quando viessem pescar fora de época. O M'Boitatá ficou tão empolgado que tentou encenar o que faria caso os homens tentassem incendiar a floresta. A Sucuri disse que podiam ficar tranqüilos, pois a partir daquela data protegeria os jacarés dos caçadores, dos fabricantes de bolsas e sapatos. A Mula-Sem-Cabeça ficou encarregada de proteger os lagos e os rios das poluições. O Boto se encarregou de proteger o mar das belas madames com seus filhinhos que, quando vão chegando, deixam sua sujeirinha. Todos estavam felizes, o mundo voltaria a ser o paraíso, aquele que Deus pensou quando criou.

Mas, de repente, comecei a me coçar, arder, e vi que tinha adormecido e, coincidência cruel, em cima de um formigueiro, e percebi que tudo não passou de um sonho. Um lindo sonho, mas só um sonho, e meus amigos, Saci, Mula-Sem-Cabeça, Boto, Iara, Curupira, só existem para quem vê com o coração. Infelizmente o homem não tinha tempo, ia continuar, mesmo no século 21, sendo escravo, surrado pela sua ignorância. Levantei, peguei meu cavalo baio e segui pelas campinas.

Amanda David Kock Neves - Itabatan - BA
8 anos
Colégio Casa do Estudante - Leon Feffer II



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Olá, amiguinhos! Eu sou Amanda, a princesa natureza, e sinto que preciso convocar uma reunião com os meus amigos defensores da natureza, farei isso telepaticamente... Oh! Amigos da natureza, clamo vossas presenças no íntimo ventre da natureza para uma reunião de extrema urgência...

O primeiro a chegar foi o Saci-Pererê, com a agilidade do vento, em seguida a Iara, com a força das águas, o M'Boitatá em um rastro de pólvora, com a energia do fogo, o Negrinho do Pastoreio com a sabedoria da terra e, por último, o Curupira, com o charme indiscutível do amor.

Negrinho do Pastoreio: – Por que nos convoca até aqui, Amanda?

Amanda: – Infelizmente, não tenho boas notícias, ou melhor, a razão para convocar-vos com tanta urgência é que realmente o quadro é lastimável e de caráter terrível. Sincronizem suas mãos com as minhas e lhes mostrarei tudo... Vejam, estão acabando com as nossas matas, destruindo todos os rios e poluindo o ar...

Saci: – Realmente, o ar está quase irrespirável.

Curupira: – Correto. Com essa onda avassaladora de desmatamento, os animais não têm mais onde morar.

Amanda: – Sim, e é por isso que devemos agir o mais rápido possível.

Iara: – Vamos começar pela Floresta Amazônica, e devemos nos dividir para tornar o trabalho mais eficaz e ágil.

Negrinho do Pastoreio: – Vamos entrar em ação logo.

Amanda: – É pra já! Curupira, você e Iara vão fiscalizar os rios. Negrinho do Pastoreio, você e o Saci vão vigiar as matas e eu vou vigiar a fronteira do Brasil com a Colômbia.

Após alguns dias de vigilância, ao cair da tarde, eles se reuniram novamente

Iara: – Incrível, quase que o Curupira e eu não conseguimos nadar, a água dos rios se transformou em petróleo e já não há mais vida nos mangues, ou melhor, quase não existem mais mangues.

Curupira: – É terrível!

Saci: – Irrespirável! Essa é a condição do ar. Os índices de oxigênio estão baixíssimos e os de dióxido e monóxido de carbono estão altíssimos...

Negrinho do Pastoreio: – A mata está sendo toda devastada pelas madeireiras, encontrei também várias clareiras usadas como pistas para pequenos aviões...

Amanda: – Sim, quando eu estava na fronteira com o M'Boitatá ouvi comentários de que o pessoal da guerrilha está invadindo o Brasil e até fazendo plantação de maconha...

M'Boitatá: – O que vamos fazer?

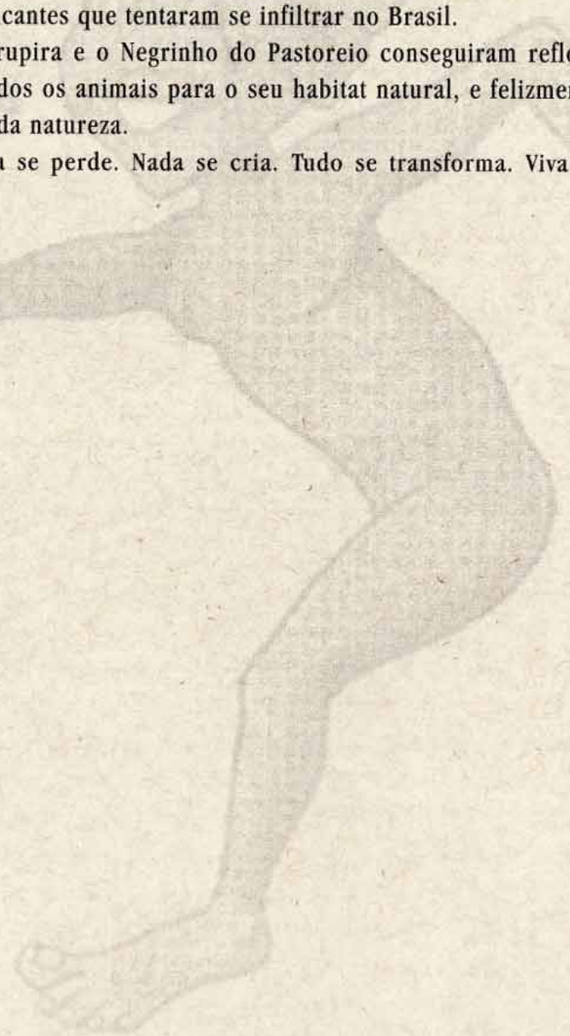
Amanda: – Vamos nos dividir novamente para acabar com essa ameaça. Iara, você fica encarregada de limpar os rios. Saci, você limpa o ar. M'Boitatá, você cuidará da fronteira, não

deixe ninguém de atitude suspeita entrar no Brasil. Curupira, você e o Negrinho do Pastoreio ficam encarregados de reflorestar a mata e trazer os animais de volta para o seu habitat natural, e eu vou reequilibrar o espírito da floresta...

Primeiro, a Iara criou um tufão com o petróleo que poluía os rios, e o devolveu às petrolíferas que o derramavam. Em seguida o Saci, com um tornado, recolheu a poluição que impregnava o ar e utilizou para entupir as chaminés. E o M'Boitatá queimou os pés e as asas dos aviões de todos os traficantes que tentaram se infiltrar no Brasil.

Que lindo! O Curupira e o Negrinho do Pastoreio conseguiram reflorestar todas as áreas desmatadas e trazer todos os animais para o seu habitat natural, e felizmente Amanda conseguiu reequilibrar a energia da natureza.

Na natureza nada se perde. Nada se cria. Tudo se transforma. Viva os nossos amigos da natureza!



Amanda Lima Ferreira - Miracema - RJ
9 anos
E.E. Capitão João Bueno

Quando eu ouvi falar em apagão percebi que precisava fazer alguma coisa para ajudar o meio ambiente. A minha mãe disse que nós ficaríamos sem energia pois estávamos ficando sem água. Pensei em dar uma sugestão na televisão! Mas... e se não tiver luz?

Poderia pegar um barquinho à procura de luz... Mas como, e se não tiver água no oceano? Então resolvi construir um enorme alto-falante, e lá do céu eu mandaria o meu recado. Para isso, resolvi pedir a ajuda da Turma do Folclore. Reuni todos eles, e decidimos que cada um defenderia uma parte do meio ambiente.

Eu comecei pelo céu, onde o infinito nos leva com seu brilho e seu encanto, o delicioso calor do sol nas manhãs frias. O que poderia significar a vida, se o sol não existisse? Não teria nenhum valor, porque a luz do Astro Rei é a razão de todas as cores e formas que existem em nosso planeta. E as estrelas? Olhar um céu estrelado nos dá um imenso prazer de estar aqui. Elas são como pedras preciosas dando muito brilho às nossas vidas. Ah! E a lua? Existe coisa mais romântica do que parar para apreciá-la? Esquecemos de tudo que há de belo, pois a sua beleza é incomparável.

Entre toda a humanidade que me ouvia, destacaram-se os meus Amigos do Folclore, que não paravam de me aplaudir.

A Uiara deu início ao seu discurso pedindo que as pessoas descessem dessa escada tão alta e soberana e mergulhassem na dimensão dos mares... O mar consegue nos fazer sentir todas as coisas boas ao mesmo tempo, de que mais poderíamos precisar, se simplesmente parássemos para ouvir o barulho das ondas do mar, o frescor da brisa que retira dos pulmões todo o sentimento ruim, o azul que é infinito e aumenta nossa razão de viver, nós que só podemos observar a sua grandeza à beira-mar, imagine o que poderia sentir quem mergulhasse lá no fundo do mar, com a variedade de seres e plantas que vivem e usufruem dessa vasta beleza.

Entre a multidão, veio pulando o Saci. Com uma perna só, pois agora chegou a vez do Pererê falar, depois desse mergulho gostoso no delicioso mar. Vamos nos esquentar caminhando e observando de perto os encantos da floresta. Vocês já notaram que os homens gastam fortunas em busca de aventuras, pensando que vão encontrar a razão de viver, mas na realidade tudo o que eles precisam está sobre as suas cabeças, aquele céu infinito e maravilhoso que a nossa amiga destacou no início da história? Está diante dos seus olhos na beleza que a Uiara descreveu sobre a grandeza do mar, e também está ao seu redor nas variedades de plantas, flores e animais que a floresta vai nos mostrar.

Entre coisas simples, mas que nos deixam encantados, como um passarinho bicando o ovinho ou uma lagartinha virando uma bela borboleta. Começando com as vegetações, vamos destacar as árvores. Algumas são como as mães, estão sempre atentas ao ar que respiramos, nos mantendo oxigenados, nos protegendo do calor do sol com sua sombra refrescante. Muitas espécies nos alimentam com seus frutos, nos servem de abrigo com sua madeira e muitas nos curam de doenças com seu chá.

A floresta é um lugar mágico com suas variedades de flores e plantas. Muitas vezes, para realçar ainda mais a sua beleza, ela é atravessada por magníficas cachoeiras. Às vezes, eu acho que suas águas se transformam em lágrimas quando elas percebem que o nosso meio ambiente está destruído!

Ao terminar o seu discurso, o Saci foi aplaudido por todos. O entusiasmo foi tão grande que as pessoas choraram de emoção.

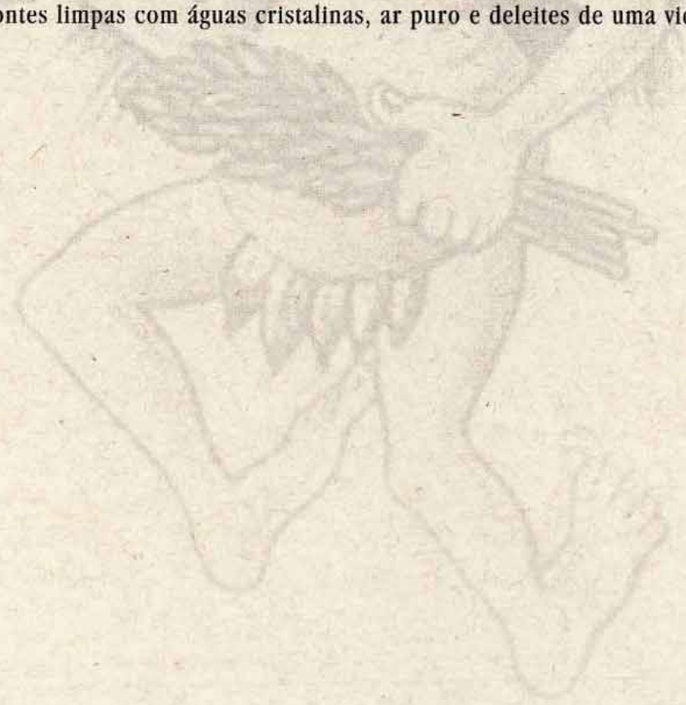
– Agora chegou a minha vez. – disse bem alto o Curupira, pois, para completar o quadro perfeito, não poderíamos esquecer dos animais que harmoniosamente enfeitam o nosso planeta.

São tantos os animais... Mas nós vamos falar apenas de alguns, sobre as aves poderíamos destacar a beleza do pavão e um simples patinho que acaba de sair do ovo, como é engraçado! Aquele bichinho amarelinho sair rebolando, com seu rabinho, atrás dos irmãos.

Não importa a raça, para nós todo filhote de qualquer animal é admirável. Seja um cachorrinho vira-lata ou um gatinho de rua, o que realmente tem sentido é poder observá-lo.

No final de sua palestra, a multidão foi ao delírio.

O M'Boitatá, o Negrinho do Pastoreio e o Boto Cor-de-Rosa resolveram terminar com um grande sorteio, e os prêmios foram os mais valiosos do mundo, pois eles nos dão a vida. Distribuíram fontes limpas com águas cristalinas, ar puro e deleites de uma vida no paraíso.



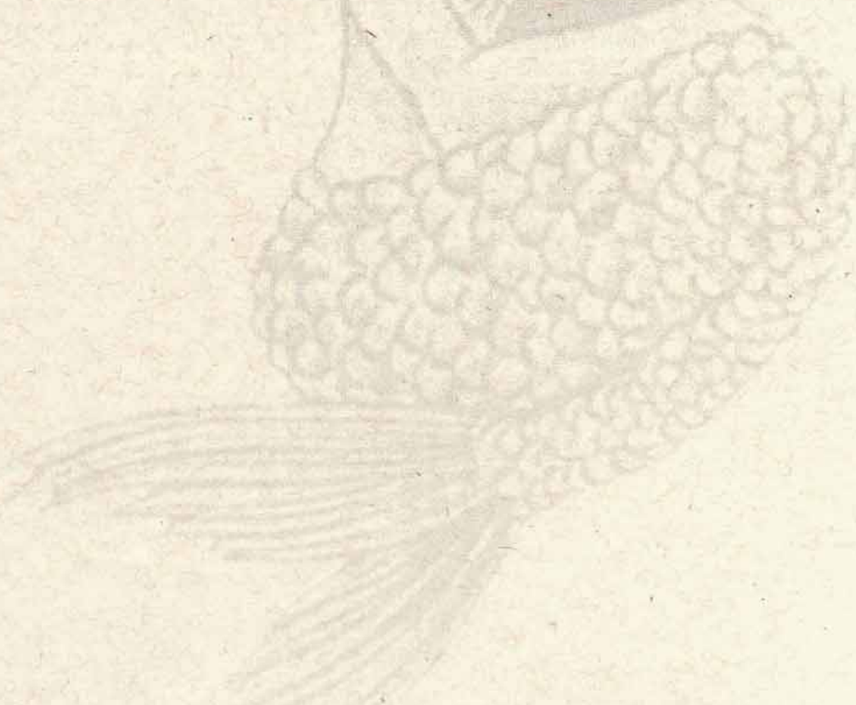
Ana Carolina Nunes da Silva Oliveira - Rio de Janeiro - RJ
7 anos
Seiva Pura

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

EU E O SACI-PERERÊ

O Saci-Pererê tem fama de ser um menino malvado, que só faz tentação. Mas isto é uma grande mentira. Outro dia, ele me contou que, há muitos anos, ele era um menino branco e de duas pernas. Enquanto ele passeava pela mata, viu os homens maus colocando fogo nela. Quando ele foi apagar o fogo, acabou ficando preso no meio dele e queimou-se todo. Quando tentou pular a cerca, sua perna ficou presa no galho que havia caído de uma grande árvore. Desde esta época, o Saci ficou como um carvão e com uma perna só. E, desde então, está sempre de plantão, junto com meninos como eu, que gostam de tudo que Deus criou. E juntos saímos sempre à noite, libertando os pássaros, limpando os rios, plantando árvores e apagando o fogo das florestas.

Pena que nós, crianças, não somos tão poderosas como os homens. Mas, quando crescermos, vamos fazer o que for possível para não sermos como os homens de agora.



Arthur Ribeiro Torres - Carbonita - MG
8 anos
Coronel Coimbra

Relato aqui uma reunião entre Béthany e a Turma do Folclore em busca de soluções para a defesa do meio ambiente.

Béthany: – Oi, amiguinhos, tudo bem? Que bom encontrar vocês por aqui, eu estava mesmo precisando falar com todos vocês. Ah! Eu já ia esquecendo de me apresentar; meu nome é Béthany. Precisamos tratar de assunto muito importante: é sobre a proteção do meio ambiente.

– Saci, você tem alguma idéia?

– Tenho sim, Béthany, e acho que pode ajudar muito. Nós podemos fundar uma associação comunitária defensora ambiental.

– Ótima idéia, Saci! E também podemos formar uma parceria com o "Instituto Ecofuturo".

Curupira:

– Podemos nos dividir, cada pessoa pode ficar com dez hectares florestais, estará sob sua responsabilidade cuidar do seu hectare.

M'Boitatá:

– Cuidarei das queimadas nas florestas, mesmo sendo hectare de outra pessoa.

Iara:

– Eu poderei seduzir os homens até as margens dos lagos, mares e rios, e falar com cada um deles sobre a extinção da água no planeta, porque sem ela todos os seres vivos morrerão.

Negrinho do Pastoreio: – E eu, o que farei?

Béthany: – Já sei! Você pode ficar invisível, não pode?

Negrinho do Pastoreio: – Posso.

Béthany: – Então, que tal você se tornar invisível para desmontar as quadrilhas dos caçadores?

Negrinho do Pastoreio: – Protegendo os animais?

Béthany: – Isso mesmo. Ah! Iara, tenho uma missão muito importante para você.

Iara: – E o que é? Estou louca querendo saber.

Béthany: – Bem... Você pode, com o seu raio hipnotizador, conscientizar as pessoas de que jogar lixo, ou seja, poluir os rios, mares e lagos, está errado.

Iara: – Certo!

Béthany: – Curupira, você pode formar uma parceria com o Negrinho do Pastorcio para defender os animais dos predadores (caçadores). Quem pode fazer uma grande parceria também é o Lobisomem e a Mula-Sem-Cabeça. A cada lua cheia, o Lobisomem pode visitar sete florestas diferentes, uivando para espantar os caçadores. E quando não for lua cheia, a Mula-Sem-Cabeça entra em ação.

Saci-Pererê:

– Lobisomem, divulgue por onde você passar que proteger as matas é importante, e que assim

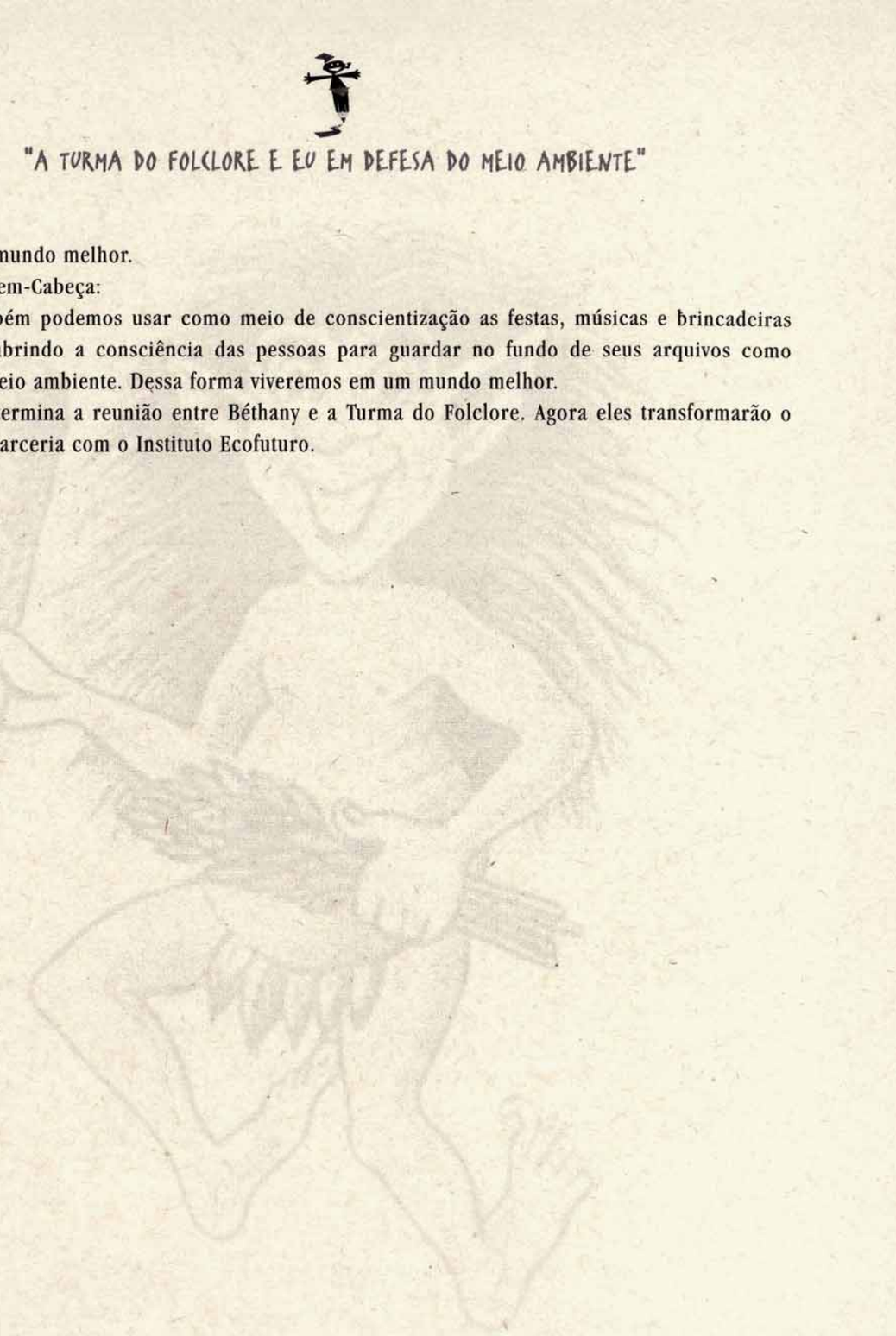
"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

teremos um mundo melhor.

Mula-Sem-Cabeça:

– Também podemos usar como meio de conscientização as festas, músicas e brincadeiras folclóricas, abrindo a consciência das pessoas para guardar no fundo de seus arquivos como proteger o meio ambiente. Dessa forma viveremos em um mundo melhor.

Assim termina a reunião entre Béthany e a Turma do Folclore. Agora eles transformarão o mundo, em parceria com o Instituto Ecofuturo.



Béthany Oliveira Nascimento - Mucuri - BA
9 anos
Colégio Casa do Estudante - Leon Feffer II

UM SONHO QUASE REAL

No dia 28 de junho, eu e meus colegas de classe fizemos uma excursão na Reserva do Vale do Rio Doce, localizada na cidade de Linhares - ES. Nossa professora queria que conhecêssemos de perto o assunto que trabalhávamos na sala de aula: a Mata Atlântica.

Eu observava atentamente todos os detalhes daquele paraíso. Fiquei tão distraído que, quando percebi, havia me afastado do grupo e estava sozinho no meio da floresta. Resolvi tentar encontrá-los antes que ficasse muito tarde.

De repente: BUM! – ouvi um tiro e várias gargalhadas. Corri para ver o que tinha acontecido e assisti a uma triste cena: um mico-leão-dourado caído no meio das folhas secas, uma bala no peito e uma lágrima nos seus olhos, como se estivesse pedindo ajuda.

Fiquei com muita pena daquele animal em extinção. Que covardia. Estava ficando tarde e eu precisava encontrar o grupo. Senti um cheiro forte de fumaça. Pensei: – mais essa? Um incêndio?

Andava apressado, quando tropecei em um tronco caído no chão. Arregalei os olhos. Não acreditava no que via: uma enorme cobra de fogo. Fiquei paralisado. Pensei: serei devorado!

De repente, a gigante cobra falou:

– Sei que você é do bem. Não tenha medo. Por que está com tanta pressa?

Porque ouvi tiros e descobri um mico-leão-dourado morto. Preciso pedir ajuda. Esses criminosos devem pagar pelo que fizeram.

Eu estava indo exatamente atrás dos responsáveis pelo incêndio que acabei de apagar.

Levantei, tirei a terra que estava na roupa e me apresentei:

– Eu sou Caio, e você?

– Eu sou M'Boitatá, um defensor de campos incendiados. Muito prazer, Caio. E você, o que faz em uma floresta?

Contei rapidamente minha história e disse que estava ocupado com a Reserva.

– Já sei – disse ela. Vou convocar meus amigos para um mutirão de caça aos bandidos.

– Mas isso levará muito tempo e logo eles fugirão.

– Calma, menino, eu sou uma cobra moderna. Nesta era tecnológica não dá pra viver numa floresta sem um celular.

Digitou alguns números e rapidamente chegaram o Saci-Pererê, o Curupira e o Negrinho do Pastoreio, e disseram:

– Oi, amigo, qual é o problema?

– Eu quero te apresentar o Caio, o meu novo amigo. Ele também é defensor da natureza. Estamos precisando da ajuda de vocês para encontrar os malfeitores de florestas.

Eles concordaram prontamente e falaram:

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

– É pra já!

Nós saímos em busca pela floresta. Depois de um tempo andando pela mata, nos separamos em dois grupos. Eu, o M'Boitatá e o Negrinho do Pastoreio fomos pelo rio. O Curupira e o Saci foram pela mata, deixando no chão apenas três pegadas: duas para trás e uma para frente, o que confundiria quem quisesse segui-los. Um pouco mais à frente, no local combinado, nos reencontramos e avistamos numa clareira um acampamento. Logo, o Saci-Pererê descobriu gaiolas com pássaros raros e jaulas com animais em extinção. Entramos no acampamento com cuidado. Parecia não ter ninguém por ali. O Saci abriu todas as gaiolas e o Curupira se encarregou de abrir as jaulas, libertando tucanos, ararinhas azuis, capivaras, micos-leões-dourados, sagüis e outros. Liberdade, liberdade, amigos! Eu vi no chão pegadas de botas de caçadores. Resolvemos segui-las e logo surpreendemos os bandidos pescando em época de pesca proibida. Eles conversavam animados, dando gargalhadas, e não perceberam nossa aproximação. O Negrinho do Pastoreio, que era bom de laço, girou a corda no ar e conseguiu amarrar os três de uma só vez. Me enchi de coragem e, como um soldado da natureza, falei com bravura:

– Parados aí. Vocês estão presos em nome da lei.

Eles disseram:

– Ra-ra-ra! Você, apenas um menino, como poderá nos prender?

– Eu não estou só. Tenho grandes amigos. E com um assobio eles apareceram.

A cobra grande se enrolou em volta deles e disse:

– Corra, Caio, vá buscar ajuda na polícia florestal!

Foi aí que lembrei que a cobra grande usava um celular. Digitei alguns números e, em pouco tempo, os policiais chegaram levando os três presos.

– Puxa, já é tarde! – lembrei. – A professora e a turma já devem estar de saída.

– Adeus, amigos, obrigado pela ajuda.

Corri e ainda cheguei a tempo de pegar o ônibus.

Estava deitado em minha poltrona quando a professora Andréa falou:

– Acorda, Caio, acorda! Chegamos!

Que pena! Foi apenas um sonho. Quando me levantei, um celular caiu aos meus pés. Seria sonho ou realidade? Jamais saberei.

Caio Luiz Gomes - Mucuri - BA
8 anos
Colégio Casa do Estudante - Leon Feffer II

– Como estou cansado! Vou me encostar nesta árvore, e assim pensar em como sair dessa enrascada em que me meti!

Fernando adormeceu... De repente, ele acordou assustado com um barulho que vinha de uma clareira no meio da mata.

– Nossa! Já anoiteceu. Como sairei daqui? E que barulho é esse?!

O menino, mesmo assustadinho, seguiu a luz da clareira e ficou espionando. Ouviu vozes e viu um grupo reunido perto de um rio. Barulho de água e canto de pássaros se confundiam naquele lugar. Chegou mais um pouquinho para escutar, não acreditou no que viu.

– Oh! Não posso acreditar, devo estar sonhando! Eu conheço aquelas pessoas... Pessoas?

Fernando não acreditava no que via. À sua frente estavam os personagens do folclore brasileiro. Isso mesmo! Bem iguaizinhos aos que a professora nos contou!

Estou com medo!!! Acho que vou subir nesta árvore e ficar bem quietinho.

Coitadinho do menino. Ele subiu com muita dificuldade e, quando estava chegando no galho mais confortável, "pimba", caiu bem em cima do grupo.

– Socorro! Socorro!

– Quem é você? perguntou o Saci, que pulava numa perna só à sua volta.

– Quem são vocês? – perguntou Fernando, tremendo e todo doído do tombo.

– Eu sou a linda sereia Iara. – dizia ela encostada à beira do rio.

– Vocês de verdade, mesmo? Vocês existem? Eu pensei que vocês existissem só nos livros!

– Claro, eu sou o Negrinho do Pastoreio e estes são meus amigos.

– Bem, menino, você quer saber por que estamos aqui? – perguntou M'Boitatá. E continuou: a Mãe Terra chama toda vez que está em apuros. Um grito ecoa por toda parte e a floresta fica quietinha, e então sabemos que ela precisa de nós todos unidos.

– Não precisa ter medo. – disse Curupira. A gente precisa se unir para acabar com a violência ao meio ambiente.

– Puxa, que legal! Parece lá na escola, em que todos os alunos juntam o lixo que dá para reaproveitar e fazer outras coisas...

– Como assim?... perguntou a Iara, que não era mais Iara, e sim o Boto.

– Como você fez isso? – indagou Fernando.

– Ah, depois explico. Conte-nos mais sobre o trabalho de vocês na escola.

Fernando contou com entusiasmo sobre o projeto "LIXO OURO", em que os alunos e todos os pais levavam garrafas, jornais, plásticos, latas para serem reciclados, e assim preservar a natureza.

– Que interessante, Fernandinho! Quer dizer que você pode nos ajudar a preservar os animais, as matas da nossa terra tão gentil? – disse o Saci.

– Claro. Mas, se você é mesmo travesso, como está aqui?

– Gosto muito de brincar, Fernando, mas quando o assunto é destruição de natureza eu fico triste. Veja como o rio está cheio de sujeira...

– Mas vamos agir rápido. – disse M'Boitatá. A Mãe Terra pede socorro!

Curupira coçava seus longos cabelos enquanto pensava, Saci-Pererê pulava numa perna só, a Iara tinha ar de preocupada e armava sua longa cauda, enquanto o Negrinho do Pastoreio rezava para Nossa Senhora, sua madrinha.

– Pois é, se todos tivessem consciência... murmurou Fernando.

– É isso! Consciência!!! Vamos entrar na consciência de cada um enquanto os humanos dormem.

E assim foi feito. Juntos fizeram um círculo e este girava, girava até desaparecer e se transformar em estrelinhas que voavam pelo céu à procura de cada consciência.

– Parabéns, crianças! O teatro de vocês está nota 10. – disse a professora Anair.

– Cada um de vocês vai receber estrelinha, a estrelinha da consciência. É com ela que vocês poderão multiplicar a paz, dividir as esperanças e somar esforços. Só assim a Mãe Terra subtrairá incêndios, desmatamentos, matança de animais... Fernando ficou sozinho no palco, mas sentiu a presença dos personagens do nosso rico folclore brasileiro.

Fernando Madruga Dotto - Cascavel - PR
9 anos
Escola Emília Galafassi

Nas selvas e matas,
Nas terras urbanas,
Em ocas cabanas,
Em rios e cascatas.

Percorro feliz,
Junto com meus amigos,
Contra os inimigos,
Das terras Brasis.

Mas ficamos tão tristes,
Com tantas mortes e queimadas,
Com os cortes das árvores,
Com as matas ameaçadas.

O Uirapuru canta e a mata se cala,
Exprime o silêncio da dor!
Mas também avisa ao malfeitor,
Que seus passos são vigiados.
E o "Curupira" com certeza,
Desvia seus caminhos com grande destreza,
E o destruidor das matas,
Escapa e invade os rios.

Destrói suas nascentes à procura de "louros" e pratas
Mas "Iara", mãe das águas,
Com sua beleza alucina e encanta,
E o "Boto" com sua força lhe espanta.
O destruidor com terror não desiste,
E com fogo ele insiste em matar!

"M'Boitatá" então se levanta com mágoa,
E com seus olhos em brasa,
Lança das águas,
Sua ira a queimar.
O destruidor das matas se esconde nas florestas,
Onde o "Saci" faz a festa,
Mas ele consegue escapar.

Por isso, minha Turma do Folclore,
Nunca desista de lutar,
Pelo nosso ambiente, contra o inimigo,
Pois enquanto o Uirapuru cantar,
O seu canto nos alegrará,
E os rios e florestas,
Sempre estarão a brilhar!

Guilherme Cavalca dos Santos - Guaratinguetá - SP
9 anos
E.M.E.F. Profª. Alcina Soares Novaes

O ANEL DE PEDRA VERDE

Era véspera de Natal, acordei com uma sensação ruim e fiquei assustado. Para me distrair, peguei um livro de folclore e comecei a ler. Esse livro a minha mãe comprou alguns dias atrás.

Engraçado, na história, o Saci-Pererê estava defendendo o meio ambiente. Num passe de mágica, tudo era real. Vi na tevê o Saci-Pererê brigando com os homens. Saí de casa e fui para o lugar onde o Saci estava, queria ajudá-lo. Quando cheguei lá, ele me falou:

– O meio ambiente está sofrendo, e o mundo também! Chame a Iara para cuidar dos mares e oceanos, chame o Negrinho do Pastoreio para cuidar das crianças que estão sofrendo, o Curupira para defender as pessoas deficientes, o M'Boitatá para nos ajudar aqui e a Caipora para cuidar dos animais.

E, pensando bem, falei:

– Saci, se você está defendendo o meio ambiente, então por que você não pára de fumar seu cachimbinho?

– Vou parar, sim.

Então fui procurar os amigos do folclore. Ao encontrá-los, dei o recado do Saci. Fui para casa, e no outro dia fizemos uma reunião. Quando começou a falar, o Saci disse que o meio ambiente e o mundo estão sofrendo e temos que lutar com toda a nossa força.

Iara:

– Eu vou!

Caipora:

– Eu também!

M'Boitatá:

– Conte comigo.

Negrinho do Pastoreio:

– Eu faço a minha parte.

Curupira:

– Não precisam se preocupar comigo.

Eu:

– Te ajudo, Saci.

O Saci tinha feito um anel para nós todos. E esse anel tinha poderes mágicos. A Iara com o poder da água, M'Boitatá com o poder do fogo, o Negrinho com o poder da criança, Curupira com o poder da cura, a Caipora com o poder dos animais e eu com o poder da ajuda. O Saci, com o poder da mata, disse:

– Então, vamos?

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Todos:

– Siiiiimmm!!!

Iara viu homens pescando num lugar proibido e jogou seu poder da água nos pescadores, que caíram e soltaram os peixes de volta pro mar. O Negrinho viu um homem dando droga a um menino e sabia que essa criança ia sofrer se tomasse aquela droga, aí jogou seu poder de criança. O menino deixou a droga no lixo e foi embora. Saci viu um homem cortando árvores. E nós dois jogamos nossos poderes e o homem saiu correndo. O Caipora, vendo algumas pessoas matando animais, também jogou seu poder, afastando aquelas pessoas e curando os animais. Curupira viu veneno em cima da mesa do hospital, que alguém iria tomar por engano. Então, com seu poder, o veneno se transformou em remédio, e quem tomou ficou bom de verdade. O M'Boitatá viu um incêndio na floresta e apagou o fogo. ELES CONSEGUIRAM!

Já era noite de Natal e, para comemorar, nós convidamos Papai Noel para comer em uma lanchonete. No outro dia tudo voltou ao normal: eu estava na cama sonhando, o livro estava no meu coração e no meu dedo havia UM ANEL de pedra verde. Percebi uma coisa no sonho: cada um de nós tem o poder de fazer bem feita a sua parte!

Henry Nasser Gomes - São Paulo - SP
8 anos
Escola Paulista



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Naquela manhã, eu estava passando pela fazendinha do seu Zé Bolão, lá pelas bandas de Belém do Pará, quando vi um menino de olhos vermelhos como o fogo e pés virados para trás sentado numa cerca e chorando muito. Quando perguntei seu nome, ele me falou que era o Curupira, e que estava triste assim porque as nossas florestas estavam sendo destruídas.

Caminhando com ele até a floresta, encontrei a arara-vermelha e sua prima arara-azul assustadas com o fogo das queimadas que o homem faz para plantar. Lá na floresta choravam também a onça-pintada, o tucano, o tatu-canastra e o lobo-guará, todos com tristeza vendo a mata queimar.

Na beira do rio vi Uiara, a bela sereia de longos cabelos, cantando um canto triste por causa da poluição dos rios e do mar. Choravam o jacaré-de-papo-amarelo, o jacaré-açu, o pirarucu, o pacu, o pintado, junto com o Boto Cor-de-Rosa, que tem família pequena.

Uiara e Curupira me pediram:

– Não deixe que os seres humanos continuem jogando lixo e queimando nossas florestas, jogando lixo e óleo nos rios e mares, nem poluindo o ar, pois a nossa vida e a sua dependem do meio ambiente limpo.

Encontrei com meu velho amigo, o Saci-Pererê, que vestiu sua carapuça vermelha, acendeu seu cachimbo e, pulando de uma perna só, disse:

– Meu amiguinho Igor, aquele que ama o meio ambiente é, sem dúvida, um grande super-herói, que deve sempre observar as coisas boas e botar em prática, não deixando que ninguém destrua o que é tão lindo.

Naquele momento, gritei para todos os meus amigos da escola que também estavam passeando por lá. Chamei os amigos da floresta e começamos a plantar mudas e sementes de árvores como a peroba, o jacarandá, o mogno, a cerejeira e muitas outras. Plantamos também um monte de árvores frutíferas, como a castanha-do-pará, cupuaçu, açaí, cacau, araçá e outras. Os pássaros e os macacos vieram agradecer, pois essas árvores servem de alimento e abrigo para eles.

Esta história não tem fim porque até hoje eu e meus amigos continuamos e vamos continuar defendendo o meio ambiente, alertando as outras pessoas do prejuízo que o desmatamento, as queimadas e a poluição podem causar à humanidade.

Ainda hoje encontro o Saci e o Curupira no quintal da minha casa, e eles sempre agradecem o meu esforço em tentar tornar o nosso mundo um lugar melhor de se viver.

Igor de C. Vecchi - Paraíba do Sul - RJ
8 anos
Colégio Cenecista



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

No último fim de semana, eu e minha família fomos visitar meu tio Jorge na roça. Na estrada eu vi muitas árvores cortadas e queimadas. Eu perguntei para a minha mãe quem cortou e queimou aquelas árvores.

– Foi seu tio, ele é madeireiro.

– Por que ele faz isso?

– Para vender a madeira.

Quando chegamos na casa dele, minha tia e meus primos nos receberam e disseram que o tio estava na floresta cortando árvores. Na hora de dormir fiquei muito triste porque eu tinha uma casa para me proteger, e os animais e os pássaros, para onde eles iriam? De madrugada, eu acordei com um barulho na minha janela, abri e vi lá fora um menino cabeludo e com os pés para trás. Ele olhou para mim e falou:

– Qual é o seu nome?

– Ilana, e o seu?

– Curupira.

– O que você quer aqui?

– Vim descobrir quem está cortando as árvores da floresta. É para ele parar, se não eu vou fazer mal a ele.

– Venha comigo e eu vou te mostrar como estão a floresta e os animais por causa das árvores cortadas.

Fiquei triste porque eles estavam com frio e com fome.

No outro dia de manhã, eu pedi ao tio Jorge para ele não cortar mais árvores. Ele perguntou por quê.

– O meu amigo Curupira me mostrou vários animais que estão morrendo porque você está cortando árvores.

Meu tio deu uma gargalhada e foi para a floresta. À noite, quando ele voltou, estava muito doente. Mais tarde, o Curupira me chamou na janela e me deu a casca de uma árvore que era para fazer um chá e dar para o meu tio melhorar, e minha tia deu para ele. Na manhã seguinte, falei para o meu tio que o chá foi o Curupira que deu para ele. Meu tio ficou tão contente que parou de cortar as árvores. E a floresta virou uma festa.

O M'Boitatá cuspia fogo bem alto. O Saci dançava com seu único pé descalço. O Curupira, muito contente, dançava com a sereia Iara.

E em minha casa eu sabia que também havia ajudado a proteger a natureza.

Ilana Gama Lucindo - Mucuri - BA
8 anos
Colégio Casa do Estudante - Leon Feffer II



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

No escuro da noite, um satélite solitário viaja pelo espaço e, de repente, ele localiza um incêndio na Floresta Amazônica. O satélite avisa à Defesa Civil sobre o incêndio.

– Santa Maria, o satélite localizou um incêndio lá na área do casal de ararinhas azuis! – disse o chefe de comando.

O chefe de comando tinha uma filha (eu) que estava fazendo companhia a ele. Ela escuta sobre o incêndio e fica superpreocupada. Seu pai avisa às equipes de incêndio sobre o local e uma equipe corre para apagá-lo.

Um tempo depois...

A equipe de incêndio fica presa numa ponte levadiça por causa do apagão. O chefe de comando foi logo avisado, o problema estava ficando sério. Ele contou com muitos detalhes a história para mim. Eu corri para a escola e fui à sala de informática. Entrei na Internet e mandei um e-mail de socorro para todo mundo...

Enquanto isso, na floresta...

Saci-Pererê, que navegava por acaso na Internet, recebeu o aviso e se comunicou logo com seus amigos, cada um de uma forma.

Logo...

A Turma se encontrou e foram apagar o incêndio da floresta.

Meia hora depois...

M'Boitatá foi pelo fogo e resgatou as ararinhas azuis, Uiara e Boto foram pela água e chamaram todos os seu amigos aquáticos, e os demais rezaram para que tudo fosse resolvido com sucesso.

Depois que a Turma do Folclore apagou o incêndio, a Defesa Civil deu de cara com eles, conversaram e logo, logo ficaram amigos.

A Defesa Civil voltou para a cidade e todo o povo ficou sabendo disso.

Eu fui avisada e fiquei tão contente que mandei um e-mail de agradecimento.

E assim termina essa história.

Juliana Faoro Pfisterer - Rio de Janeiro - RJ
9 anos
Escola Corcovado



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Um belo dia eu, meu pai e minha mãe resolvemos ir acampar. Mas eu não queria ir sem companhia de outra criança, quando meu pai disse:

– Filha, por que você não leva sua prima Andressa?

– Legal, pai!

Fomos até a casa dela ver se a mãe e o pai dela concordavam. No caminho, eu ia falando para meu pai e minha mãe:

– Mãe, as lendas existem?

– Que tipo de lendas?

– A lenda do Saci, do Curupira, etc.

– Não, minha filha, não existem.

– Pois eu acredito.

E meu pai respondeu:

– Isso não existe, é bobagem, é o homem que inventa isso.

Mas eu não desistia, pois continuava acreditando. Quando eu cheguei, encontrei a minha prima brincando na rua, corri e fui logo contando a novidade. Enquanto isso, meu pai e minha mãe iam subindo a escada. Quando Andressa e eu chegamos na casa dela, fomos direto para o quarto e fechamos a porta. E só ficamos ouvindo pelo buraquinho da fechadura. E nós ouvimos:

– Ela pode ir, mas tome muito cuidado.

Ela começou a arrumar a mala e a se arrumar. Quando a minha mãe abriu a porta para dizer que ela podia ir, ela levou um susto ao ver que estava tudo arrumado.

– Vamos logo, vamos para o carro! E ela saiu correndo...

Depois de dois dias chegamos, e minha mãe nos mandou catar lenha para a fogueira. No meio do caminho, nós encontramos o Saci-Pererê, que nos levou para a cidade das lendas. Eu fiquei muito empolgada e acabei esquecendo a promessa que fiz de ir catar lenha.

Quando cheguei, eu encontrei o Curupira, o Negrinho do Pastoreio, a sereia e outros. Fiquei muito impressionada ao ver os personagens lendários. Nós ficamos sem fôlego e queríamos saber tudo sobre eles. Conversei com a Iara, e ela disse:

– Eu tiro as sujeiras do fundo do mar.

Depois eu conversei com o Curupira e ele me disse:

– Eu assusto os homens que vêm cortar as árvores, só assim eles deixam as árvores em paz. Já o Negrinho do Pastoreio ajuda em outra coisa.

Ele me disse:

– Eu distraio os homens que matam os animais, levando-os para um lugar seguro, só assim os animais ficam em um lugar sem medo.

Mas M'Boitatá é a mais assustadora, pois tem a forma de serpente de fogo. E ela me disse:

– Meu fogo não queima, pois é só para assustar! Já o Saci-Pererê é um negrinho travesso, que vive com sua única perna!

Foi tudo divertido e nós quisemos participar dessa equipe que preserva o meio ambiente. Nos reunimos e decidimos o que faríamos. Eu fiquei com a parte de plantar novas árvores, a Andressa teve que colher sementes, a sereia jogaria água no solo e os outros já faziam a sua parte no meio ambiente.

Lembramos que já estávamos ali há muito tempo, nos despedimos de todos, porque meus pais já deviam estar preocupados. Nós saímos da Cidade das Lendas e fomos cortar lenha. No meio do caminho eu só pensava que todos deveriam preservar o meio ambiente, pois é disso que depende a vida no planeta Terra.

Chegamos no acampamento, levamos uma bronca dos meus pais, que já estavam nervosos. Contamos a história, mas eles não acreditaram. Mas que passeio incrível!

Karina Machado dos Santos - Rio de Janeiro - RJ
8 anos
Colégio Sistema MV1 Cascadura

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Hoje acordei assustada. Tive um sonho esquisito. Sonhei que estava com uma amiga passeando na floresta e ela quebrou um galho de árvore. Mas, de repente... PLOC!!! Ela pisou no cocô de cachorro! E fico aqui pensando sozinha: – Será que não foi o Curupira? Ele não defende a natureza de quem a maltrata? Acordei. Estava andando na rua indo a caminho da escola, porque hoje teria excursão, quando vi um menino atirar uma pedra num passarinho. Ele nem tinha percebido, quando eu gritei:

– Menino, olha no seu pé!

No pé dele havia um monte de formigas. Continuo caminhando. Quando chego na classe, a professora pede para fazer um trabalho sobre "Folclore" (isso, antes da excursão). Que coincidência! A primeira coisa que me deu na cabeça foi o Negrinho do Pastoreio. E de novo penso: – Será que não foi ele que fez o menino pisar no formigueiro? Ele não foi enterrado vivo num...?

Fiz minha história e bateu o sinal. Hora da excursão. O motorista do ônibus jogou bituca de cigarro de dentro para fora. Isso provoca incêndio nas matas. Quando acendeu outro, percebi que queimou o dedo. Será que foi o M'Boitatá? Não é ele que coloca fogo nas pessoas? Durante a excursão, fomos pegar peixes com as mãos. Eu estava pescando com todo mundo. Pesquei, e quando abri os olhos, estava debaixo da água. Senti uma mão me puxar e me "safei dessa". Estávamos passeando pelo lugar, quando comentei com a Livia, minha amiga (a mesma do sonho). Mas comentei dando risadas, para não assustá-la.

– Livia, será que não foi o Boto que me puxou para dentro da água? Eu estava maltratando a natureza! Pegando peixes de um rio!

Aí, com cara de assustada, ela disse:

– Credo, Leila! Até parece que Folclore existe!!!

Pensei calmamente se o tal "Folclore" existia mesmo. No meio do caminho para casa cheguei à conclusão: é claro que Folclore não existe (pelo menos é o que eu acho)! Voltei para casa e já tinha dado 20h45. Fiz tudo o que tinha que fazer e coloquei o pijama. Fiquei pensando: – Será que o Saci-Pererê vai me pegar hoje à noite?

Leila Silva Brambilla - São Paulo - SP
9 anos
Instituto Madre Mazzarello

O SABER POPULAR PODE AJUDAR A PRESERVAR

Começo aqui minha fala,
De caipira descontente,
Que explode que nem bala,
Quando o assunto é ambiente.

Escuta aqui minha gente,
Vou agora comentá,
Sou caboclo lá do mato,
E não gostei da capitá.

Um povo tão esquisito,
Que anda qui nem mosquito,
Falam de um mundo de pedra,
Não sabem o que é bonito.

Vi muita sujeira no chão,
Vi fogo na plantação,
Vi fumaça lá no céu,
E uma chuva de papel.

Não pense que é só aí!
Em tempo de globalização,
Não escapa nem o sertão.

Quando falei do Curupira,
Foi aquela gozação,
Isso porque nunca viram,
Os heróis lá do sertão.

Ocês num acredita em nada,
E falam até de clonação,
Oia, home que brinca de Deus,
Não merece seu perdão.

Seu moço nem imagina,
Mas vou logo lhe avisá,
Tenho muitos aliados,
Entre eles o M'Boitatá.

Pra protegê a natureza,
E conservar sua beleza,
Convoquei até o Saci,
Que mais matreiro nunca vi.

Conto com o canto da Iara,
Conto com o Boto faceiro,
Conto com a oração,
Do Negrinho do Pastoreio.

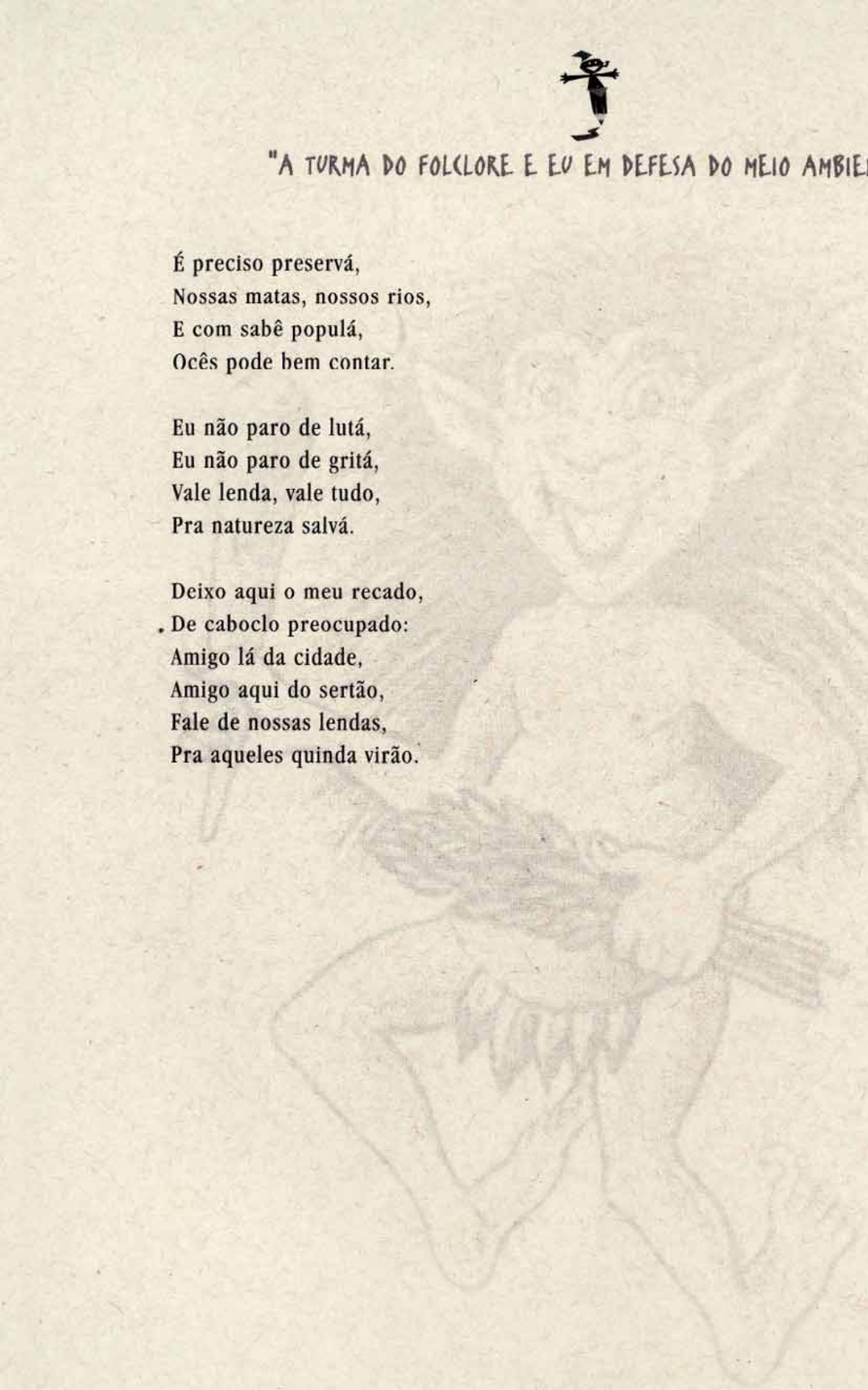
Acredite ocê ou não,
Em fantasma, assombração,
Em Saci ou Curupira,
Que defende a plantação.

Não quero agora morrê,
Sem satisfazê um desejo,
Vê os home da cidade,
Se juntar ao sertanejo.

É preciso preservá,
Nossas matas, nossos rios,
E com sabê populá,
Ocês pode bem contar.

Eu não paro de lutá,
Eu não paro de gritá,
Vale lenda, vale tudo,
Pra natureza salvá.

Deixo aqui o meu recado,
De caboclo preocupado:
Amigo lá da cidade,
Amigo aqui do sertão,
Fale de nossas lendas,
Pra aqueles quinda virão.



Luisa Maria Augusto de Azevedo - São Luís - MA
8 anos
Instituto Divina Pastora

Eu, Luis Fernando, tive um sonho... Sonhei com Saci-Pererê e Jeca Tatu. No sonho, nós três fomos a duas festas populares do nosso folclore. Começamos com o Carnaval, aí o Saci me perguntou:

– Será que depois desta festa as fantasias e os enfeites são jogados no lixo?

Eu respondi:

– Não sei, mas deve demorar um tempão para acabar, e vai poluir o meio ambiente.

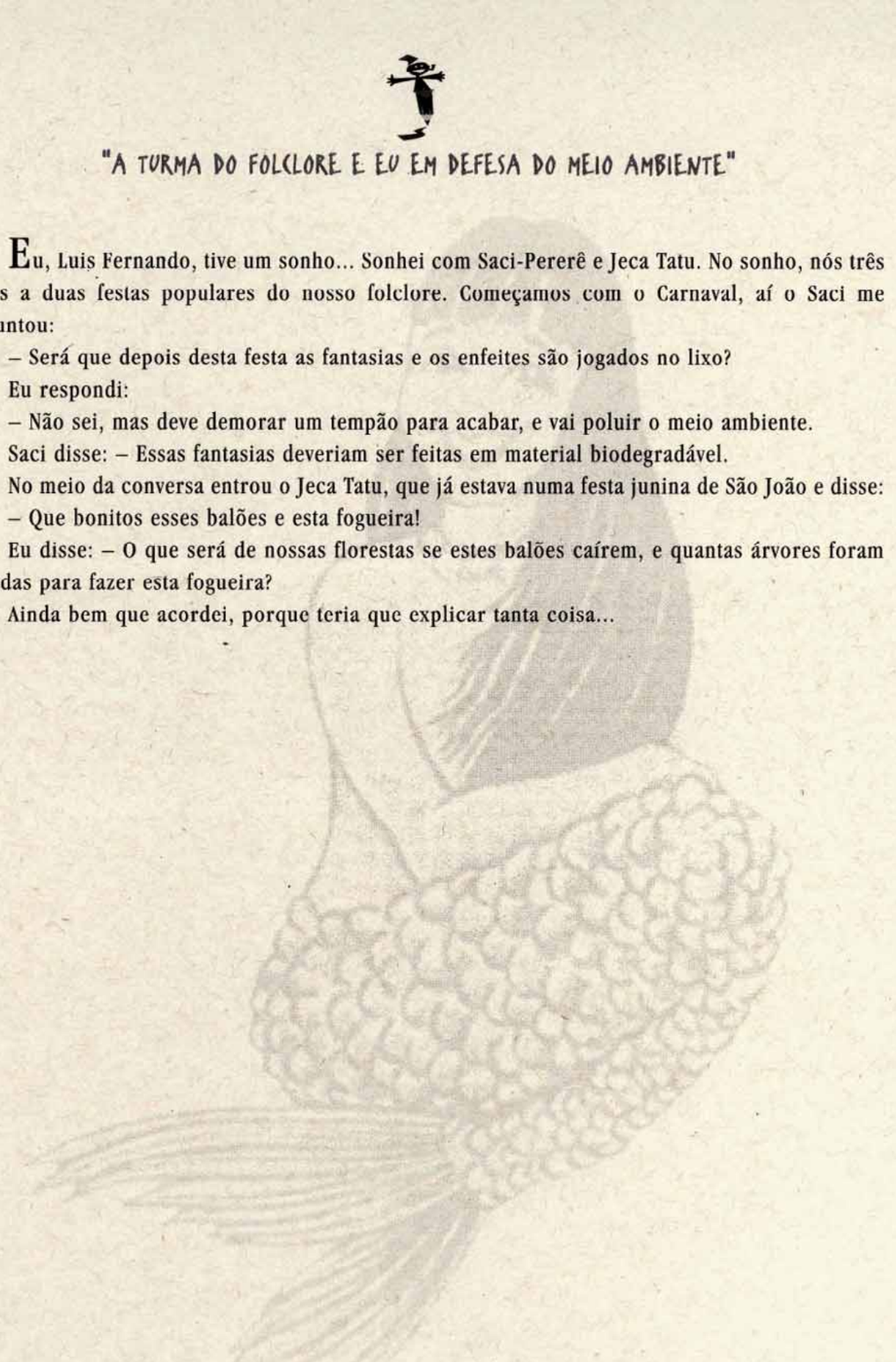
Saci disse: – Essas fantasias deveriam ser feitas em material biodegradável.

No meio da conversa entrou o Jeca Tatu, que já estava numa festa junina de São João e disse:

– Que bonitos esses balões e esta fogueira!

Eu disse: – O que será de nossas florestas se estes balões caírem, e quantas árvores foram cortadas para fazer esta fogueira?

Ainda bem que acordei, porque teria que explicar tanta coisa...



Luiz Fernando Pereira Zottich - Rio de Janeiro - RJ
7 anos
Colégio de São Bento

UM SONHO DE ANIVERSÁRIO

Toda noite minha mãe conta histórias para meus irmãos e eu dormirmos. Na noite passada, ela contou a história dos personagens da Turma do Folclore. Nós adoramos e pedimos para ela repetir, quanto mais ela contava mais vontade eu tinha de conhecer todos.

Foi então que eu tive uma idéia superlegal:

– Que tal convidar todos eles para o meu aniversário?

Meus irmãos adoraram e até bateram palmas. Minha mãe caiu na risada.

– Já pensou, minha filha, a bagunça que o Saci iria fazer, e quantas coisas iriam desaparecer?

– Mas mãe, é só amarrar uma fita vermelha no pé da mesa.

– Você tem razão, mas o M'Boitatá pode pensar que o fogo da velinha é um incêndio e apagar.

– É só comprar velinhas mágicas, e se apagar elas acendem de novo para eu soprar.

– Puxa, filha, você gostou mesmo desta turminha, não é?

– É sim, mãe, nós não podemos deixar de convidar ninguém, eu vou pedir para o Saci contar algumas de suas artes, para o Negrinho vou pedir para ensinar as crianças a proteger os animais, e para o Curupira...

– Tudo bem, Marcela, só que eu acho que as crianças vão dar risada dos pés tortos do Curupira.

– Que nada! A Bruna tem a perna torta e até usa bota e ninguém ri dela.

– Mãe, bem que a gente podia ficar todos descalços no dia da festa e fazer uma caminhada no mato, assim a turminha ia se sentir em casa e a gente ia aprender com eles como ajudar a natureza, e de lembrancinha cada um podia plantar num vasinho e levar para casa e cuidar.

– Nossa, Marcela, quantas idéias bonitas! Mas e o endereço da turminha para a gente mandar o convite?

– Xiiii, é mesmo!

– Tudo bem, filhinha, agora durma e amanhã a gente dá um jeito.

– Mamãe nos deu um beijo e apagou a luz. Quando ela ia sair do quarto, eu gritei:

– Procura no livrinho!

Ela deu risada.

– Boa noite, Marcela, durma com os anjos.

– Obrigada, mamãe, eu vou dormir com os anjos e com a Turma do Folclore.

Marcela Cury Coelho - Dois Córregos - SP
7 anos
E.E. Francisco Simies

A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Fui viajar para uma cidade do interior. Lá tem belos campos e lindos rios. Fui ver os campos e montanhas. Passando por lá, vi de longe o Saci-Pererê e gritei:

– Saci, vem aqui um pouquinho.

Ele veio. O Saci perguntou o que eu estava fazendo lá e eu disse:

– Vim viajar para cá porque na cidade onde eu moro tem muita poluição e as pessoas não respeitam a natureza, os campos, as matas e outras coisas... Ele me levou para conhecer o Curupira, a Uiara, o M'Boitatá e o Negrinho do Pastoreio. O Saci falou:

– Nós juntos podemos preservar o meio ambiente.

Contei sobre a cidade e o Saci teve uma idéia:

– Vamos à cidade para que as pessoas entendam que é feio jogar lixo no chão, cortar as árvores, poluir os rios, matar os animais, porque tudo isso prejudica o meio ambiente. Todos concordaram, e então fomos até a cidade.

Chegando lá, cada amigo da Turma do Folclore ficou com uma tarefa: Uiara foi proteger os rios e mares, Curupira foi cuidar dos animais indefesos, M'Boitatá tratou de proteger as árvores e flores para que nenhuma pessoa tentasse estragar ou machucar. O Negrinho do Pastoreio foi avisar os moradores para eles não tentarem nada contra a natureza, principalmente aqueles que matam jacarés, onças, e roubam araras e pássaros das florestas para vender na cidade. O Saci fez brincadeiras com as pessoas da cidade para que elas entendessem a importância do meio ambiente, e aprontou muita arte com quem não obedeceu. Avisamos todas as pessoas para não maltratarem o mundo, e finalmente elas entenderam.

Agora, sim! A cidade ficou bem melhor. Contei às crianças da minha escola que estive no interior. Contei a elas sobre os amigos novos que encontrei por lá. Nós resolvemos formar um grupinho na escola com meus amigos. Então, nós começamos a reciclar o lixo, recolher todos os papéis que estavam no chão e também evitamos poluir o ar. Pedimos para os donos das fábricas pararem de soltar fumaça no ar e de jogar sujeira e produtos químicos nos rios. O Saci, o Curupira, o M'Boitatá, a Uiara e o Negrinho do Pastoreio gostaram tanto de mim e do pessoal da minha classe que resolveram convidar todos nós da escola para um passeio pela mata. Nossos amigos do folclore disseram:

– Vejam só nossa mata como está linda!

E as crianças responderam:

– Puxa, é verdade! Por isso estamos cuidando da cidade.

Quando já estava tudo pronto, PUM! Eu acordei. Pena que foi tudo um sonho. Mas que legal

seria ter um mundo assim como no sonho: todo conservado e a natureza limpa! Vou correr e procurar os meus amigos da escola, talvez ainda dê tempo de fazer alguma coisa pelo meio ambiente e preservar o planeta Terra.

– Tchau, gente!



Mariana Licciardi Olivo - São Paulo - SP
7 anos
Colégio da Companhia de Maria

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

A BUSCA DE UM FUTURO MELHOR PARA O MUNDO

Sou uma menina muito preocupada com o meu futuro e o do planeta, e fico pensando que para o mundo ter um futuro melhor, os homens precisam parar de destruir a natureza, porque a natureza tem muitos elementos importantes para a nossa sobrevivência. E todas as noites eu ligo a TV e tento conhecer um pouquinho mais sobre o meio ambiente e saber também se os homens estão refletindo, que o meio ambiente é muito importante para a nossa vida. Mas desde criança pensei em me tornar uma defensora da natureza.

Já aos 8 anos, me formei para entrar no grupo do Ibama. Depois de vários anos de carreira fui considerada uma das melhores defensoras do meio ambiente. Alguns meses depois fui chamada para uma incrível missão: salvar a Mata Atlântica do sul da Bahia, lá na região do Monte Pascoal. Havia uma madeireira que estava derrubando as árvores para fazer móveis e mandar para o exterior. Vi que isto era um problema para eu resolver, mas também percebi que era muita coisa para fazer sozinha, e toda ajuda que eu ia chamar já estava ocupada, resolvendo outras coisas. Foi aí que falei para mim mesma:

– Este trabalho é meu e vou ter que resolver isso sozinha!

Então comecei a arrumar as malas para a minha grande missão. Aluguei um jipe, comprei uma barraca, fui ao supermercado e arrumei minhas roupas na mochila. Chegando na floresta, percebi que a situação era grave. Fui dar mais uma olhada em outra parte da mata e, quando estava observando algumas árvores, senti cheiro de fumaça. Fiquei logo assustada e entrei no jipe para ver mais de perto. Fiquei surpresa com o que a madeireira estava fazendo: ela estava queimando o resto das árvores, mas aquilo não importava. O que importava é que eu tinha de pará-los. Chegando lá, procurei o dono da madeireira e falei para ele:

– Olha aqui, se você quer destruir o seu futuro, o problema é seu, mas se o senhor pretende destruir o nosso futuro, isso eu tenho certeza de que não vai conseguir.

E ficamos discutindo... discutindo até que chegou a noite e ficou resolvido que na manhã seguinte, decidiríamos tudo. Quando estava voltando para o acampamento, vi uma coisa iluminada se mexendo. Parei o jipe e ela foi chegando mais perto, mais perto e quando eu fui ver, aquilo era uma cobra de fogo. Pois aí ela começou a falar:

– Puxa, gostei de ver como você se importa com a natureza. Meu nome é M'Boitatá, e qual é o seu?

Pensei que estava sonhando, me belisquei, não era nenhum sonho. Para não deixar ele assustado porque não respondi logo, então falei:

– Meu nome é Marina, e já ouvi falar nas histórias sobre você, M'Boitatá. Você também defende a natureza, né?

– Sim, só que eu nunca vi humanos fazerem isso, entendeu?

– Entendi, mas agora está ficando muito tarde, amanhã a gente se fala na beira do rio, tchau!

Chegando no acampamento, fui pensar na proposta para o dono da madeireira. Fiquei andando de um lado para o outro até que tive uma brilhante idéia. No dia seguinte fui para a beira do rio encontrar o M'Boitatá, e qual não foi a minha surpresa quando encontrei o Curupira com ele. Então falei:

– M'Boitatá, se eu não me engano este é o Curupira. Bom dia, Curupira! Bem, gente, tenho que ir.

– Nós vamos com você!!!

– Tudo bem, mas andando rápido!!

– OK!!!

Chegando lá, falei para o dono da madeireira:

– A minha proposta é a seguinte: que você ganhe mais dinheiro, então você poderá contratar alguns cientistas para experimentar materiais diferentes e inventar um produto mais resistente do que a madeira para fazer móveis sem prejudicar a natureza. Mas para isso você terá que plantar tudo de novo, a mesma quantidade que você cortou e queimou.

– Eu não aceito!!!

– Então vai ter conseqüências!!! Fui para o acampamento almoçar, mas Curupira e M'Boitatá quiseram ficar para bater um papo com o dono da madeireira, porque eles tinham armado uma cilada para ele. Então o M'Boitatá começou o plano:

– Olha, se você não aceitar a nossa proposta, quando você for fabricar seus móveis nós vamos fazer tudo apodrecer.

Ele ficou sem saída, então aceitou. No dia seguinte, Curupira foi me contar a novidade. Fiquei superfeliz, então fui logo avisar ao Ibama. Eles ficaram muito impressionados com meu trabalho, mas falei que tive a ajuda dos meus novos amigos M'Boitatá e Curupira. Aí recebemos um troféu de primeiro lugar, que significa "os melhores defensores da natureza". Curupira e M'Boitatá voltaram para a floresta, e até hoje não esqueci deles.

Marina Rosa Carneiro - Mucuri - BA
9 anos
Colégio Casa do Estudante - Leon Feffer II

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Anotem na agenda: Para casa: pesquisar sobre o racionamento de energia elétrica.

Foi o que a professora nos pediu para o fim de semana. Saio da escola e Matheus (um colega de classe) me oferece um chiclete. Fiz um não com a cabeça, então ele mesmo comeu e jogou o papel no bueiro. Entro no carro e falo para minha mãe do tema do trabalho escolar. E ela diz:

– Olhe em volta, quantas árvores você vê? Uma.. duas... Dá até para contar nos dedos! Olhe quantas casas, centenas! E imagine quantas pessoas moram nelas!

– Veja esse rio que estamos passando perto. Olhe a cor da água! Você acha que nesse rio tem peixe ou vida?

Na minha cabeça, fui montando um quebra-cabeça. Muitas pessoas, muitas casas, todos usam água, energia elétrica e produzem lixo, poluição no ar e nos rios. O que eu poderia fazer para conter essa destruição? Atrás da minha casa tem um campinho de futebol. Sentei lá perto para pensar no assunto. Pensava tanto que sentia minha cabeça ferver, quando escutei um "psiu" que vinha detrás da trave do gol: Olhei e vi que na minha direção vinha o Saci. Já ia sair correndo, quando o Saci me segurou e disse:

– Ei,...espere aí! Li seu pensamento e vou te ajudar a defender o meio ambiente. Eu e toda a Turma do Folclore também estamos preocupados.

– Bom... Só se dividirmos as tarefas. – completei.

– É claro! – respondeu o Saci. Então resolvemos:

– O Curupira vai redobrar a proteção aos animais. O Boto e a Iara vão se dividir em defesa dos rios e mares. Para a proteção das matas, o M'Boitatá cuida da Região Centro-Oeste, o Negrinho do Pastoreio cuida do Sul, a Mula-Sem-Cabeça cuida da Região Nordeste, o Bumba-Meu-Boi cuida do Norte e você, Saci, cuida do Sudeste.

– E eu vou falar com a minha turma, com os colegas de classe, com a professora, com os amigos de rua e assim pressionamos o prefeito e nossos governantes para fazermos uma "Constituição do Meio Ambiente": proibido poluir, desmatar, desperdiçar água e energia elétrica, maltratar ou matar animais... Eu serei um fiscal e vou montar um clube "Amigos da Natureza". Vou ensinar Matheus e os outros a não sujarem as ruas e a cuidar melhor do nosso planeta.

Assim resolvemos. Saci apertou minha mão e se foi. "A Turma do Folclore e Eu em Defesa do Meio Ambiente". Ótima idéia, pensei. Nós tinhamos feito um acordo. Com muita força de vontade, trabalho, otimismo e seriedade, conseguiremos um final feliz.

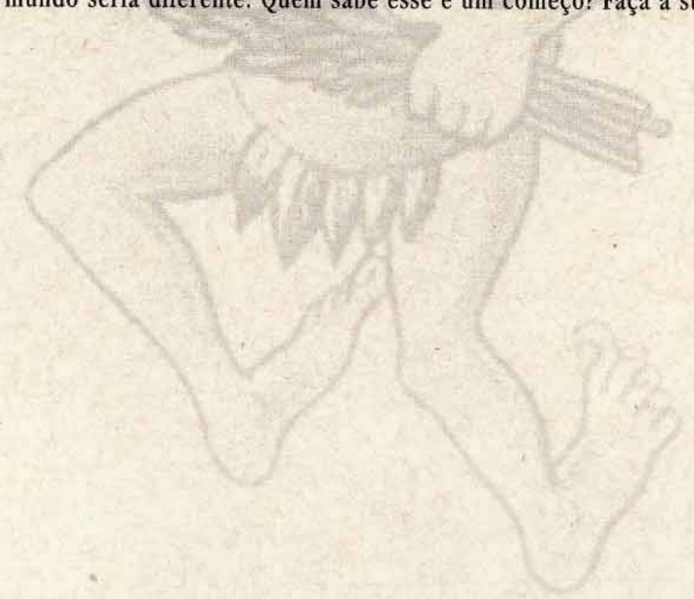
Petra Anny Frey - Mauá - SP
8 anos
Colégio Leonardo da Vinci

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

O dia amanheceu lindo. Sabe aqueles em que dá vontade de largar a casa, a cidade e fugir para um lugar gostoso, sem barulho, sem poluição, só ar puro? Estava eu ali pensando, escrevendo a lição para a aula do dia seguinte quando uma coisa me chamou a atenção: era uma turma de manifestantes, querendo que os governantes tomassem uma decisão rápida contra a sujeira dos córregos, rios, praças e das próprias ruas. Fui chegando perto e me dei conta do quanto nós precisamos agir para salvar o meio ambiente. Sem saber por onde começar, tive uma idéia: que tal contarmos histórias para o povo, falando da grandeza de viver rodeado de oxigênio, sem derrubar as árvores, não jogar lixo nas ruas, pois isso provoca alagamentos, buracos e como são importantes os nossos rios e animais?

Para ficar mais interessante, fizemos o papel da Turma do Folclore e foi muito divertido: o Saci era muito sapeca e dispensou o cachimbo para evitar a fumaça. O Curupira virou os pés para a frente para poder espantar os predadores mais rápido. A Caipora escolheu uma Mula-Sem-Cabeça, pois andar assim nas ruas é muito perigoso. O Lobisomem trocou os urros por suaves melodias. Eu escolhi o papel da Uiara, porque moro perto do rio Pinheiros e não gostaria que ele fosse explorado. E não vou permitir que joguem mais nada nele.

Todos queriam saber o motivo daquela manifestação. Depois de tudo explicado, os moradores daquele bairro apoiaram o meu movimento. No final do dia eu estava cansada, porém feliz, porque estava fazendo a minha parte, em defesa do meio ambiente. Se todos fizessem um pouquinho, o mundo seria diferente. Quem sabe esse é um começo? Faça a sua parte!



Rejane Pereira Santos - São Paulo - SP
7 anos
Colégio Jesus Maria José

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Um dia eu estava navegando na Internet quando abri a página para ler algumas mensagens e me assustei; porque eu tinha recebido um e-mail de uma turma que gosta de aprontar com as pessoas que maltratam a natureza.

Eles estavam me convidando para participar de um plano muito divertido em favor do nosso meio ambiente. Continuei lendo a mensagem e descobri que era a Turma do Folclore, o líder Saci-Pererê, o Curupira e o M'Boitatá. Os três safadinhos queriam que eu ajudasse a assustar algumas pessoas que gostavam de cortar árvores e matar animais. Como eu já sabia que o Saci-Pererê gosta de esconder as coisas, o Curupira de assustar e o M'Boitatá de queimar quem tenta algo contra a natureza, percebi que o plano seria muito bom!

Eles me disseram que, se eu quisesse participar, era só responder a algumas perguntinhas, como:

Você joga lixo na rua?

Maltrata os animais?

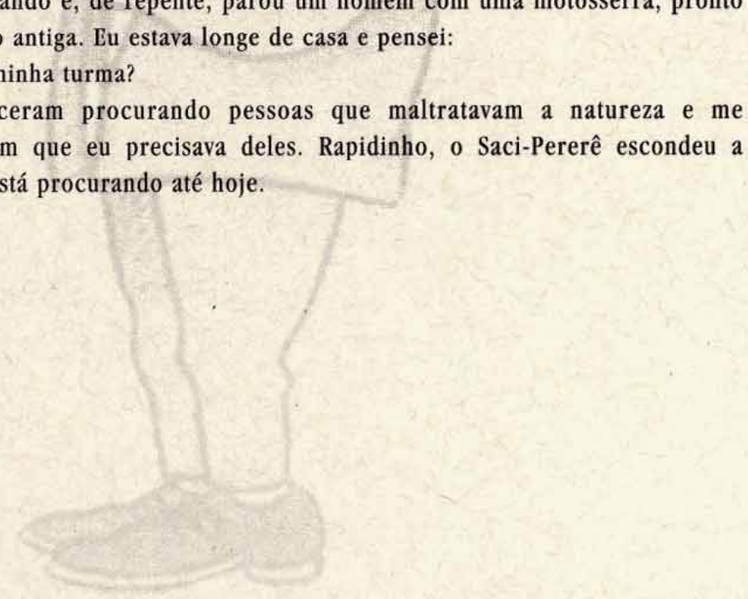
Gosta de floresta?

Minhas respostas foram aceitas pela turma, e então eu entrei para o grupo deles em defesa da natureza. Minha missão era descobrir as pessoas que poluíam, maltratavam a natureza e os animais. Quando eu descobria alguém fazendo essas coisas, abria a página na Internet e rapidinho falava com eles. Depois, cada um tratava de assustar as pessoas.

Um dia eu estava passeando e, de repente, parou um homem com uma motosserra, pronto para cortar uma árvore muito antiga. Eu estava longe de casa e pensei:

– Como eu vou avisar minha turma?

Por sorte eles apareceram procurando pessoas que maltratavam a natureza e me encontraram no momento em que eu precisava deles. Rapidinho, o Saci-Pererê escondeu a motosserra do homem, que está procurando até hoje.



Renata Bin Nogueira - Poá - SP
8 anos
Escola Sesi 431

Era um dia ensolarado de sábado. Indo com meus primos, tios e pais brincar em uma mata pouco fechada distante de minha casa, vi quando pessoas que lá estavam começaram a sujar o meio ambiente. Era latinha de cerveja para um lado, plásticos que envolviam alimentos do outro, bitucas de cigarro acesas, enfim, várias porcarias que demorariam muitos anos para se desintegrar. Isso me deixou furioso! Não agüentando mais ver aquela situação, fui falar com aquelas pessoas, porém de nada adiantou, pois riram de mim e disseram que eu era um pirralho que não sabia o que dizia. Também disseram que a natureza é sábia e saberia o que fazer com todo aquele lixo deixado por eles. Depois disso foram embora (acho que emporcalhar outro ambiente, pois ainda não sabia do pior que iria acontecer!).

Então, chamei meus primos e fomos recolher todo aquele lixo deixado. Juntamos tudo e pusemos dentro de um saco plástico que sempre trazemos quando visitamos o campo. Nesse momento, vi um menino estranho me olhando. No começo fiquei assustado, mas depois percebi que não nos faria mal algum. Depois que nos falamos rapidamente, meus primos e eu ficamos amigos dele. Foi aí que disse quem era.

– Eu sou o defensor da natureza! Os animais me chamam de Curupira, mas vocês podem me chamar de "Pézinho Torto".

Todos rimos muito. Depois, ele disse que aquelas pessoas com quem fui falar sempre vêm ao campo e não ficam somente sujando o meio ambiente. Elas também caçam e matam animais somente para se divertir. Foi nesse momento que chegaram o Saci-Pererê, o Boto e o Negrinho do Pastoreio, todos nervosos, pois aquelas pessoas que há pouco havia visto estavam caçando animais indefesos, tendo matado mais de seis, entre eles coelhos, capivaras e pássaros. Todos ficaram muito tristes com essa notícia. Então tive uma idéia! Deveríamos nos unir e fazer com aquelas pessoas más o que elas estavam fazendo com os animais e o meio ambiente, porém não os machucaríamos, somente os assustaríamos de uma forma que jamais esqueceriam.

Chamamos um grupo de jaguatiricas, umas quinze aproximadamente, e mais 25 cobras sucuris, e dissemos a elas o que estava ocorrendo. Todas ficaram enraivecidas, desejosas de pôr um fim naquelas pessoas, porém contamos a elas a nossa idéia, o que aceitaram. Fomos atrás daquelas pessoas e, quando menos esperavam, todas as jaguatiricas e cobras as cercaram. Ficaram assustadas e começaram a chorar e se abraçar. Alguns deles até molharam as calças. Então, o Saci-Pererê, o Boto, o Curupira e o Negrinho do Pastoreio mostraram-se para eles, o que provocou mais medo ainda.

O susto foi tão grande que, ao ver todos os seres naturais e sobrenaturais que os cercavam, as pessoas más imploraram para que não lhes fizessem mal. Nessa oportunidade, todos disseram que dariam a eles somente mais uma chance, e se soubessem que eles novamente estavam maltratando algum animalzinho indefeso ou a natureza, todos iriam pagar caro. Então foram

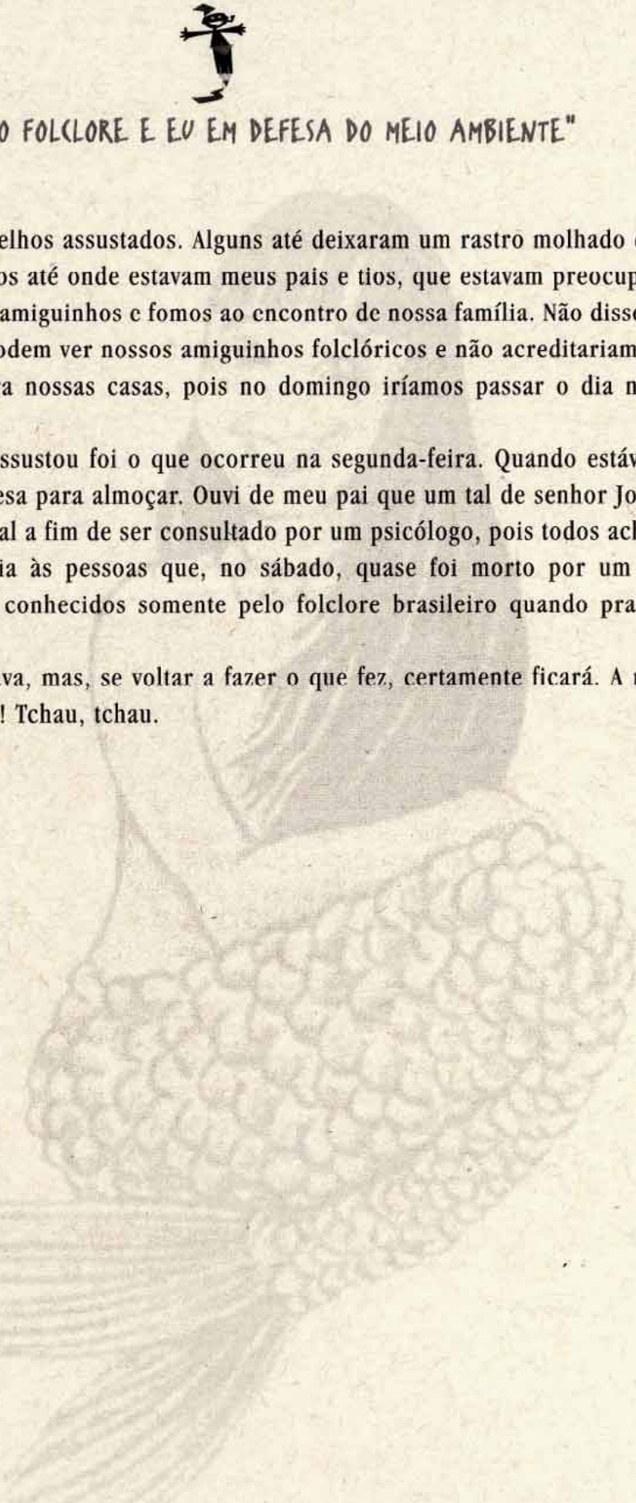
"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

embora, correndo igual a coelhos assustados. Alguns até deixaram um rastro molhado de xixi!!!

Após tudo isso, voltamos até onde estavam meus pais e tios, que estavam preocupados. Nos despedimos de nossos novos amiguinhos e fomos ao encontro de nossa família. Não dissemos nada a eles, pois os adultos não podem ver nossos amiguinhos folclóricos e não acreditariam em nossa história. Então voltamos para nossas casas, pois no domingo iríamos passar o dia na casa de nossos avós.

Mas o que muito me assustou foi o que ocorreu na segunda-feira. Quando estávamos, eu, meu irmão e meus pais, à mesa para almoçar. Ouvi de meu pai que um tal de senhor José não sei de quê esteve no hospital local a fim de ser consultado por um psicólogo, pois todos achavam que havia enlouquecido. Ele dizia às pessoas que, no sábado, quase foi morto por um grupo de jaguatiricas, cobras e seres conhecidos somente pelo folclore brasileiro quando praticava sua caça.

Louco sei que não estava, mas, se voltar a fazer o que fez, certamente ficará. A natureza é sábia, tenham certeza disso!!! Tchau, tchau.



Vinícius Araujo Masiero - Dois Córregos - SP
7 anos
E.E. Francisco Simões



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Uma vez li no jornal que um navio com 150 homens naufragou como num passe de mágica. 50 condenados por incendiar 24% da Mata Atlântica morreram logo depois de serem libertos e, o mais estranho, queimados. E no Globo Rural vi uma reportagem sobre um fazendeiro que teve seu gado curado, da noite para o dia. Alguns diziam que era coisa de Deus, outros diziam que era apenas coincidência. Porém, eu não achava nem uma coisa nem outra. Então resolvi investigar.

O diretor da penitenciária me respondeu que os detentos recém-libertos mandaram uma carta dizendo que iam passar uma temporada na Mata Atlântica. O capitão do navio, o único sobrevivente, disse que ouviu uma bela voz cantando uma música misteriosa. E o fazendeiro falou que, na noite que seu gado ficou curado, viu um garoto tratando dos animais. Então, relacionei as três respostas e percebi que a Turma do Folclore era a responsável por tudo aquilo. M'Boitatá queimou os ex-detentos, a Iara afundou o navio com os 150 homens, o Negrinho do Pastoreio curou o gado do fazendeiro. Meu avô, um cientista maluco, criou uma máquina do tempo, aí pedi a geringonça que nunca funcionava emprestada. E ela funcionou. Voltei ao século XIX e encontrei as três criaturas, mas também encontrei o Saci-Pererê, o Boto e o Curupira. Os seis não estavam com uma cara muito boa, então perguntei:

– O que houve, pessoal?

Várias pessoas estão incendiando as florestas. – disse o M'Boitatá.

– Os caçadores não caem mais no meu feitiço. – falou o Curupira.

– As pessoas colocaram o telhado de um jeito que eu não consigo arrancar. – respondeu o Saci.

– Ué, M'Boitatá, você não consegue mais queimar alguém?

– Não, porque algum caçador sem-vergonha jogou um balde colossal de água em mim.

– Então, não queime ninguém! Agora, sempre que incendiarem uma floresta, pegue um pouco da água do lago ou rio em que você estiver e jogue na floresta em chamas. Aproveite e encharque o criminoso.

– Ei, grande idéia!

– Você, Curupira, coloque uma imagem do que possa acontecer ao caçador, por exemplo, ele pode ser preso, pode ficar com a consciência pesada, pode nunca mais se perdoar e o pior: pode apodrecer na cadeia.

– É, gostei da idéia.

– Saci, por que você não leva um martelo quando for destelhar as casas?

– Porque as pessoas devem ter prendido o telhado com pregos.

– Bem, era nisso que eu estava pensando...

– Hunf, tá bom...

Depois, me despedi deles, entrei na máquina e voltei para casa.

No dia seguinte, estava escrito no jornal que reencontraram o navio naufragado com as 150 pessoas vivas, e a Mata Atlântica voltou a ser como era há 501 anos.

Wriel Gomes de Carvalho - Rio de Janeiro - RJ
9 anos
Colégio Sistema MV1 Cascadura

PASSATEMPOS

VALEU, PESSOAL!



Aprenda a mo ntar um bilboquê de Sa ci-Pererê



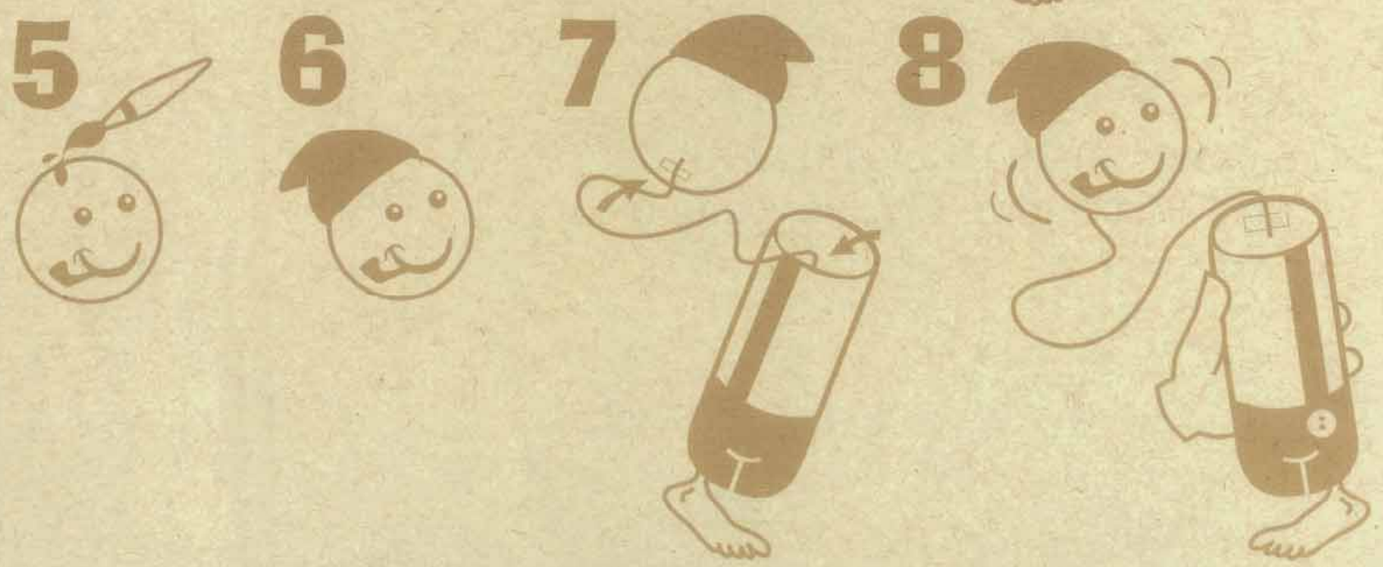
Material:

1 pedaço de cartolina preta;
1 pedaço de pano vermelho;
Tintas branca, preta e vermelha;
1 bola de isopor;
1 pedaço de barbante;
Fita adesiva;
Cola e tesoura.



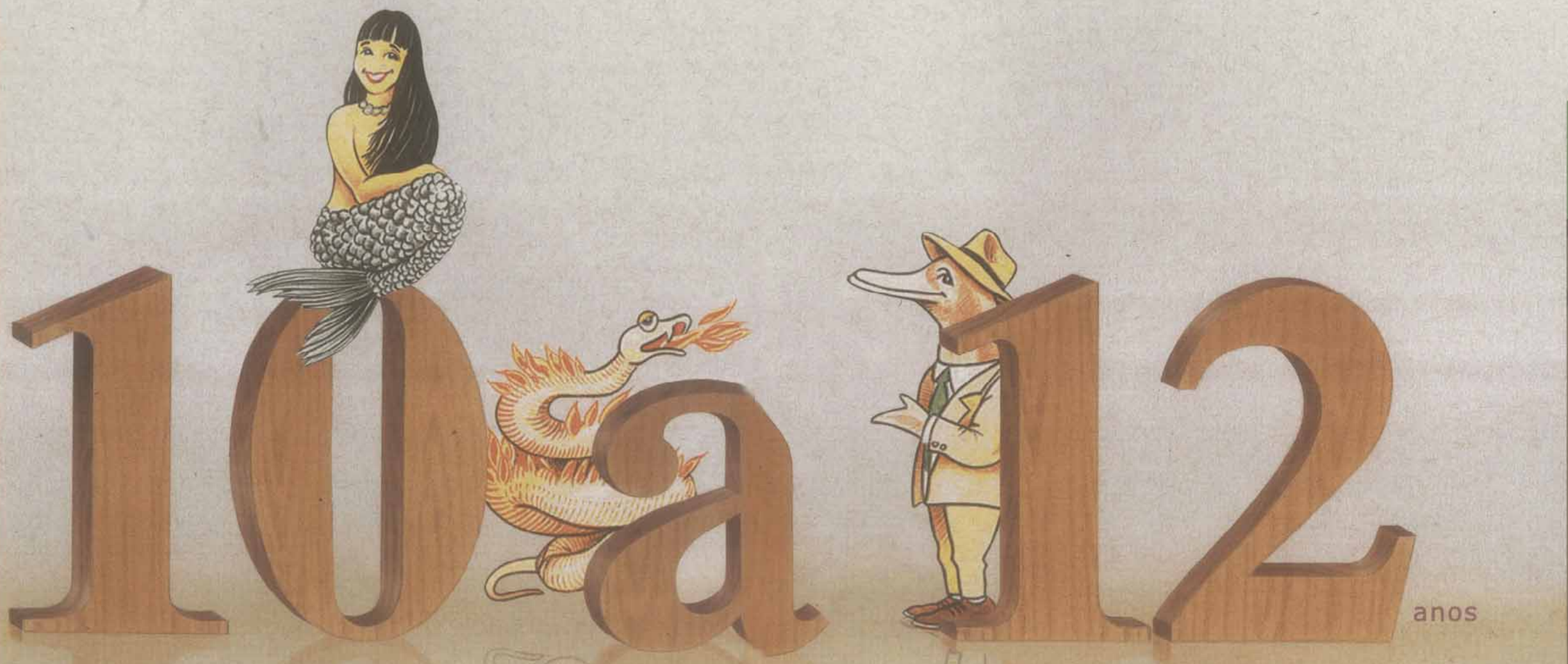
Como Fazer:

Cole a cartolina em forma de um cilindro e pinte o corpo do Saci. Recorte um pé e cole na parte de baixo do cilindro. Depois, pinte a bola de isopor de preto e faça o rosto. Faça um gorrinho com o pano e cole na bola. Com a fita adesiva, cole uma extremidade do barbante no cilindro e a outra na parte de baixo da bola de isopor. Agora é só brincar!



Categoria

10 a 12 anos





O FUTURO

Estamos no ano 6 do século LVI, precisamente em 22 de agosto (dia em que se comemorava o Folclore Brasileiro, num passado bem distante) do ano de 5506. A paisagem típica é horrível: no horizonte nada se vê, apenas uma névoa cinzenta no ar, dia e noite - mas, também, o que há para se ver? Tudo devastado, só o imenso deserto à nossa volta, em todas as direções. O clima muito quente e o "efeito estufa" tornaram vários lugares impróprios para se viver, assim como o frio extremo dos pólos Norte e Sul, que avança cada vez mais em direção aos trópicos - nessas regiões, o ar torna-se quase irrespirável e há constantes terremotos.

Entre ruínas, gases tóxicos, escuridão, doenças, fome, miséria, violência e lixo (muito lixo) inorgânico e nuclear, algumas espécies de vida tentam sobreviver: ratos, baratas, vermes e o único animal mamífero que sobreviveu à extinção - o homem. Só isso restou de vida - muitos acham que era melhor não ter resistido a essa extinção, porém outros tentam reverter essa situação de avanço rumo ao fim. Ratos e baratas já estão escassos junto aos centros urbanos, onde a concentração de miseráveis é maior e não há o que comer. Aí vivem os "sobreviventes" em pequenas tribos, sua perspectiva de vida é de até 13 anos. Já os "protegidos" vivem em média 16 anos, pois se alimentam de ração e têm esgoto tratado para beber - há boatos de que no ano 4984 (exatamente 10 anos antes de eu nascer) existiu um protegido que viveu quase 20 anos! Uau!

Assim estamos divididos: sobreviventes e protegidos. Eu sou parte dos dois grupos, pois nasci em uma aldeia de sobreviventes pacíficos, mas minha mãe morreu quando lutava contra uma tribo violenta que nos atacou - eu tinha 18 meses e fui salva por um membro do grupo "mensageiros da esperança". Estes são grupos de guerreiros que lutam pela paz e buscam salvar o planeta e a humanidade. Cresci entre os protegidos, dentro do "LSMA - LABORATÓRIO SECRETO DO MEIO AMBIENTE" - e tornei-me uma "mensageira da esperança". Há em todo o planeta, apenas quatro "LSMA": um na China, dois na África e um no Brasil, que é o nosso. Meu trabalho é sair em expedições em busca de qualquer espécie de semente ou de vida animal e vegetal. Temos aqui no laboratório um local adequado para cultivar qualquer tipo de planta. O "LSMA" foi criado há 60 anos (aqui no Brasil) e tem passado de geração para geração. Hoje tem 80 mensageiros da paz, onde metade são guerreiros que protegem a outra metade (mensageiros da esperança), que buscam sem descanso qualquer organismo vivo por esse mundo destruído. O perigo é constante. Alguns morrem ao contraírem doenças, outros ao serem atacados por tribos canibais, porém nenhum mensageiro desiste do seu trabalho, porque somos corajosos, temos consciência e aprendemos que o futuro e o bem das novas gerações dependem de nós.

Hoje, em nossa estufa (que chamamos de Jardim do Éden, da Esperança ou simplesmente de Amazônia, em homenagem à mais importante mata dos séculos passados), temos seis espécies de

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

vegetal: capim, cactos, chuchu, goiabeira, paineira e coqueiro. O coqueiro e o chuchu já nos deram frutos e novas mudas. Estamos fazendo de tudo para que se desenvolvam. Nossa esperança é que, no próximo século, o Jardim já esteja produzindo alimento para pelo menos três tribos como a nossa, e também queremos criar mais três "LSMA" como este. Assim as chances de salvar o planeta e recuperá-lo serão maiores a cada século, – talvez até possamos encontrar alguma espécie animal, não acha?

Agora devo continuar meu trabalho. Sairemos em expedição até a área da nascente do rio Tietê. É bem longe daqui e muito perigoso (próximo de lá, vive uma tribo canibal), mas foi lá que, há quase um ano, encontramos nossa última muda - uma espécie de capim - e então decidimos voltar mais preparados e protegidos (as duas últimas expedições foram atacadas nas margens do rio e poucos mensageiros sobreviveram, eu fui um deles, e salvamos a muda de capim, que hoje cresce e se espalha rapidamente).

Nessa ocasião, os mensageiros receberam uma fatia deliciosa e inteira de chuchu como recompensa (até dividi a minha com a Juju, minha melhor amiga).

A noite caiu quente e assustadora como sempre. Todos adormecem conscientes da longa jornada de amanhã. Ao despertar na madrugada, que grande surpresa eu tive! Pensei estar sonhando. Queria que fosse apenas um sonho, porém não era. Tudo destruído. A Amazônia arrasada. Nosso verde desapareceu... Esperança morta, destruída... Um horror, nada restou. Ficamos alguns instantes paralisados, aterrorizados.

De repente, Edgar, mestre do laboratório, abaixou-se para verificar se havia restado alguma raiz no solo e gritou, surpreso:

– Vejam! Há um tesouro enterrado no Jardim!

Curiosos, todos se aproximam do mestre, que coloca a pequena caixa de metal sobre a mesa e a abre.

– É um livro! – falam em uma só voz. – É um tesouro maravilhoso!

Então todos se sentam aos pés do mestre, que coloca o livro sobre as pernas e, soprando as páginas empoeiradas, prepara-se para ler. Porém a poeira que se espalhou no ar junta-se no canto da sala e "ploft, ploft, ploft", transforma-se em seres estranhos: primeiro surge uma cobra imensa, com olhos e corpo de fogo, depois um menino negro com uma perna só e outro com as duas, uma mulher-peixe ao lado de um lindo moço de terno branco e pele muito rosada, um enorme animal sem cabeça e, sobre ele, um homenzinho estranho com os pés virados para trás. O mestre atira o livro para dentro da caixa de metal, baixa sua tampa e grita, assustado:

– Quem são vocês? O que querem? E por que destruíram nosso Jardim do Éden, nossa Amazônia, acabando com nossas esperanças?

Então o homem de terno branco, muito educado e sedutor, aproximou-se de nós, dizendo:

– Somos personagens do folclore brasileiro, esquecidos pelo homem através dos tempos. Queremos ajudá-los e não fomos nós que destruímos sua Amazônia e suas esperanças. Como no passado, há cerca de três milênios, foi a ganância do próprio homem que destruiu a Amazônia. Sem respeitar a natureza e o meio ambiente, ele destruiu a vida do nosso planeta. Sim, o nosso planeta! Pois a Terra é o planeta dos seres misteriosos como nós e também dos animais. O homem é, na verdade, um invasor alienígena.

– Que é isso? – disse o mestre – O homem é da Terra, todos sabem disso.

– Isso é o que vocês aprenderam. – interferiu a Sereia. Mas então nos diga, por que o homem é o único ser que destrói a natureza, os animais, as plantas, os rios, os mares e até o próprio ar que respiramos? Diga se não é verdade que o homem não tem consciência de que ele faz parte do meio ambiente e que deveria ver a natureza como extensão de si mesmo, para que pudesse viver em harmonia com ela. Nenhum outro ser ou animal destrói a natureza, mas o homem...

Ouvindo tudo aquilo e pensando na vida que temos hoje no nosso planeta, tivemos que concordar com os seres do folclore, e vi nossas esperanças naqueles seres empoeirados e inacreditáveis.

– Meus amigos, creio que têm razão. O homem destruiu tudo, não teve consciência, não se adaptou ao meio ambiente, não protegeu as matas, os animais, os rios e mares, e ainda os destruiu. Agora o que nos resta? Somos crianças que não conseguem passar da adolescência, e assim o fim da humanidade está próximo. O homem destruiu a si mesmo. Nós, mensageiros da esperança, já não temos forças para lutar contra a destruição causada por nossos ancestrais.

– Como não têm? – disse o Negrinho – Eu fui escravo um dia e muito lutamos, anos a fio, pela liberdade.

Muitos morreram, mas nunca desistimos, até conseguirmos ser homens livres. É por isso que estamos aqui. Vamos dar uma nova chance para que o homem possa reverter essa autodestruição. E é através de vocês, crianças mensageiras da esperança, que o planeta será salvo.

– Mas como iremos salvar o planeta da destruição, se já está destruído, e agora arrasaram as únicas plantas que conseguimos salvar? – perguntei, desanimada, mas ansiosa por uma resposta.

Nesse momento, o Negrinho do Pastoreio (protetor dos animais e das criaturas indefesas) apresentou-nos o Curupira (protetor das matas e dos animais), o M'Boi ou M'Boitatá (que protege as matas de queimadas), o Saci-Pererê (menino arteiro que apronta muito, mas também gosta de soltar animais presos), a Uiara (ser que vive nas águas para seduzir os homens ao se transformar na linda sereia Iara), o Boto-Cor-de- Rosa, (que se transforma em um belo rapaz para seduzir as mulheres) e a Mula-Sem-Cabeça (que vive correndo atrás das pessoas para assustá-las e mandá-las

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

de volta para casa). Depois das apresentações, ele nos disse:

– Estes são alguns seres da Turma do Folclore que, sozinhos no passado, não conseguiram salvar a natureza, pois o homem não acreditava em seus ensinamentos e em suas mensagens, dizendo que seres do folclore são apenas lendas e mitos. Além destes que acabaram de conhecer, existem muitos outros à nossa espera, cada um com suas características e com uma mensagem para o homem. E então? Vocês irão conosco?

– Claro que sim. Mas, como e para onde iremos? – perguntei.

– Vamos levá-los de volta ao passado, exatamente ao século XXI, quando ainda existia na Terra uma natureza linda, cheia de pássaros, flores, animais, nascentes puras, diversas plantas que cresciam para alimentar o homem e dar a ele um ar puro para que pudesse viver saudável. Foi lá, nessa época, quando muitos se esqueceram de valorizar a natureza, desrespeitando o meio ambiente em favor de sua própria ganância, que tudo começou a ser destruído aos poucos, até chegarmos aqui, neste mundo sem esperança, no fim da humanidade. Lá, vamos travar uma batalha em defesa da natureza. Vocês, crianças mensageiras da esperança, terão a missão de informar o mundo e conscientizar o homem que ele é uma extensão da natureza, e que deve adaptar-se ao meio ambiente sem destruí-lo, além de ser responsável pela preservação do planeta e da vida das espécies que o habitam. O que acham dessa missão? – perguntou o Curupira, com grande entusiasmo.

– MARAVILHOSA! – respondemos em uma só voz. Uma verdadeira chance de recomeçarmos.

– E vocês? Querem fazer parte dos "mensageiros da esperança" e partir com a "TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE" no século XXI?

Estela Louzano Pontes - São Paulo - SP
12 anos - 1º Lugar
E.M.E.F. Profº. Aurélio Arrobas Martins

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Após um passeio aos arredores da minha pequenina cidade, visitando os locais onde existiam riachos, animais e floresta, fiquei muito decepcionado com a destruição do meio ambiente e da natureza.

Voltando à minha casa, questionei os meus pais e avós sobre o que poderia ter acontecido. Não tive uma resposta que me convencesse. Fiquei muito preocupado. Seria um desastre ecológico?

Ao final do dia, percebi que as pessoas já não se interessavam tanto em responder as minhas insistentes perguntas. Então imaginei ter sido todo esse paraíso natural engolido pelo bicho-papão. Pois diz a lenda que ele come tudo, inclusive crianças que perguntam demais. Assim adormeci...

Sonhei que havia convocado alguns personagens do folclore para discutirmos a terrível situação. Sentamos ao redor de uma imensa mesa verde, coberta de flores perfumadas, animais saltitantes, peixinhos coloridos que nadavam em uma cascata cristalina em miniatura. Isso representava parte da natureza e do meio ambiente dos meus sonhos.

Após termos nos apresentado uns aos outros, resolvemos iniciar a nossa importante reunião. Lá estavam presentes: o Curupira, o Saci-Pererê, o Negrinho do Pastoreio, o M'Boitatá, a Uiara e também o Bicho-Papão. Ficou decidido que iríamos interrogar o Bicho-Papão, pois suspeitávamos que ele, com a fama de guloso, havia comido toda a natureza. Depois de muitas horas de discussão, chegamos à conclusão que ele não era o culpado de tal ato de covardia. Quem seria, então, o personagem vilão da nossa história?

Reiniciamos a nossa preciosa reunião. Todos estávamos cada vez mais furiosos, as chamas da boca do M'Boitatá cresciam cada vez mais; o Curupira arrepiava seus pêlos diante da situação. Resolvemos então sair pelas matas e rios à procura do malfeitor. Ao retornarmos, tive a imensa decepção, dentro do meu sonho, que já parecia pesadelo: testemunharam ser meu semelhante, o homem, o causador de toda essa tragédia. Não contive a minha tristeza e comecei a chorar, quando o Negrinho do Pastoreio pulou do belo cavalo baio e, sorrindo, alegrou-me, ao dizer que tinha uma excelente idéia:

– Vamos fiscalizar e punir todos os destruidores da natureza e do meio ambiente!

O Saci-Pererê, travesso como é, assumiu o compromisso de fazer com que as pessoas que queimam as florestas se percam dentro dela. E todo o dinheiro ganho com tal covardia será perdido e jamais encontrado. O Boto levará para o fundo dos rios e do mar todas as esposas dos pescadores que pescam de forma abusiva; o Negrinho do Pastoreio cavalgará em seu lindo cavalo

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

baio perseguindo aqueles que maltratarem as criaturas indefesas da natureza. O M'Boitatá, nas suas diversas formas, também combaterá os incêndios. O Curupira, que continuava arrepiado, jurou proteger todos os animais criminosos, principalmente os que matam fêmeas grávidas. Nesse momento, foram tão grandes a felicidade e o alívio do Bicho-Papão que ele começou a sorrir e a gritar, o que me fez acordar, voltando à nossa realidade.

Fiquei muito decepcionado de não ter tido tempo suficiente para assumir minha responsabilidade em tão importante tarefa. Tenho medo de estar sozinho nesse desafio de proteger a natureza e o meio ambiente. Como não posso convocar um novo encontro com a TURMA DO FOLCLORE, estou desesperadamente convidando-os para assumirmos tão importante tarefa.

Tenho vontade de contar uma história com um final mais feliz do que a contada pelos meus pais e avós em relação à natureza e ao meio ambiente. Preciso respirar, preciso viver!

Lucas de Macedo e Souza - Turmalina - MG
11 anos - 2º lugar
Escola Estadual Lauro Machado

Tudo começa num anúncio da TV. JN: – Desmatamento na Floresta Amazônica.

– Que absurdo! – digo. Esses desmatamentos vão acabar com o nosso país!

Aí passa outro anúncio: JN - Novo lixão em São Paulo.

– Onde estará o grupo em defesa do meio ambiente? – me indigno. Tomando café! Tenho que fazer algo... Mas como? Aí passa na TV:

JN: – Escolas fazem o projeto folclore.

– É isso! Vou pedir a ajuda da Turma do Folclore!

Então peguei um livro da estante do escritório da minha casa, em que a capa dizia:

– Entre na Turma do Folclore.

– Se não me engano, este é o livro mágico que meu avô ganhou de um cigano no ano passado... Vamos ver se ele é mágico mesmo. Abri o livro e não aconteceu nada; aí me lembrei que, para cada história do livro, havia uma palavra chave, que fazia com que a pessoa que a falasse entrasse nela. A primeira história: SACI-PERERÊ.

– Puxa! – falo, cabisbaixo. Meu avô não me falou as palavras-chave! Como irei entrar e pedir ajuda? Eu darei um jeito! Me animei e fui procurar informações sobre o Saci.

– Hum... Uma lenda portuguesa; associa o negrinho ao pássaro Sa-cim; se espalhou por todo o Brasil no século XVIII; safado e esperto; negro como a cor da noite; pula com sua única perna; olhos cor de brasa; capuz vermelho e cachimbo sempre aceso.

– Hum... Lenda!

Nada.

– Negrinho!

Nada.

– Sa-cim!

Começou a sair do livro uma poeirinha púrpura que me sugou para dentro do livro e, ao mesmo tempo, me massageou. Dois segundos mais tarde, me via em um bosque escuro e deserto, a não ser por uma voz que parecia rir de mim:

– Tsc, tsc.. Outro que se perdeu dentro do livro.

– Não! Eu vim pedir a sua ajuda.

Estava falando com uma voz, tentando encontrar o seu corpo.

– Você é o Saci-Pererê, não é?

– Sim, sou. – e o corpo surgiu detrás de uma moita. Para que você precisa de mim?

– Para defender o meio ambiente.

– Conte comigo. Mas vamos pedir ajuda a uns outros personagens, também.

– É isso que eu pensava em fazer.

– Estou ansioso... Bata palmas e não pergunte mais nada.

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Bati palmas, e a poeira púrpura voltou e me levou para fora do livro. O Saci veio junto.

SEGUNDA HISTÓRIA: BOTO OU IARA

– Você sabe a palavra? – perguntou o Saci.

– Não, respondi. Mas podemos descobrir.

– Não temos nada a perder mesmo... Vamos lá.

Fomos pesquisar.

– Lenda indígena brasileira desde o século XVII; espírito sedutor das águas; encanta os humanos. Para encantar os homens, a Iara. Para encantar as mulheres, o Boto.

– Lenda! – disse o Saci. Mas nada aconteceu.

– Espírito! Nada.

– Espírito Sedutor! – falei. E do livro saiu uma poeira esmeralda, que sugou a mim e ao Saci.

Dois segundos mais tarde, nos vimos em um barco em que os marinheiros se jogavam no mar, seduzidos por um canto.

– É a Iara! – afirmou o Saci que, logo após, gritou:

– Iara, amiga! É o Saci! Suba aqui, precisamos falar com você!

No mesmo momento, saltou de uma pedra do horizonte uma linda sereia, que nadou tão rápido que chegou a nós em dois, no máximo três minutos.

– Diga, falou Iara.

– Precisamos de sua ajuda para defender o meio ambiente, falei.

– Não precisa dizer mais nada! Vamos!

Bati palmas, e a poeira esmeralda voltou e levou a mim, o Saci e a Iara para fora do livro.

TERCEIRA HISTÓRIA: M'BOITATÁ

– Desta história eu sei a palavra! – se entusiasmou o Saci. Gosto de dar nós na cobra. E ele disse:

– Cobra de fogo!

E uma poeira turquesa saiu do livro e sugou a nós três.

Dois segundos mais tarde nos vimos à beira de um lago, de onde saía uma cobra de fogo.

– Esta cobra é o M'Boitatá, me avisou a Iara.

– M'Boitatá! – gritou o Saci.

– Quieto, moleque. Estou em serviço. Tem dois humanos querendo incendiar esses campos aí atrás. Ele estava indo mas, de repente, parou.

– É você que vem à noite e dá nós na minha cauda? Eu te pego!

– Ei, disse o Saci. Você está a serviço.

– Nesta você me pegou. Depois te pego.

Dois caboclos estavam preparando as toras para botar fogo no campo, mas o M'Boitatá chegou a tempo e impediu que cometessem tal atrocidade.

– Ô, Saci... Voltei!...

– Pega ele depois. – falei irritado. Temos coisa mais importante a fazer: defender o meio ambiente.

– Por que não disse antes? Vamos logo!

Bati palmas, a poeira turquesa voltou e nos levou para fora do livro. Ao chegarmos, tivemos uma surpresa: o Curupira e o Negrinho do Pastoreio estavam nos esperando.

– Demoraram, hein? – disse o Curupira. – Não temos tempo a perder. Temos um meio ambiente para defender.

– Como souberam? – perguntei.

– Depois falamos – respondeu o Negrinho do Pastoreio.

E fomos em direção à biblioteca estadual. Parecia que só eu não entendia o porquê.

Ao chegarmos lá, eu perguntei por que estávamos ali.

– Estamos procurando o livro "Grandes Figuras da Magia"– respondeu Iara.

– E por quê?

– Queremos falar com Merlin...

– Achei! – gritou o Saci.

Abrimos o livro na contracapa e o Curupira falou:

– Grande Mago!

Uma poeira multicor saiu do livro e levou nós seis para uma torre cheia de teias de aranha e livros velhos. Lá também havia um senhor com uma barba tão longa que quase tocava o chão.

– Em apuros de novo, não é? – disse Merlin.

– Desta vez não. – disse Iara. Esta garota juntou-se a nós para defender o meio ambiente.

– Já sei o que vocês querem... Tudo bem... Eu volto a tempo, mas o resto é com vocês.

– Obrigado, Merlin. – agradeceu o Negrinho do Pastoreio.

Merlin começou a falar palavras estranhas.

– Merlin...

– Não me atrapalhe! – gritou Merlin.

Começou tudo de novo: falou palavras estranhas, fez movimentos com as mãos e finalmente acabou.

– Podem ir... Vocês têm cinco horas para conscientizar o passado, arrumar o presente e melhorar o futuro.

– Só?!... disse. – Então vamos logo! Não podemos perder tempo.

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Saímos do livro e nos vimos no ano de 1988.

A parte mais difícil de conseguir foi conscientizar o passado; eles nunca pensavam no que viria a acontecer como conseqüência de seus atos. Mas, com muitas campanhas e palestras de conscientização, conseguimos vencer a primeira batalha, que tomou três longas horas do nosso pequeno tempo.

– Puxa! – falei. Por um momento, achei que não conseguiríamos.

– Ainda bem que conseguimos. – falou Iara. De repente, uma poeira multicor nos envolveu e estávamos novamente na velha torre de Merlin.

– Agora, disse ele, vocês só têm duas horas.

É melhor irmos logo. – disse o Negrinho do Pastoreio.

– Você tem razão, terminei, vamos logo!

Saímos novamente do livro e voltamos à era atual (2001), que já estava bem melhor do que antes de interferirmos, mas ainda havia muitas coisas para serem feitas: diminuir a poluição do ar e da terra. Muito felizmente, conseguimos dar um "toque" no Presidente, mas tínhamos um grande problema: só nos restavam 15 minutos. Voltamos e falamos com Merlin.

– O que acontecerá se levarmos mais do que 15 minutos? – perguntei.

– Tudo o que vocês fizeram será anulado, e vocês não terão mais nenhuma chance.

O desespero tomou nossas mentes... Tínhamos que conseguir. E conseguimos. Felizmente, tínhamos que plantar algumas plantas em vários locais do mundo, o que foi fácil com um toque mágico de Merlin.

– Meus parabéns a vocês todos! – saudou-nos Merlin.

– Obrigado. – falamos em coro.

E quando eu estava indo para casa (estava no futuro), o Saci perguntou:

– Agora posso saber como vocês ficaram sabendo que a Illana estava pedindo a nossa ajuda?

– Você conta. – disse o Curupira ao Negrinho do Pastoreio...

Illana Ramuth - São Paulo - SP
12 anos - 3° Lugar
Colégio I. L. Peretz

A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE

Cresci achando que realmente era filho de Boto, como diziam todos quando me viam pegar a barca na beira do rio e partir para estudar na cidade.

Minha mãe, mulher solteira, era linda e me fez forte para enfrentar as barreiras da vida e, apesar de todas as dificuldades, conseguiu me educar.

Vivíamos em uma comunidade onde o respeito ao meio ambiente era a maior virtude. Nossa casinha era bela e flores se espalhavam por todos os lados, tornando aquele espaço cheio de encanto.

Lembro-me como se fosse hoje, eu era um garoto inteligente que adorava ler e me interessava por todo tipo de leitura, especialmente aqueles folhetinhos de missa, que eram os únicos que tinha condições de ter. Decorava a vida de todos os santos: Santo Agostinho, São Paulo e o querido São Francisco de Assis (amava a forma com que ele adorava a natureza).

Eu tinha, entre outros, o grande hábito de todos os dias, à tardinha, correr para debaixo de um belo jatobá, próximo de minha casa, e ficar ali fitando por horas a bela paisagem ao meu redor, saboreando a brisa por entre as folhas e as histórias que faziam brotar a semente de minha imaginação.

Um dia, quando voltava dos estudos, seguindo meu trajeto cotidiano, deparei-me com uma estranha figura: um senhor que aparentava ter 60 anos e que me disse coisas que eu jamais, ao longo dessa jornada, pude esquecer.

- Ei, garotinho! Tenho te observado muito. Você é um bom menino e, segundo nossa lenda, "um menino respeitador do meio ambiente provocará mudança no presente e no futuro da nossa comunidade". Eu recordo que fiquei confuso com aquelas palavras, mas permaneci ali como uma estátua. O velho me deu as costas, entrou dentro de casa satisfeito, parecendo que um grande sonho havia sido realizado e, logo mais, voltou com um embrulho nas mãos, dizendo que aquilo me auxiliaria. Eu, sem saber o que fazer, agradeci e retomei no meu caminho, pensativo.

Lembro-me vagamente da sensação de sentir a brisa de verão que me acompanhou até a volta para casa. Chegando lá, abri o curioso embrulho e me dei conta que aquilo que possuía entre as mãos era um livro, um livro de verdade, como aqueles que sempre sonhei ter, com capa de couro e folhas numeradas. Em sua capa dizia: "Livro da Sabedoria Folclórica".

A cada página de leitura eu ia achando mais fantástico o universo do folclore que é, acima de tudo, um exemplo de seres lendários que lutam pelos indefesos, pelos oprimidos, pelos que não têm vozes para clamar. Acreditava, como acredito até hoje, que se os malvados "humanos" que cometem crimes contra o nosso meio ambiente e contra nós mesmos tivessem aos menos um terço

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

do espírito justo e protetor desses seres, a história poderia ser outra.

Os sacis, com suas artimanhas, ensinavam para aquele garotinho magricela que era eu, como aproveitar a vida com todo o respeito.

A bela e conquistadora Iara me dizia, através de seu jeito especial, como amar as águas e passar essa mensagem a outros.

O M'Boitatá me contava com segurança que protegeu muitas matas de incêndios, e pedia que jamais tentasse incendiar algo.

Com o Curupira a história era outra, aquele menino com os pés virados para trás tornou-se um grande amigo, ele me informava sobre os tantos seres que conseguiu proteger e implorava para jamais pôr um fim na vida de uma simples criatura indefesa que vaga sem rumo, e eu atendia o pedido.

Enfim, o amor pelo folclore que cultivei até hoje, adicionado ao meu incontestável espírito de luta e cobrança por um meio ambiente digno, muito me ajudou a realizar tudo o que pude, por uma vida mais digna para mim e para todos aqueles inocentes que, sem saber, sofrem com as conseqüências de erros e falta de escrúpulos alheios.

Hoje estou aqui, relembrando aquele garotinho humilde e de bom coração, que não soube entender, quando voltava da escola, as palavras de um senhor e o significado daquela lenda, mas que hoje a cumpre profundamente, e luta por uma causa nobre com espadas de consciência e escudos de boa vontade e esperança. Ensino a todos de minha comunidade a cuidarem do nosso meio ambiente e acredito que esses seres folclóricos existem sim. Eles são eu, você, ele e ela que, com seu exemplo, modifica o presente e trabalha por um futuro melhor em defesa do meio ambiente.

Thaís Corrêa Ribeiro - Conceição dos Ouros - MG
11 anos - 4º Lugar
E.E. João Ribeiro Carvalho

Era segunda-feira, eu estava voltando da escola e, para chegar à minha casa, era preciso atravessar o bosque. Nesse dia, estava acontecendo alguma coisa estranha: os passarinhos não estavam cantando e só dava para ouvir um barulho horrível. Quando cheguei mais perto, vi o que era: um homem com uma motosserra cortando uma árvore. Perguntei para ele por que estava fazendo aquilo, mas ele nem deu bola.

No outro dia, passei de novo no bosque e ele já tinha derrubado muitas árvores. Estavam todas cortadas e empilhadas no chão, e ele estava sentado em um tronco de árvore caído perto do rio. Estava atirando pedrinhas nos patos que estavam na água. Fiquei muito bravo e gritei para ele parar, e ele começou a atirar as pedras em mim. Saí correndo. Quando estava chegando em casa, encontrei José e contei para ele o que tinha acontecido. Daí nós combinamos de nos encontrar no dia seguinte no bosque. Ele disse que iria levar uns amigos.

José é meu vizinho. Tem algumas pessoas que falam que, anos atrás, a mãe de José foi atraída para a margem do rio por um boto que se transformou num belo rapaz e a levou para o fundo das águas. Quando ela voltou, estava grávida de José.

No outro dia, cheguei ao bosque e fiquei escondido olhando para o homem. Logo chegou José. Ele estava sozinho e perguntei a ele sobre seus amigos. Ele disse que era para a gente ficar olhando para o homem que eles já iriam chegar. O homem, depois de cortar mais árvores, colocou a motosserra no chão e se sentou num tronco perto do rio. Quando ele se sentou, gritou e saiu correndo e pulando. O tronco estava em brasa, e queimou o bumbum do homem. Ele correu até o rio para apagar o fogo de sua calça e, quando estava saindo da água, viu um dos seus filhos dentro da água pedindo socorro. Mas quando chegou perto dele, viu que ele tinha se transformado num pato. O homem ficou confuso, pois não tinha visto fogo no bosque e porque também tinha deixado seus filhos na escola, antes de ir.

Ele achou melhor ir para casa descansar. Quando foi pegar a motosserra, ela tinha sumido. O homem começou a chorar. Apareceu um menino negro e perguntou para ele por que estava chorando. Ele respondeu que, depois de tudo o que tinha acontecido, ainda tinha sumido a motosserra e, sem ela, não poderia cortar as árvores. Não teria madeira para vender para a fábrica de papel, não teria dinheiro para comprar comida para sua família.

Eu e o José fomos para perto deles, pois estávamos com pena e queríamos ajudar. Aí, lembramos que tinha uma fábrica de latinhas de refrigerante, que comprava embalagens usadas dos catadores de lata, para usar o alumínio na fabricação de outras novas. Isso se chama reciclagem. Tivemos uma grande idéia: poderíamos fazer uma campanha pedindo para os moradores do nosso bairro separarem o lixo em vários sacos. Embalagens de papel, de plástico, de metal, de vidro num saco e, em outro, as cascas de banana, ovo, etc.

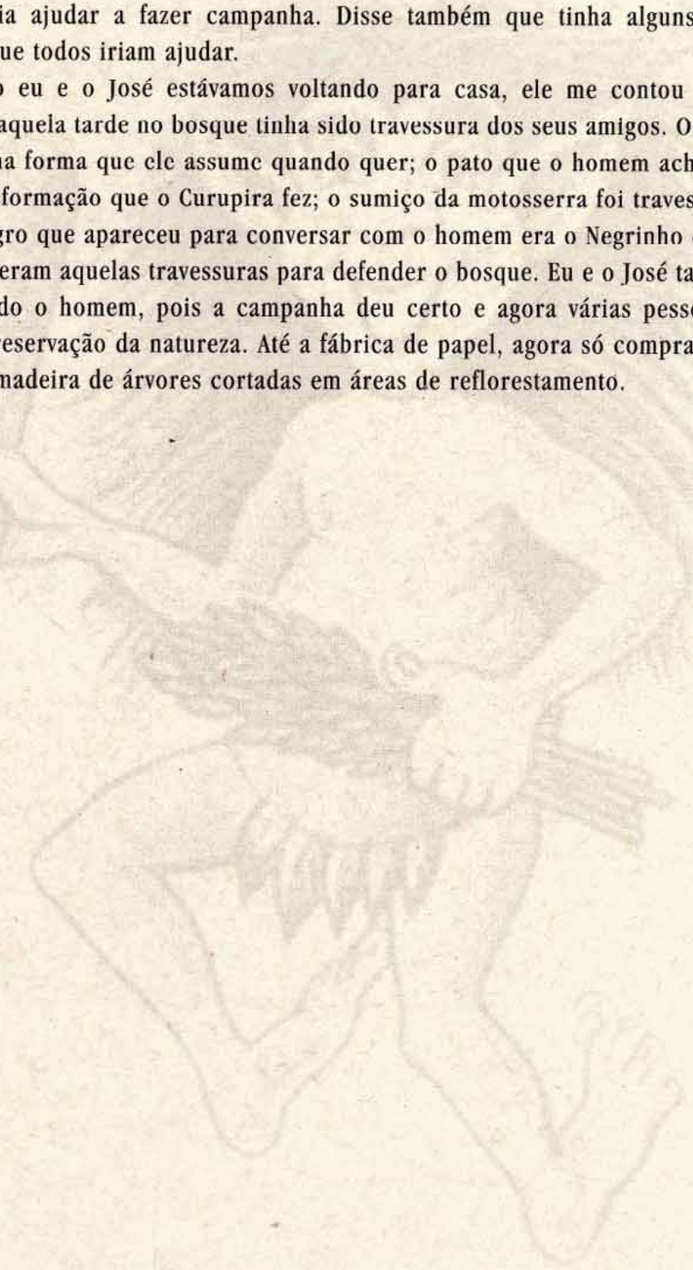
O homem poderia vender o lixo para as fábricas para ser reciclado. Ele gostou da idéia e

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

disse que iria ajudar a fazer campanha. Disse também que tinha alguns amigos precisando trabalhar e que todos iriam ajudar.

Quando eu e o José estávamos voltando para casa, ele me contou que tudo que tinha acontecido naquela tarde no bosque tinha sido travessura dos seus amigos. O tronco em brasa era o M'Boitatá na forma que ele assume quando quer; o pato que o homem achou que era seu filho foi uma transformação que o Curupira fez; o sumiço da motosserra foi travessura do Saci-Pererê; o menino negro que apareceu para conversar com o homem era o Negrinho do Pastoreio.

Eles fizeram aquelas travessuras para defender o bosque. Eu e o José também fizemos nossa parte ajudando o homem, pois a campanha deu certo e agora várias pessoas do nosso bairro ajudam na preservação da natureza. Até a fábrica de papel, agora só compra madeira de pessoas que vendem madeira de árvores cortadas em áreas de reflorestamento.



Raoni Sammut Negrão - Arujá - SP
12 anos - 5º lugar
Colégio Alpha

Olá! Meu nome é Barbara e essa é uma história que passo com minha eterna melhor amiga. É uma homenagem a todos os personagens do nosso querido folclore e à nossa Mata Atlântica, que merece todo o cuidado. E, ao mesmo tempo, um alerta ao homem, que está destruindo o que fará falta daqui a pouco tempo, prejudicando seus filhos, netos e muitas outras gerações. Boa leitura!

Capítulo I - Em clima de ar cinzento

Corria o ano de 2009 na cidade de São Paulo. Em meio a muita poluição, devido à devastação demasiada das florestas, podia-se ver, em um museu, uma das poucas mudas que restaram do tão sagrado pau-brasil.

Os tempos haviam mudado, ninguém mais freqüentava clubes, parques ou fazia piqueniques; agora, a nova mania era a Speed Transport, uma espécie de pulseira que transportava pessoas e objetos a longas distâncias em poucos milésimos de segundo.

Outrora, minha melhor amiga Juliana e eu pensávamos em como era diferente há alguns anos atrás, como corríamos pelos bosques do Parque da Cidade e víamos esquilinhos pularem sobre as árvores.

Juliana era meiga, tímida, tinha olhos azuis-escuros, cabelos num tom loiro meio acinzentado, muito bonito. Sua pele era branca e macia como a neve.

Eu era mais extrovertida, gostava muito de ouvir piadas e pular na piscina. Meus cabelos eram castanhos e bem compridos. Nós éramos as únicas pessoas que não gostavam de como estávamos vivendo; preferíamos ir pegar um copo d'água nós mesmas a recebê-lo somente por um toque no teclado de um robô.

É, parece que estamos no "Alto da Serra Elétrica e suas conseqüências". – brincou, um tanto triste, minha amiga.

Só um milagre pode nos ajudar. – falei com uma idéia por se formar.

Capítulo II - No Laboratório do Dr. Waltz

Ao amanhecer, Juliana e eu acordamos, conforme havíamos programado, para visitar Dr. Waltz, o cientista da cidade, que talvez pudesse achar uma maneira de ajudar-nos em nossa missão: defender com unhas e dentes a natureza.

Tivemos que usar a Speed Transport para chegar ao laboratório do cientista Dr. Paraclet Alfred Waltz, que ficava embaixo de uma das tantas estações de recepção de imagens de satélites ali existentes, cujo nome era Kingswar.

Dr. Waltz era um senhor de 3.007 anos, algo muito comum, pois, com a pílula rejuvenescedora, vivia-se para sempre. O cientista tinha cabelinhos brancos e arrepiados para os lados, olhos azuis, donos de um olhar muito penetrante, cravados em seu narigão "de batata", um par de óculos muito

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

grossos (apesar do avanço das cirurgias a laser nos olhos, Dr. Waltz preferia seus velhos óculos). Ele usava um avental branco como sua pele e sapatos verde-água bem chamativos; tinha verrugas espalhadas por todo o rosto, como se estivesse borbulhando. Seu laboratório era forrado de livros velhos e empoeirados que ele lia freqüentemente. Também havia um grande gnu em uma gaiola, um animal pelo qual Dr. Waltz se interessava muito. Vivia fazendo pesquisas sobre Tucker, nome que o inventor e cientista dera à criatura. Ao chegarmos lá, a recepcionista de Dr. Waltz, Petcy, tivera de ser arrumada, pois um parafuso caíra de seu braço esquerdo, portanto, entramos sozinhas no laboratório. Quando chamamos pelo inventor, este caiu de uma escada, fazendo o chão tremer. Também deixou cair um livro, que eu julgaria ter dois quilos de pó, e que estava suspenso em suas mãos antes da queda. Ele tinha um sorriso de orelha a orelha no rosto.

– Se machucou, Dr. Waltz? – perguntamos, Juliana e eu, preocupadas.

– Não, não, não, não, não, não. Tudo bem! – exclamou nosso velhinho, dando um estalo nas costas.

– Bem, o que querem? – indagou Dr. Waltz.

– Queremos de volta o ar puro, as árvores, os passarinhos coloridos e tudo o mais que perdemos. – afirmei, orgulhosa e segura.

Depois de muito conversarmos, Dr. Waltz decidiu que iríamos para a Shandaya, a máquina do tempo do cientista. Ela tinha esse nome porque Dr. Waltz tinha o costume de pôr nome em tudo o que inventava.

Capítulo III - Shandaya

Pelo que eu lembrava, Shandaya era um prisma triangular gigante, com portas de madeira pintada de rosa-fluorescente. Mas Dr. Waltz havia reformado e aperfeiçoado a máquina; agora ela tinha portas de elevador prateadas, janelas e botõezinhos amarelos e vermelhos por toda a parte. Minha companheira e eu perguntamos quando poderíamos partir, e se íamos em companhia de Hira, uma robô-assistente, não queríamos ir com ela. Não que não gostássemos dela, é que da última vez o robô não lembrava como ativar o Power Car (último invento de Dr. Waltaz), e quase não pudemos voltar para casa.

– Em primeiro lugar – sibilou o cientista – vou acompanhá-las. Em segundo lugar, vamos agora.

Era bom demais para ser verdade! Quase nunca fazíamos viagens nos inventos de Dr. Waltz, assim, sem combinar nada; sempre Dr. Waltz falava com nossos pais, fazia questão de ouvir da boca deles que "sim", e só depois de ele ajustar por mais duas semanas o transporte que iríamos usar é que nós partíamos. Eu achava tudo besteira, até o dia em que li num site que um astronauta havia morrido em X-17 (um planeta) por falta de preparo do foguete.

Capítulo IV - Em 4999

Embarcamos em Shandaya e teclamos o ano que queríamos chegar, escolhemos 4999 para ver como tudo seria daqui a 2.990 anos. Dr. Waltz tocou de leve nas teclas: quatro uma vez e na tecla de número nove três vezes.

Shandaya estremeceu e, num piscar de olhos, espiamos por uma das janelinhas e vimos pessoas vestidas com trajes que aparentavam ter 30 quilos e máscaras de oxigênio, como se a Terra fosse a Lua. Assim que descemos, eu perguntei ao Dr. Waltz por que as pessoas se vestiam daquele jeito. Ele me deu uma explicação impressionante:

– Bárbara – disse Dr. Waltz, dirigindo-se a mim – as pessoas se vestem desse modo porque o solo do nosso planeta, daqui a 2.990 anos, vai ser atacado pelos homens, que virão trazendo uma substância que torna o chão como "pula-pula". E, além de mudar o solo desta maneira, elevará sua temperatura para, aproximadamente, 70 graus, fazendo com que perca a gravidade - terminou o nosso companheiro num tom decepcionado. – Vamos, vamos indo.

Capítulo V - Os mais preciosos amigos

A próxima parada era 1950. Novamente, Dr. Waltz teclou 1, 9, 5 e 0 em Shandaya e, num leve tremor, chegamos à década de 50.

– Isso é demais! – exclamou Juliana, radiante.

– Precisamos pensar em como conscientizar e lembrar as pessoas de 2009 de como era melhor quando tínhamos árvores, flores, campos... – pensei em voz alta.

– Além dos animais indefesos, que não vivem sem a mata, como esquilos e sapos, saírem prejudicados! – falou Dr. Waltz, num tom de "Que injusto!".

Depois de um tempo sem ninguém ter uma idéia, o inventor Dr. Waltz fez a mesma cara de quando segurava aquele livro empoeirado antes de cair da escada, e tirou do bolso um aparelhinho que lembrava um microfone. Começou a falar no tal aparelho nomes que nem Juliana nem eu conhecíamos.

– Iara, Saci, M'Boitatá, Curupira, Negrinho do Pastoreio!

Como num passe de mágica, uma linda sereia, dois negrinhos, uma cobra em chamas e um menino de pés ao contrário apareceram. Dr. Waltz explicou que eles e outros faziam parte de nosso folclore, que sempre estavam dispostos a defender o verde e que ele havia inventado aquele "Doo-Doo"(mais um nome que Dr. Waltz criou) que era, de fato, um microfone para convocá-los numa emergência. E o melhor, iam ajudar-nos.

Capítulo VI - De volta para casa

Voltamos em Shandaya da mesma forma que fomos e, aterrissando no laboratório do Dr. Waltz,

começamos a fazer nossos planos.

Depois de muito discutir, as funções eram:

Iara: atrair turistas à praia.

Saci: soltar animais destinados ao sacrifício.

Curupira: proteger a mata.

Negrinho: vigiar os campos.

M'Boitatá: assustar caçadores.

Mas percebemos um problema: como trazer as árvores queimadas?

Felizmente, para essa pergunta, no dia seguinte todos sabiam a resposta.

– Precisamos incentivar a população a plantar árvores! - exclamamos todos de uma vez só, ao nos encontrarmos.

A partir daí, fizemos cartazes do gênero "Faça uma boa ação, plante uma árvore!".

Até demos uma palestra num hospital, dizendo que com ar puro, se levássemos os pacientes para apreciar o verde, provavelmente responderiam melhor aos tratamentos. Porém foi tudo em vão, descobrimos que o que faltava era amolecer o coração das pessoas, que pareciam mais robôs agora.

Capítulo VII - Operação S.O.S Mãe Natureza

Era hora de agir, Curupira não tinha o que defender, M'Boitatá e os outros também não. Na praia, corria tudo bem, Iara conseguira atrair muitos turistas. E ainda, já que havia muitos apaixonados na praia, alguns plantaram árvores, a fim de escrever seu nome junto ao do amado ou amada num coração. Isso gerou algumas árvores, mas pouquíssimas. Estávamos tentando defender o meio ambiente há meses e a única coisa que havíamos conseguido eram cinco ou seis árvores novas.

Aparentemente era o fim, quando eu tive uma idéia um tanto tonta, porém não tínhamos nada a perder.

Um desfile! Temos que tentar! O título pode ser S.O.S Mãe Natureza.

Dr. Waltz e Juliana me olhavam com aquela cara de "divirta-se sozinha", mas depois se acostumaram com a idéia e até gostaram. Uma semana depois, o cientista convocou o Boto Cor-de-Rosa; Dr. Waltz disse que seria uma entrada triunfal se viéssemos via fluvial e montados no Boto. Juliana adorou a idéia, já que adorava golfinhos e, segundo ela, o Boto é muito parecido com o golfinho.

– Espero que desta vez funcione... – disse Juliana, tentando colocar uma linha no cartaz para segurar na hora.

– Vai funcionar, Ju, porque tudo o que se deseja com o coração acontece! – sorriu docemente Dr. Waltz.

No dia seguinte, era Dia da Árvore, que andava esquecido ultimamente e, ao cair da noite,

fomos ao rio Tietê, o rio mais limpo da nossa cidade, só que esse rio havia sido canalizado, e depois cheio de novo com água do mar. Colocamos o Boto gentilmente na água e armamos tudo. Ao amanhecer, via-se uma linda cena: Juliana, Dr. Waltz, Tucker (o gnu de Dr. Waltz) e eu montados no Boto e, ao mesmo tempo, Iara nadando graciosamente, Saci, Curupira, M'Boitatá e Negrinho do Pastoreio à margem do rio, acenando. Os dois grupos, o aquático e o terrestre, eram unidos por uma enorme faixa que dizia "S.O.S Mãe Natureza, juntos nós tiramos de letra!". Muitas pessoas tiravam fotos e queriam saber como ajudar na campanha.

– Foi um sucesso! – exclamou Dr. Waltz diante das câmeras de reportagem dos mais variados canais de televisão e jornais que ali estavam.

– Sem a ajuda do nosso folclore, não teríamos conseguido! – confirmei orgulhosa.

– Vamos aparecer na televisão! – falou Juliana, dando pulos de alegria.

Realmente havia valido o nosso esforço!

Todos nós estávamos muito felizes, porém os nossos amigos especiais haviam ido embora. Sabíamos que não ficariam para sempre, mas fora uma triste despedida. De repente, Dr. Waltz chegou com o jornal, e, na manchete, algo que me deixou muito feliz: "Desfile ontem pela manhã conscientiza população, incentiva a plantar árvores e aumenta de maneira estrondosa a vegetação". Demos um grito de alegria e combinamos nunca nos separar. Ah, quanto às Speed Transports, games de última geração, continuaram sendo usados. Afinal, tecnologia na medida certa é bom, não é?

Apêndice

– Mas, Dr. Waltz, onde está Tucker? – indaguei, curiosa, pois há dois meses não o via.

– Tucker não existe! – exclamou o cientista.

Depois de tudo esclarecido, eu descobri que aquele gnu era imaginário. Era uma espécie de milagre; Dr. Waltz o viu caindo do céu e o pegou, começou a fazer pesquisas e concluiu que Tucker estava ali para ajudar, ele era o responsável pela Turma do Folclore. Dr. Waltz disse que aquele microfone "Doo-Doo" nunca funcionou, era Tucker o tempo todo! E agora ele havia ido ajudar outras pessoas que quisessem defender o meio ambiente.

– Só mais uma pergunta, Dr. Waltz. – falou Juliana. O que era aquele livro que o senhor tirava da estante quando caiu da escada, há um ano atrás?

– Ah, era meu livro de receitas de mousses de chocolate! – disse Dr. Waltz com a maior naturalidade do mundo.

Bárbara Ribeiro Sorrenti - São Paulo - SP
12 anos
Escola Miguel de Cervantes

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

AVENTURAS NO ACAMPAMENTO

Naqueles dias eu estava superansiosa. Era o meu primeiro dia de férias e faltavam apenas dois dias para meu primeiro acampamento. Meus pais estavam mais ansiosos do que eu. Eles queriam que eu fosse embora logo, afinal, eu não era nenhuma santinha e até hoje não sou. Tinha 11 anos na época, era muito arteira, fazia bagunça e vivia aprontando com todos. Esse era um dos motivos para meus pais quererem férias de mim.

Enfim, o grande dia chegou. Em uma manhã de céu claro e de clima agradabilíssimo partimos. Fomos para Goiás, perto de um vilarejo muito supersticioso. Ficamos em cabanas com duas pessoas em cada uma; no total havia 54 crianças acampando e seis monitores. Fomos divididos em três grupos com 18 crianças cada e dois monitores. Cada equipe realizava uma atividade para o grupo e, assim que essa fosse cumprida, o grupo estaria liberado para as brincadeiras. Meu grupo foi o primeiro a acabar as tarefas. Montamos as nossas barracas e buscamos lenha. Portanto, podíamos passear pela clareira ou nadar. Eu preferi ficar com o grupo e ouvir umas histórias do folclore local.

Nossa monitora contou as lendas do Saci, do Curupira, da Caipora e da Iara. As histórias do folclore nacional me impressionavam e eu sempre queria saber mais sobre o assunto.

Um dia fui escalada para ir buscar lenha. Já era tarde e eu estava com muito medo, não conhecia aquela floresta e fazia questão de não conhecer. Tinha a impressão de estar sendo observada. Tentei correr, gritar, mas não conseguia, então tropecei em alguma coisa, caí no chão e desmaiei.

Quando acordei, estava em um lugar completamente diferente, parecia o oco de uma árvore, era muito macio e confortável e lá não estava escuro, embora já fosse de noite. Só então percebi que estava sendo observada por duas estranhas criaturas, uma sem perna e a outra com os cabelos de fogo. Como eu era uma amante do folclore, reconheci logo as duas figuras ilustres: eram o Saci e o Curupira.

Embora fosse estranho, não tentei fugir, pelo contrário, tentei falar com eles:

– Olá, eu sempre quis conhecer vocês. Meu nome é Bia.

– Olá, mortal. – disse o Saci. Você já deve nos conhecer.

– É claro que sim, mas como eu vim parar aqui?

– Vocês estava sendo observada por nós desde que chegou aqui, fomos nós que fizemos você desmaiar para trazer você aqui. – disse o Curupira.

– Por quê?

– Você é a pessoa ideal para nos ajudar.

– Ajudar em quê exatamente?

– Ajude-nos a dar uma boa lição nos responsáveis pela poluição do nosso riacho e do nosso ar. Nós estamos pedindo ajuda porque tudo o que nós tentamos falhou, por favor, ajude-nos!

– Sim, mas contra quem?

– Contra um gigante destruidor chamado Progresso, você o conhece? – disse o Saci.

– Amigos, o Progresso não é um gigante, é apenas uma situação em que o homem está vivendo, estamos em tempo de progresso. Não se preocupe, o progresso só faz bem para nós, homens. – eu disse.

– Nossa, vejo que você é igual a todos os homens, uma egoísta ingrata que não sabe agradecer à Mãe Natureza pelos serviços que ela oferece. Olhe lá (apontou para uma fábrica que expelia uma fumaça negra no céu), você ainda acha que o progresso não é um gigante destruidor da natureza?

– Mas Saci, nós não podemos acabar com o progresso...

– Claro que não, mas ele pode acontecer sem acabar com a natureza.

– Mas como?

– Ora, não há nada mais fácil do que isso, nós podemos plantar duas árvores para cada uma que cortamos, podemos colocar filtros nas chaminés, não jogar lixo nas ruas e não poluir os mananciais. Tudo isso já ajuda.

– Você vai ser a nossa advogada, nós não podemos aparecer para os humanos, mas você pode. Então vamos naquela fábrica e vamos colocar filtros naquelas chaminés...

CURRUPACO PAPACO, CURRUPACO PAPACO...

– O que é isso? – eu perguntei.

– É o Papamel, meu cachorro, ele está dizendo que tem alguém cortando árvores na clareira.

– Parece canto de papagaio. – eu disse.

– Foi com o meu cachorro que os papagaios aprenderam a falar isso. - disse o Curupira.

– Mas temos que cuidar desse intruso. – disse o Saci.

– Eu vou na frente, Saci. Por favor, leve-a pelo ar. – continuou o Curupira.

O Saci girou seu corpo e um minifuracão apareceu e nos envolveu, elevando-nos no ar. Chegamos a uma clareira e o Curupira disse:

– Ele estava cortando as árvores! É desse tipo de gente que eu falava, Bia, gente ruim que só quer o mal da natureza.

– Seu Saci, eu só estava cortando essa árvore porque é dela que eu tiro o meu dinheirinho... Se eu não levo a árvore, não recebo pagamento e meus filhos não comem... – disse o homem, aos prantos.

– Saci, ele não faz por mal, ele tem que levar o sustento da família dele. – eu disse.

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

– Sei, Bia, mas o que eu faço?

– Tome algumas frutas e folhas, essas você e sua família podem comer à vontade, pegue seu alimento nas folhas, não precisa derrubar as árvores.

– Pode ir embora dessa vez, mas não volte a fazer isso. – disse o Curupira, estendendo a mão para entregar ao homem algumas folhas e frutas.

– Saci, eu estava aqui pensando, vamos àquela fábrica que solta a fumaça preta no céu?

– É lá que nós vamos agora. – disse o Curupira. – Como você sabia?

– Eu sei de tudo. – eu disse, brincando.

Quando nós estávamos chegando na fábrica, o Saci disse que, a partir dali, ele e o Curupira ficariam invisíveis. A fábrica não ficava muito longe e quando lá chegamos fui muito mal atendida. Para falar com o dono da empresa, o Curupira teve que jogar um feitiço na atendente. Foi meio difícil, pois ela não estava caçando ou agredindo a natureza, mas o Curupira conseguiu.

O dono da fábrica era um candidato a governador do estado e só falava sobre as eleições, ele fazia de tudo por um voto. Ele estava em reunião com os seus advogados, mas entrei assim mesmo.

– Pois não, mocinha, o que você faz aqui? Quem deixou você entrar? – ele disse.

– Eu entrei sozinha, vim falar com o senhor, posso?

– Claro.

– Vou direto ao assunto: eu queria pedir para o senhor colocar filtros nas chaminés da sua empresa.

– É claro que não vou colocar, isso deve sair uma fortuna e, além disso, que benefícios traria?

– Não fica mais caro que uma multa por crimes ambientais. – eu disse.

– Ora, mas que mocinha esperta!

– Não sou esperta, sou consciente, posso muito bem fazer você pagar milhões em multa e, além do mais, posso fazer você aparecer em todas as manchetes de jornais: CANDIDATO A GOVERNADOR SE RECUSA A COLOCAR FILTROS NAS CHAMINÉS DE SUA FÁBRICA... Ficaria lindo nos jornais, você não acha? Bem, eu acho que aqui você não está em condições de exigir nada, e aí, vai colocar?

– Diga logo!

– Vou.

– Ótimo, adeus.

Meus amigos ficaram estonteados, eles estavam tentando fazer com que elas colocassem as chaminés e nada. Agora, finalmente, eles conseguiram. Então foi aí que eu me lembrei do pessoal do acampamento. Fazia dois dias que eu estava desaparecida. Eles deviam estar preocupadíssimos

comigo... eu tinha que voltar. Eu contei para o Saci e ele disse que era melhor eu voltar logo. Disse também que iria sentir saudades... Ele me abraçou e disse que também iria.

Era chegada a hora do regresso e, sem mais, fui em direção aos meus amigos do acampamento. Na partida, meus novos amigos apareceram para mim e se despediram novamente.

Voltei ao acampamento e depois a São Paulo, mas nunca me esqueço dos meus amigos do Folclore...

Beatriz Acácia Lourenço - Osasco - SP
11 anos
Colégio Nossa Senhora dos Remédios

A MISSÃO DO NEGRINHO DO PASTOREIO

Moro na fazenda de meu avô Haroldo, junto com meus pais. Ela se localiza em Petrópolis, no Rio de Janeiro, e está dentro da Reserva da Mata Atlântica. O vovô Haroldo conserva muito bem a Mata Atlântica; a lição que ele nos dá todos os dias, sem cansar, é a preservação do meio ambiente. Ele sempre diz:

– Precisamos cuidar da natureza para podermos ter qualidade de vida.

Ele faz questão de que a fazenda seja aberta ao público e ele mesmo, aos 80 anos, conduz a sua palestra: "O meio ambiente e a preservação da vida".

Todos que vêm, saem encantados e cada um recebe uma muda de árvore para que elas sejam espalhadas mundo afora, enfeitando jardins e praças. O seu trabalho é reconhecido no mundo inteiro. Ele tem uma sala com todos os seus troféus e prêmios. Ele é o orgulho de nossa família. A nossa fazenda chama-se Ouro Preto (tem esse nome porque, na realidade, o vovô é mineiro). Eu, aos 5 anos, aprendi a montar no meu querido pônei Amiguinho e agora, aos 12 anos, cavalgo o Trovão, presente dos meus pais Antônio e Marta.

Todos os dias de manhã, eu, Sr. Joaquim, o capataz, e os seus filhos João e Túlio, conduzimos os cavalos pela mata adentro. Olha, é uma sensação maravilhosa! Há exatamente 15 dias, aconteceu um "episódio" triste em nossas vidas. Esse fato aconteceu em uma manhã quando nós entramos mata adentro. Sentimos um forte cheiro de fumaça e um barulho de fogo, que se alastrava em direção às vegetações e às inocentes criaturas da mata, causando uma confusão enorme naquele ecossistema tão preservado, cuidado e amado. Os cavalos ficavam assustados e corriam para todos os lados. Tivemos que voltar para buscar socorro.

O vozinho, de pé, observava a fumaça de longe e, logo que chegamos, chamamos os bombeiros, e a assistência chegou logo. Mas a nossa impotência era maior, o esforço não era bastante diante do gigantesco "monstro fogo".

Cansada de lutar, sentei num toco. Pensava no que poderia fazer e, num instante, numa infinidade de pensamentos, surgiu a lição de folclore do Negrinho do Pastoreio. E eu o vi passeando em minha mente e a esperança surgiu em meu coração aflito.

Comecei a pedir ao Negrinho do Pastoreio que apagasse o fogo e trouxesse os cavalos. Cheguei a inventar uma canção para ele:

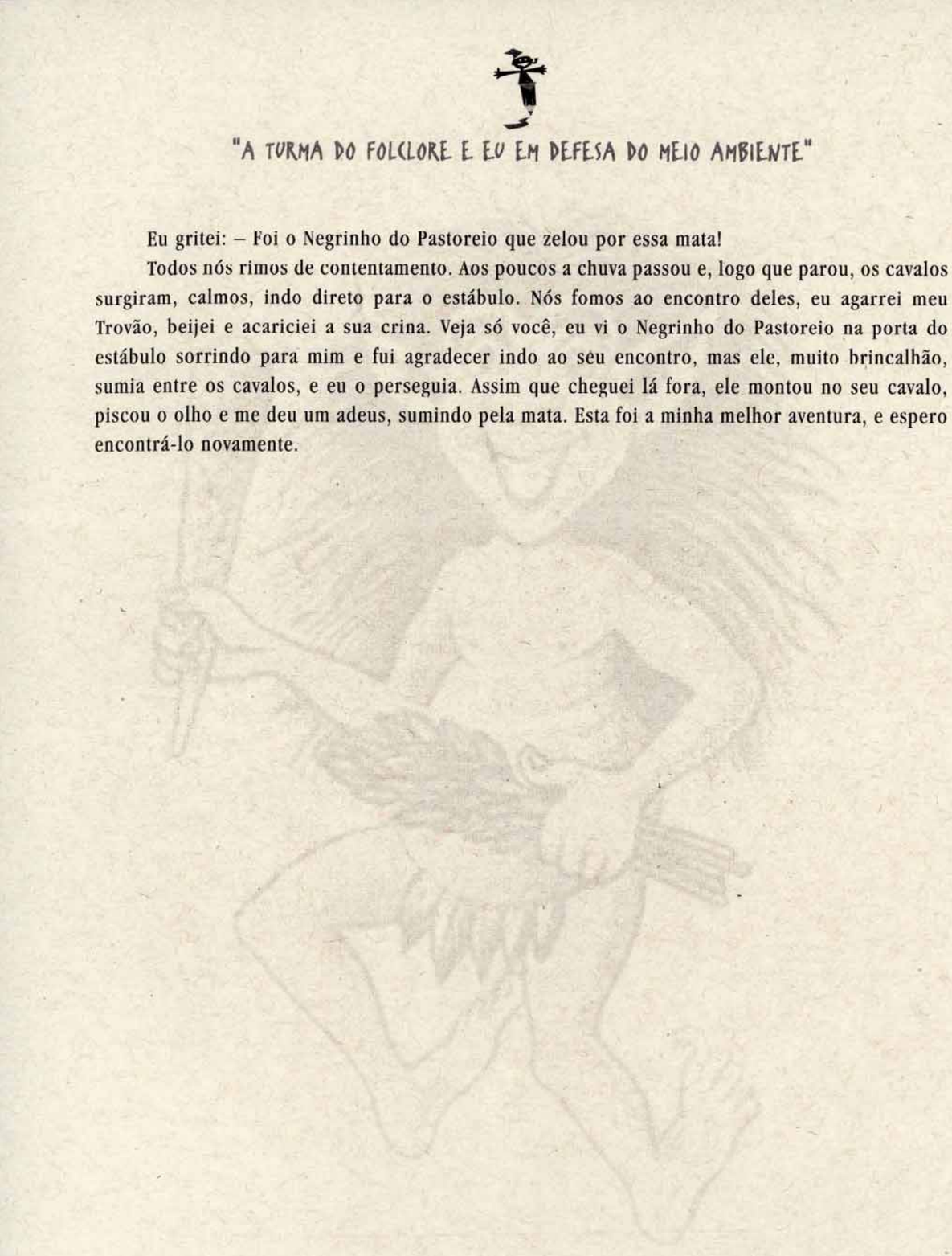
– "Negrinho do Pastoreio, apague o fogo, traga os cavalos, pois sei que é guerreiro".

Cantei esta canção e, aos poucos, caiu uma chuva fina, que foi se transformando num temporal, um vento forte que ajudava a chuva.

Nós tivemos que correr para a fazenda, ficamos na varanda, olhando aquele espetáculo celeste. Sentimos um alívio, muito felizes. Pulamos de alegria numa festa.

Eu gritei: – Foi o Negrinho do Pastoreio que zelou por essa mata!

Todos nós rimos de contentamento. Aos poucos a chuva passou e, logo que parou, os cavalos surgiram, calmos, indo direto para o estábulo. Nós fomos ao encontro deles, eu agarrei meu Trovão, beijei e acariciei a sua crina. Veja só você, eu vi o Negrinho do Pastoreio na porta do estábulo sorrindo para mim e fui agradecer indo ao seu encontro, mas ele, muito brincalhão, sumia entre os cavalos, e eu o perseguia. Assim que cheguei lá fora, ele montou no seu cavalo, piscou o olho e me deu um adeus, sumindo pela mata. Esta foi a minha melhor aventura, e espero encontrá-lo novamente.



Camila Coutinho Miranda - Rio de Janeiro - RJ
11 anos
E.E.E.F. Republica

Eu nunca acreditei em Saci, Mula-Sem-Cabeça, M'Boitatá e companhia, na minha cabeça eram histórias. Mas certa vez viajei para o sítio do meu avô, lá pelas bandas da Zona da Mata no interior da Bahia. Meu avô disse que nós íamos furar mel de abelhas na mata. Seguimos mata adentro quando, de repente, me vi longe do grupo, sozinho, perdido naquela mata fechada.

Fiquei em pânico, imaginando mil coisas, meu coração parecia uma bomba prestes a explodir, quando senti o meu corpo gelar. Alguém tinha tocado em mim. Fiquei duro como um pedaço de pau, depois de alguns minutos consegui me mover e ver o que me esperava, um negrinho preto que nem carvão, olho arregalado, touca vermelha na cabeça, uma perna só, meu Deus, era um Saci! Gritei, gritei e ninguém me ouviu. Ele olhou para mim e disse:

– Menino branquelo e feio, você tem medo de quê?

Eu não conseguia abrir a boca, parecia um sonho, e ele tornou a falar:

– Vamos, moleque, fale alguma coisa!

Depois de algum tempo eu falei:

– O que você quer de mim?

E ele respondeu:

– Preciso de ajuda! O seu avô e os homens estão destruindo as matas, fazendo queimadas para plantar roças ou pastos para bois, as matas estão se acabando, a madeira está sendo vendida, só visando fins lucrativos. O homem só pensa em dinheiro e progresso, e esquece o mais importante, que é a vida e o contato com a natureza.

O Saci pegou a minha mão e disse:

– Diego, feche os olhos e sinta Deus no ar, no cheiro da mata, nas flores, nos animais. Parecia mágica. Ao abrir novamente os olhos, já me encontrava à beira de um rio, e de uma hora para outra eu estava no fundo do rio conversando com nada mais nada menos que o Boto, que me pedia:

– Amigo, ajude-nos, não deixe os homens matarem a esperança.

O Saci não largava da minha mão, ele era o meu guia. Saímos do rio como num passe de mágica, e ele disse:

– Vamos, preciso te apresentar aos meus amigos.

Entramos novamente na mata, era tudo mágico, ora estávamos em um lugar ora em outro, eu só precisava fechar e abrir os olhos. Ouvi o barulho de folhas secas sendo pisadas e, de repente, apareceu um menino todo peludo. Tinha cabelos longos, os olhos eram como fogo, e o mais engraçado eram os pés voltados para trás. Ele me fitou bem nos olhos e disse a mesma frase:

– Precisamos de ajuda! O homem mata os animais por prazer, por diversão, o que será de nós e de vocês daqui a alguns anos?

Tive pena daquele menino, ele era feio, mas o seu espírito era puro. Em certo momento, eu

ainda ali segurando a mão de meu então amigo Saci, ouvi como se um cavalo se aproximasse da gente. Quando olhei, vi um lindo cavalo baio, e no seu lombo um negrinho, não de carne e osso como nós, mas em espírito de luz. Dá para imaginar a minha emoção, chorei, como menino que sou. Do meu lado apareceu uma mulher linda, vestia roupa azul e branca, parecia um anjo, me olhou com tanto amor nos olhos! Sim, olhos de mãe que ama seus filhos. Queria abraçar aquela mulher e sentia que a amava. Ela disse:

– Filho, eu te amo e amo também a natureza, por isso precisamos de ajuda.

Ela me deu as instruções e disse como deveria agir para vivermos em paz com a natureza. Sumiu na fumaça, assim como o negrinho no cavalo. Só ficamos eu e o amigo Saci. Perguntei a ele sobre o M'Boitatá e ele disse que tinha ido apagar um incêndio numa fazenda vizinha à do meu avô.

Ouvimos vozes. Era o meu avô. O Saci me abraçou e disse:

– Precisamos nos separar, porque os adultos não podem nos ver, somente olhos de criança nos enxergam.

E ele sumiu na fumaça, fiquei me sentindo vazio e triste, não veria mais o meu amigo. Vovô chegou e ralhou comigo:

– Menino, você nos deu um grande susto.

Expliquei a ele que tinha me perdido, mas que tudo estava bem. Não lhe contei o que me aconteceu, também ninguém iria acreditar. Dali a alguns dias voltei para Salvador, que é onde eu moro com os meus pais, e nunca mais ouvi falar do meu amigo Saci. Às vezes penso que foi sonho. Sonho ou não, fica a mensagem daquela mulher bonita de azul: "homem e natureza devem se amar de toda alma e coração".

Então, homens, preservem o meio ambiente. Dinheiro é muito bom, mas dinheiro não tem alma nem espírito, e tudo que tem vida tem espírito. Não matem a vida.

Abraços.
Diego Carapiá

Diego Carapiá da Costa - Salvador - BA
11 anos
Colméia

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Foi passando pelas linhas de Monteiro Lobato que tive uma estranha sensação. Parecia que de leve alguém tocava minha mão, e um arrepio tomou-me o corpo inteiro. Não sabia se enfrentava ou se ia embora. Quis correr, mas um assovio penetrou-me os ouvidos. De olhos arregalados, reconheci: era a mão da Caipora. Tinha um olhar triste e respiração ofegante.

– Que fazes aqui? Não é no livro que você mora? – perguntei à visitante.

– Preciso de ajuda para salvar o mundo dos homens, e dos bichos, mas ninguém crê que "ele" precisa de salvação. Os homens são ocupados demais com o mundo digital. Nem se dão conta de que ainda respiram e de que a água de seus chuveiros não é virtual.

– Mas Dona Caipora, que posso eu fazer aqui de meu quarto e a senhora sozinha, presa num livro?

– Eu, o Curupira, o Saci-Pererê e muitos outros do folclore mantemos o sonho de um homem vivo! O nosso criador, por isso que você está aqui. Porque, de alguma forma, todos os sonhos se encontram. A vida se faz das coisas mais simples e, para sabê-las, é só ter um coração bom e simples. Só a criança possui este coração, e sente o mundo essencialmente como ele é, sem renomes, sem disfarces. Não polua seu coração com as ilusões de metais que estão acabando com todas as vidas do planeta. Olhe pro céu, toque no vento, liberte seu pensamento e saiba que tudo à sua volta é vivo! Ande no asfalto, mas olhe pro alto, enxergue a lua e conheça o mundo das corujas! Saia na chuva e deixe a água invadir-lhe a alma bonita! E, nessa dança louca, renda-se à música que anima o universo, a vida que ainda pode ser salva por um sonho, menina!

De repente, ouvi um grito agudo e, sem pensar, respondi.

– Já vou, Caipora, vou ajudar você a preservar o mundo!

– O que é isso, menina, estava dormindo? – disse a minha mãe. Venha jantar que já passou da hora!

Estela Rocha de Úngaro - Mogi das Cruzes - SP
11 anos
E.E. Dr. Washington Luís



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Vou contar uma aventura fantástica que aconteceu comigo. Era o 22 de agosto, dia do meu aniversário e dia do Folclore Brasileiro. Eu estava comemorando, passeando de barco pelo rio Amazonas. Olhando para as águas do rio, notei que tinha muita sujeira: pneus, latinhas, plásticos. Também vi na beira do rio uma porção de árvores derrubadas. Percebi então que os homens estavam estragando demais a natureza, tudo por causa do dinheiro.

De repente, o céu escureceu, o rio ficou bravo, cheio de ondas fortes. Foi aí que uma dessas ondas enormes me atirou dentro do rio. Eu ia caindo, rolando para o fundo. Naquela confusão e medo, percebi que meu corpo se modificava. Já estava ficando sem ar, quando alguma coisa começou a me puxar para cima e me levou até a beira de uma prainha do rio.

Surpresa, vi que um boto me tirou da água, e mais surpresa ainda eu fiquei quando ele falou comigo:

– Menina, olhe o seu reflexo nas águas do rio.

Eu fui olhar e levei um susto.

– Nossa! Meu Deus! Por que estou com essas orelhas pontudas e com essas lindas asas brilhantes e azuis? – eu perguntei.

Quando olhei ao meu redor, vi que, além do Boto, estavam: o Saci-Pererê, o M'Boitatá, o Curupira e o Negrinho do Pastoreio. Foi então que o Saci me respondeu:

– Essas asas são para que você nos ajude a salvar o meio ambiente dos homens que querem destruir a natureza.

– E essas orelhas pontudas?

Riu muito o Saci, e falou:

– Ah, ah, ah! Elas não têm utilidade, foi só uma de minhas traquinagens!

Não me importei muito com as orelhas, porque até que fiquei bonitinha. Perguntei:

– O que faremos para salvar o meio ambiente? Gostaria de saber como vou ajudá-los.

– Nós vamos afastar os humanos que fazem mal para a natureza, não só daqui da Amazônia, mas do Brasil inteiro. – disse o Negrinho do Pastoreio.

A Turma do Folclore me explicou tudo o que iria acontecer nos acampamentos dos madeireiros e caçadores, e nos rios do Brasil. Cada um de nós da Turma teria uma função no plano, e a minha era servir de transporte rápido, pelo céu, para a Turma toda, que, num passe de mágica, ficava em miniatura para eu poder carregá-los.

– Nossa! Que legal a minha função! Vou voar, voar, voar. Eu me sentia importante, útil e muito feliz por fazer parte da Turma.

Agora, vou contar para vocês o que acontecia em cada acampamento, sempre com a ajuda das crianças que moravam próximas a ele. Eu, com minhas asas, começava toda a operação transportando a Turma para perto do acampamento a ser destruído.



"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Então, o Negrinho do Pastoreio reunia todas as crianças do local. O Saci-Pererê ensinava para essas crianças diversas travessuras, como colocar barro nas botas dos homens; passar mel nos cabelos e bigodes enquanto dormiam; esconder todas as suas roupas; colocar sal no açucareiro e açúcar no saleiro, etc. Os acampamentos, no início da manhã, estavam uma bagunça, e os homens, maluquinhos.

Já a função do Curupira era de arrepiar os pelinhos de qualquer um, porque toda vez que um caçador matava um animal e ia pegá-lo, o Curupira transformava o corpo do animal morto em uma pessoa que o caçador amava. Dava dó ver o horror do homem quando via morto seu filho, pai, mãe ou esposa.

O M'Boitatá nos fazia rir quando queimava o traseiro de quem ousava colocar fogo na mata.

O Boto agia nos rios. Toda pessoa que matava jacarés, peixes em excesso ou poluía as águas, era levada pelo Boto para o fundo do rio, e ninguém mais ouvia falar dela.

A Turma do Folclore e eu ficávamos para cá e para lá, infernizando os acampamentos até desfazê-los. E as crianças de cada lugar ficavam felizes e conscientes da importância da natureza para o futuro delas.

Não só a Amazônia, mas todo o Brasil ficou livre da destruição. Hoje, no mundo, o Brasil é conhecido como O PAÍS NATUREZA.

Ah! Vou contar uma coisa superlegal: neste terceiro milênio, um novo membro da Turma do Folclore começou a aparecer nos livros escolares das crianças: eu, a menina das asas azuis!!!

Evelyn Schafer Licciardi - São Paulo - SP
11 anos
Escola Beatíssima Virgem Maria

Faltavam alguns minutos para o final da última aula. Mas o relógio parecia não querer colaborar comigo para que a ansiedade chegasse ao fim. Naquela tarde, eu me sentia tão bem e feliz que nada poderia me incomodar, a não ser aquele relógio que insistia em não trabalhar. Contei cada minuto, segundo, mas finalmente o sinal soou e lá fui eu, ao encontro de minhas férias tão esperadas. Mal continha a ansiedade quando cheguei ofegante ao carro que me aguardava.

– Calma, meu filho. – disse minha mãe, percebendo o que eu sentia. - O avião com certeza não parte sem você! – completou me dando um beijo.

– Não sei não, mãe, prefiro chegar antes para que nada dê errado.

Ela sorriu aquele sorriso de mãe que, sem dizer nada, diz tudo.

– Falou com o vô?

– Falei, ele vai te esperar no aeroporto. Por que tanto entusiasmo com essa viagem? Há algum tempo atrás você não gostava de ir para a fazenda.

– É que antes eu não tinha amigos lá, agora eu tenho.

– Que amigos são esses? A fazenda mais próxima fica a alguns quilômetros.

– São amigos que o vô Pedro me apresentou.

– Bem, se seu avô os conhece, tudo bem!

Continuamos nosso caminho até o aeroporto. A viagem foi boa, graças a Deus, também foi breve. Vovô estava me esperando, como combinado. Minha alma muito se alegrou por vê-lo. É um senhor simpático e de muita sabedoria, conhece tantas histórias que até parece uma enciclopédia. E foi assim que ele me conquistou por definitivo nas últimas férias. Me fez conhecer amigos incomuns e especiais. Estar com vô Pedro já é uma grande aventura. Corri ao seu encontro e o abracei.

– Gustavinho, que bom você ter chegado.

– É muito bom voltar, vovô. Como vão as coisas por aqui?

– Infelizmente não muito bem, mas vão melhorar, com certeza. Vamos indo, no caminho eu te explico.

Ia esquecendo de contar que o vovô mora em uma fazenda no interior do Mato Grosso e eu, no interior de São Paulo. A última vez que nos vimos foi nas férias de dezembro. E agora, em julho, de tanto eu insistir, meus pais concordaram em me deixar vir. A fazenda de meu avô é próxima a uma reserva ambiental muito grande e muito bonita, com lagos, rios, cachoeiras e uma rica vegetação. É um pedaço do paraíso, segundo o meu avô. Mas o que ele estava me contando agora é que algumas pessoas malvadas estavam tentando destruir esse paraíso.

Chegamos à casa da fazenda já à noitinha, vó Bel nos esperava com um delicioso jantar. Minha mãe liga, conversamos e mais outra vez ela recomenda uma infinidade de cuidados. Depois fui dormir, o dia seguinte, com certeza, seria cheio de emoções e descobertas. Acordei bem cedo. Vô Pedro e vó Bel ainda estavam dormindo. Tomei um café reforçado, arrumei alguns lanches na

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

mochila, e também cordas, lanternas e meu inseparável canivete 007, presente do meu pai. Deixei um bilhete e fui averiguar o que estava acontecendo em nosso paraíso.

O dia prometia. Andei durante algum tempo em direção à reserva, a paisagem parecia a mesma, mas a aproximação revelava a diferença. Focos de fumaça e barulhos estranhos de máquinas iam ficando cada vez mais fortes. De longe, vi um cavalo que corria, respirei aliviado, minha ajuda estava chegando. Continuei andando, algum tempo depois senti uma mão em meu ombro, me virei e não vi ninguém, mas eu sabia que ele estava lá.

– E aí, Negrinho, quais as novas?

– Fico contente de você ter chegado, nossa Turma está precisando de ajuda.

Era o Negrinho do Pastoreio, meu amigo de caminhadas, continuamos andando, enquanto ele ia me contando sobre a Turma e a situação da reserva.

– Há mais ou menos dois meses, homens e máquinas estão invadindo e destruindo a mata e os animais.

– Mas e os poderes da Turma? O que aconteceu? – perguntei, curioso, afinal cada um deles tinha uma defesa especial.

– Todos foram presos no próprio poder.

– Como assim?

– Tudo aquilo que eles usam para se defender e para lutar pela terra foi usado contra eles.

Fiquei com cara de espanto, meio sem entender, mas o Negrinho continuou.

– O Saci teve suas artes descobertas, e as pessoas não se importam com suas molequices, não se zangam nem dão bola para ele. Por isso, ele fica o dia choramingando sem entender nada. Está tão preocupado com ele que não se importa mais com o que acontece na mata.

Parou de falar de repente e fez um sinal de silêncio, um choro foi ouvido.

– É ele, escute só.

Fomos e encontramos o Saci, abatido e choroso.

– O que é isso, Pererê? Deixe de choro e mãos à obra.

Parece que, quando me viu, criou novo ânimo, saltou em sua única perna e começou a falar e pular.

– Que bom que você veio. Sabe me ensinar alguma arte nova?

– Ah! Pererê, nova arte aqui é salvar a mata, que está sendo destruída.

– Isso eu não posso, não tenho mais meus poderes.

– Deixe de bobagem! Seus poderes e sua criatividade nunca vão acabar. Enquanto houver crianças, velhos e "causos", seus poderes continuarão.

– É isso aí, Gu. "Bora lá!"

E nós três seguimos adiante, em busca dos outros e elaborando planos para tirar aqueles

homens dali. Durante o trajeto, pude observar o tamanho do estrago feito até agora em nosso paraíso. Árvores antigas cortadas, onde havia mata fechada agora existiam estradas para os tratores e caminhões. Vô Pedro me disse que pretendiam construir um grande condomínio. Que absurdo! Destruir para construir. Quando me dei conta, estávamos em frente ao rio que passa por ali, a água estava suja e cheia de pedaços de madeira. Em uma pedra estavam a Uiara e o Boto, acabrunhados e silenciosos. Pererê pulava e gritava, para chamar a atenção, mas não adiantava, a apatia continuava.

– Ei, amigos!! – gritei. – Vamos lá, temos muito a fazer.

Me olharam, mas não se animaram.

– Vamos nos unir, nosso paraíso precisa de nós!

– É isso aí, cambada, vamos lá! – gritou o Saci.

– Não podemos fazer nada! – disse o Boto.

– É claro que podemos! Todos nós juntos podemos fazer alguma coisa. O que não devemos é deixar essa destruição continuar. Por favor, acreditem, vamos!!

Aqueles olhinhos começaram a brilhar, eles se encheram de ânimo e, na mesma hora, a Uiara começou a cantar. Foi um canto diferente, de liberdade. E, nessa hora, todos nós nos enchemos de coragem e desejo de fazer algo. Até o M'Boitatá e o Curupira apareceram para nos ajudar, e olha que eu nem os conhecia. Foi tanta animação, tanto fala-fala, que parecia reunião de colégio. Juntos arrumamos planos e os colocamos em prática no mesmo instante. O Pererê conseguiu amarrar os homens, eram nós inacreditáveis. Uiara cantava melodias que tocavam no coração daquelas pessoas, e o Curupira os fazia enxergar quanta maldade estavam fazendo com aquelas pobres criaturas indefesas, alguns até choraram de remorso. Com a ajuda do meu canivete libertamos vários animais aprisionados. M'Boitatá junto com o Boto iam pondo fim às queimadas. O Negrinho ia dando um jeito naquelas máquinas para não destruírem nada. Menino inteligente, esse Negrinho! Mas a surpresa maior e mais emocionante foi no final, quando todos uniram seus poderes, seus desejos e seus corações na vontade de recuperar tudo o que havia sido destruído. Eu mal pude acreditar, a mata aos poucos foi se fortalecendo, as árvores foram brotando, as águas se tornaram limpas e o canto dos pássaros voltou a ser ouvido. Foi maravilhoso. No final do dia, tínhamos a certeza do dever cumprido e a promessa daquelas pessoas de que nunca mais voltariam ali para matar e destruir. Fui para casa. Vó Bel já estava preocupada, mas vô Pedro já desconfiava qual era meu paradeiro. Contei tudo a ele, com detalhes, e ele ficou muito contente.

Durante o resto das férias, ia todos os dias com meus amigos passear pela mata, aprendi coisas interessantes e muito importantes.

Na volta para casa, pude, com o coração feliz, contemplar lá do alto aquela mata verdinha e bonita. Era o meu pedaço do paraíso.

Gustavo Aureliano Firmo - Mucuri - BA
11 anos
Colégio Casa do Estudante - Leon Feffer II

"A TURMA DO FOLCLORE E EU EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE"

Era uma vez uma anjinha chamada Jéssica. Eu vivia tranqüilamente no céu, fui convocada pelo mestre Deus para uma reunião. E nessa reunião, ele falou:

– Vou te mandar lá para a Terra para ajudar os defensores da natureza, porque eles não estão conseguindo convencer o homem a preservar a natureza.

Aí pedi a Deus para me dizer os nomes dos defensores. Ele me respondeu:

– Saci-Pererê, M'Boitatá, Curupira, Uiara-Iara, Boto e Negrinho do Pastoreio.

Aí chegou a parte mais difícil: NASCER.

Deus procurou pais que fossem apaixonados pela natureza. Uns dias depois ele encontrou Erilene e Jésus. Após 9 meses eu nasci, e o tempo foi passando e eu crescendo, até que cheguei aos 7 anos e tomei consciência da minha missão. Mentalmente busquei os meus amigos.

O Saci-Pererê, o mais levado da Turma, convocou uma reunião com os meus amigos, com o Curupira, o M'Boitatá, a Iara, o Boto e o Negrinho do Pastorcio.

Na reunião, eu falei para cada um ficar com uma missão, todos concordaram. O Saci-Pererê foi incumbido de falar com os humanos. M'Boitatá foi convocado parar cuidar dos campos. Curupira para cuidar das florestas brasileiras. Iara e Boto para cuidar das águas. E o Negrinho do Pastoreio para cuidar dos animais.

Nossa turminha se reúne uma vez por semana para avaliar os resultados. Só que estamos muito tristes: de todos os bichos, o homem é o único que destrói o seu próprio habitat.

Nunca perderemos a esperança, com certeza um dia conseguiremos conscientizar o bicho homem.

Êta bicho difícil!

Jéssica dos Santos Alves - Araruama - RJ
10 anos
Colégio Cenecista